

Semanário

Director:  
António Dias Lourenço

Ano 53 - Série VII - N.º 617  
24 de Outubro de 1985  
Preço: 40\$00

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. - Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 25 - Telex 18390 Composição e impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa



## Revitalizar a acção sindical

O movimento sindical unitário prepara por todo o País a II Conferência de Organização Sindical. Marcada para os dias 4 a 9 de Novembro próximo, a iniciativa, descentralizada e aberta a todas as organizações filiadas ou não na CGTP-IN, como é prática usual no movimento, abrange todas as regiões do Continente. «Sindicalizar/Revitalizar a Acção Sindical/Organizar Melhor» são os temas centrais da Conferência, cuja preparação decorre a partir de um documento orientador. A primeira Conferência deste tipo foi organizada pela CGTP-IN em 17 e 18 de Fevereiro de 1979.

Pág. 8/Semana



## Ensino: o caos tem responsáveis

Irregularidades e injustiças na colocação de professores, atrasos incompreensíveis nos planos de obras há muito necessárias para o funcionamento de numerosas escolas, falhanços (reconhecidos pelo próprio Ministério) na política de novos estabelecimentos de ensino, instabilidade e atrasos no recrutamento de pessoal dos serviços de apoio, problemas graves no âmbito pedagógico, confusão generalizada na escolha de compêndios escolares, alunos colocados fora da sua área de residência, escolas transformadas em autênticos armazéns com horários e instalação superlotadas, selectividade reforçada, apreensões quanto ao futuro do ano lectivo 1985/86 — um dos mais «negros» do ensino... Esta é a marca PSD, hoje com João de Deus Pinheiro, ontem com Crespo e Seabra, no Ministério da Educação. Há que pôr fim a esta política desastrosa!

Pág. 4/Em Foco



## Congresso do Alentejo

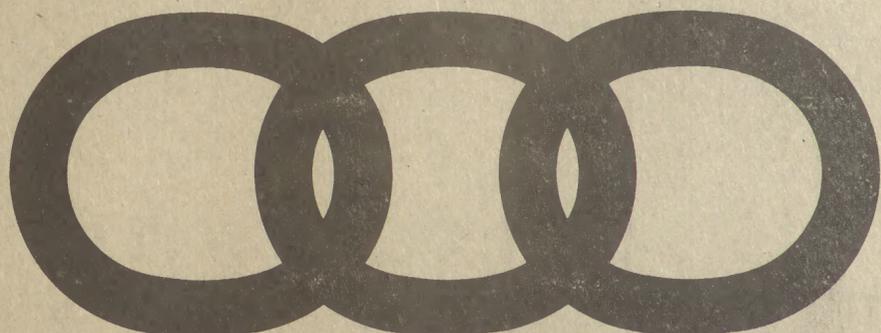
Tem início amanhã e prolonga-se por todo o fim de semana, o Congresso sobre o Alentejo, que reunirá em Évora mais de meio milhar de representações — entre personalidades do meio cultural e científico e de organismos e empresas da região

Pág. 13/Semana

# POVO UNIDO APRESENTA CANDIDATOS EM TODOS OS CONCELHOS

- A APU é a única força política que apresenta listas a todas as Câmaras e Assembleias Municipais
- Apresentadas listas em mais de 2800 freguesias, o que significa uma presença da APU superior em cerca de 11% relativamente às últimas eleições autárquicas
- O total de eleitores das freguesias a que concorre a APU é o maior comparativamente com a presença de qualquer outra força política
- O elevado número de integrantes das novas listas APU que exerceram funções autárquicas nos mandatos anteriores constitui significativo elemento do prestígio adquirido junto das populações pelo trabalho, honestidade e experiência dos eleitos Povo Unido
- Mais de metade dos componentes das listas da APU são independentes entre os quais se contam numerosos autarcas anteriormente eleitos em listas PS e PPD que agora integram a garantia de trabalho, honestidade e competência da Aliança Povo Unido

Págs. 1, 2, 3, 4 e 5/Semana



# POVO UNIDO

## Unidade — garantia da vitória

No rescaldo de 15 dias sobre as eleições legislativas antecipadas e a menos de 60 das eleições autárquicas de 15 de Dezembro é um facto notório que o conjunto das forças da direita, em que deve incluir-se o PS, digerem agora com dificuldade e em termos diversos a pesada derrota eleitoral e política que averbaram em 6 de Outubro.

Naturalmente, o PS de Mário Soares — o grande derrotado — medita sobre as consequências de se ter colocado a reboque das ambições pessoais do seu secretário-geral e de interesses opostos a Portugal democrático, aos trabalhadores e ao Povo português ao longo de dois anos de desastrosa governação.

Também o seu comparsa na mesma empreitada anti-popular e antinacional — o PSD, o partido mais votado que ambicionou agrupar em torno do seu novo chefe a maioria da direita da antiga «AD» — não conseguiu sequer fazer o pleno das perdas do CDS e dos eleitores da direita nas eleições de 83 e está agora confinado à formação de um governo minoritário, sem legitimidade nem condições para assegurar de maneira estável e no respeito pelas conquistas fundamentais da democracia portuguesa a direcção do Estado.

Também o CDS, que acompanhou os dois comparsas da coligação governante nas curvas e contracurvas do projecto contra-revolucionário, sofreu um desbaste de que é quase impossível recompor-se nos tempos mais próximos.

Como é sabido e não é de mais relembrar, o PCP tinha apontado três objectivos essenciais à luta do Povo português nas eleições de 6 de Outubro. Destes objectivos os dois primeiros — *atirar definitivamente para a rua o governo PS/PSD; pôr termo à política de direita e aos governos de coligação de direita «com ou sem o PS»* — foram total ou parcialmente atingidos. O terceiro — *criar condições para a formação de um governo que ataque com decisão e resolva os gravíssimos problemas nacionais* — apesar das profundas alterações do quadro político-parlamentar e dos resultados globais favoráveis das eleições, está ainda por alcançar e permanece como objectivo em aberto das forças democráticas e patrióticas.

Rescaldo das legislativas; preparativos para a formação do novo governo e da reabertura das actividades parlamentares na nova Assembleia da República; ultimação da primeira fase preparatória das autárquicas; agitação em torno das presidenciais — eis os factos marcantes da intensa movimentação política do último fim-de-semana e do início da semana em curso.

E em tão curtos dias de novo as instituições foram submetidas à prova: funcionaram; de novo mostraram a sua raiz e a sua valla democrática.

A questão da formação do novo governo — em princípio tudo parece apontar para a sua constituição na base do PSD após a provável indignação de Cavaco — e a sua previsível política, são, no momento actual, as que se impõem com maior acuidade ao movimento popular e democrático e às atenções e à vigilância política do Povo português.

A composição previsível de um governo PSD dirigido

por Cavaco Silva não oferece seguramente motivos de surpresa: os «ministeriáveis» sociais-democratas de que se fala, são, na sua maioria, conhecidos próceres da direita, activos executores do plano restauracionista anti-Abril — a sua prática política ao serviço da contra-revolução é sobejamente conhecida.

Quase não seria necessário também conhecer o «programa» que um governo Cavaco deverá, com muitas probabilidades submeter à nova Assembleia da República: será um misto de demagogia e de medidas e de «reformas de estrutura» antipopulares e antidemocráticas de fundo aquilo que o partido co-responsável com o PS pelos últimos dois anos de falência governativa e por mais de seis anos de responsabilidade directa na política de recuperação capitalista e o governo minoritário de Cavaco Silva se preparam para submeter à nova AR.

Será, por outro lado, um primeiro teste para a nova Assembleia da República e uma primeira verificação de coerência política entre as palavras e os actos dos partidos que se reclamam de oposição.

A chamada «oposição construtiva» que alguns partidos — em especial o PS — se propõem fazer ao previsível governo PSD é uma expressão cheia de ambiguidades que envolve uma ideia de colaboração e de empenhamento tácitos numa previsível política que nenhuma solução séria trará aos agudos problemas nacionais.

A posição do PCP é clara: na futura AR como fora dela os comunistas opor-se-ão firmemente a governos de direita, usarão todos os meios possibilitados pela legalidade democrática para combater a política restauracionista da direita e, simultaneamente, bater-se-ão por uma nova política, por soluções nacionais e democráticas para vencer a crise e por um Governo Democrático de Salvação Nacional que a ponha em prática.

As eleições autárquicas de 15 de Dezembro assumem na situação actual uma relevante importância política.

O Poder Local democrático é uma das conquistas fundamentais de Abril e, no rescaldo das eleições políticas de 6 de Outubro, as autárquicas permitirão definir uma arrumação de forças, porventura decisiva, para o futuro imediato da democracia portuguesa.

A APU disputa as eleições de 15 de Dezembro com uma credencial de honestidade, competência e trabalho que nenhuma outra força política pode superar ou igualar.

O trabalho realizado pelos eleitos APU nos órgãos de Poder Local pode ser comprovado por uma população relativa a 55 concelhos de maioria Povo Unido abrangendo cerca de 1 800 000 habitantes — exactamente mais cerca de 800 000 que nos 37 que detinha em 1976. Em nove anos aquisições notáveis, representando aspirações das mais sentidas que em dezenas de anos foram desprezadas pelas forças que anteriormente os dirigiram e por um sufocante poder central, foram conseguidas num trabalho autárquico superior envolvendo milhares de eleitos em estreita ligação com o povo e com os problemas locais mais prementes.

Os números são impressionantes. Citá-los aqui seria fastidioso. São as populações, da maneira directa e tangível, quem melhor os conhece e verifica.

Enfrentando a sabotagem, o boicote, as carências financeiras de toda a ordem impostas por um poder central hostil, os eleitos APU produziram uma obra de extraordinário mérito que soube mobilizar e dinamizar populações locais, apelando às energias e à criatividade do povo.

No saneamento básico, resolvendo numa medida notável problemas como as do abastecimento domiciliário, de água, das redes de esgotos, da recolha de lixo; no equipamento social cresceram em número significativo nas autarquias APU os parques infantis, os infantários, os lavadouros e sanitários públicos, os lares da terceira idade, foi dado um apoio activo às corporações de bombeiros; no domínio da cultura e desporto multiplicaram-se os centros culturais, os museus, os grupos de teatro, corais e de dança, os ranchos folclóricos, os campos de jogos, pavilhões gimnodesportivos e piscinas; o património cultural e natural foi objecto de uma aturada solicitude.

A reconversão de áreas degradadas, a construção de várias escolas primárias, a criação de postos médicos e apetrechamento de centros de saúde, tudo isso representa um activo de valla enorme que vai ser agora submetido ao veredicto das populações.

Em cerca de 80 freguesias de maioria APU, localizadas em municípios dirigidos por outras forças políticas, o activo de trabalho é esclarecedor: instalações de parques infantis, construções de fontanários e outras obras de saneamento, novas sedes de Juntas, abertura e pavimentação de caminhos, melhoramentos vários atestam a superior dedicação e o valor dos eleitos APU naquelas áreas.

A superioridade da gestão APU distingue-se de todas as outras pelo incentivo à participação popular, à realização frequente de jornadas de trabalho voluntário das populações, pela honestidade e isenção administrativas, pela busca constante do diálogo, do consenso, da unidade na solução dos problemas, pela participação abnegada dos trabalhadores das autarquias, pela descentralização de métodos e técnicas modernas e científicas na organização e gestão dos serviços.

Esta é uma credencial única que não pode deixar de estar presente na opção de voto dos munícipes nas eleições de 15 de Dezembro.

Até à data limite da entrega de listas para as eleições autárquicas de 15 de Dezembro a APU candidatou-se a mais de 2800 freguesias — mais de 200 que em 1982 — e às Câmaras e Assembleias Municipais de 305 concelhos.

Portugueses e democratas prestigiados, membros do PCP, do MDP/CDE e independentes — homens, mulheres e jovens das mais variadas profissões — integram as listas APU e são garantia de continuidade de um activo de trabalho meritório acumulado nos últimos nove anos.

É, porém, evidente que não só o trabalho dos eleitos

# Resumo



## 16 Quarta-feira

Ao vencer a RFA, a selecção nacional de futebol classifica-se para a fase final do campeonato mundial. ■ É publicado no «Diário da República» um despacho governamental que, ao retirar bens à EPAC, dá mais um passo no desmembramento desta empresa pública. ■ O Tribunal Constitucional dá a palavra final: nenhuma das coligações criadas pelo PSD, PS, CDS e PPM poderá concorrer às eleições autárquicas. ■ Os restos mortais do poeta Fernando Pessoa são trasladados para o Mosteiro dos Jerónimos. ■ São já conhecidos todos os deputados eleitos nas eleições legislativas, com o escrutínio dos votos dos emigrantes. Dos quatro mandatos correspondentes a estes dois círculos, o PSD obteve dois, o PS um e o CDS um. ■ Milhares de pessoas manifestam-se no Chile, integrando-se assim na «Jornada de Solidariedade» para com os 12 dirigentes sindicais detidos pelo regime fascista. ■ Dez aviões sul-africanos atacam posições das forças armadas angolanas na zona de Mavinga. ■ A Nicarágua instaura o estado de emergência «até os Estados Unidos cessarem as suas agressões». ■ Ronald Reagan pretende impor um embargo económico a Angola.

## 17 Quinta-feira

Os rios portugueses recebem por dia 2800 toneladas de veneno industrial. Metade deste valor é da responsabilidade das indústrias químicas. ■ Carlos Brito afirma, na reunião da Comissão Permanente da Assembleia da República, que as eleições vieram reforçar o papel do parlamento no novo contexto dos órgãos do poder político. ■ A RDP continua a negar direito de antena à CGTP-IN. Em face desta situação, a central sindical requereu formalmente ao Conselho de Comunicação Social a adopção das medidas adequadas. ■ Costa Brás anuncia a sua disponibilidade para se candidatar à Presidência da República. ■ Segundo um estudo agora revelado, apenas um em cada quatro portugueses desempregados recebe o respectivo subsídio a que tem direito. ■ As Organizações Representativas dos Trabalhadores (ORT's) da metalomecânica pesada reafirmam a exigência de uma nova política para o sector. ■ A Polícia Judiciária reabre processo contra alguns dos muitos jovens que há dois anos ocuparam a reitoria da Universidade, protestando contra o aumento de preços das cantinas. A ocupação durou 16 dias. ■ Na sequência dos acontecimentos relacionados com o assalto ao «Achille Lauro», caiu o governo italiano chefiado por Bettino Craxi. ■ As dívidas dos países em vias de desenvolvimento atingiram já a fantástica soma de um milhão de milhões de dólares.

## 18 Sexta-feira



Molise é enforcado

Na sessão de esclarecimento no Alvalade, Álvaro Cunhal afirma que «não respiramos nas nossas fileiras outra coisa que não seja a confiança na luta e nos resultados» das eleições autárquicas. ■ O Parque Nacional da Peneda-Gerês está ameaçado de desmembramento. ■ A Petrolgal continua a pagar o salário a um assessor de secretário de Estado e garante-lhe emprego após a queda do Governo. ■ Realiza-se em Lisboa a reunião da Direcção Nacional da Juventude Comunista Portuguesa. ■ Freitas do Amaral esconde a sua responsabilidade pelo não pagamento de salários no «Primeiro de Janeiro» de que é detentor da maioria das acções da empresa. ■ A CGTP-IN reafirma que participará nas instituições da CEE. ■ O MDP/CDE apresenta queixa contra a RTP no Conselho de Comunicação Social. ■ Um dos vice-presidentes da CIP afirma que o acordo com Espanha prejudica a indústria portuguesa. ■ O poeta sul-africano Benjamin Molise, de trinta anos, é enforcado pelas autoridades racistas. Em consequência das manifestações de protesto contra mais este crime do regime racista, a polícia assassinou seis pessoas. ■ O governo peruano recusa-se a receber uma missão do FMI. ■ O Egipto cancela a realização de manobras militares com os Estados Unidos.

## 19 Sábado

A verificação de graves erros na colocação dos professores leva a FENPROF a propor medidas urgentes. ■ Os futuros deputados do PRD estão reunidos no Luso. ■ Em Lisboa, começa a reunião do Conselho Nacional do PSD. ■ O ministro da Justiça afirma que se verifica em Portugal «um preocupante crescimento qualitativo e quantitativo do consumo de drogas». ■ A Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal exige a adopção de uma nova política para o sector. ■ Termina, em Lisboa, as reuniões do Comité Olímpico Internacional. ■ Segundo a imprensa indiana, os tuões e as cheias que nas últimas semanas têm assolado o Norte e o Leste da Índia, provocaram já cerca de 700 mortos. ■ Uma autêntica onda internacional de protestos levanta-se pela execução do poeta negro Benjamin Molise. Na África do Sul, cerca de trinta e cinco mil pessoas participam nos funerais de três jovens assassinados pela polícia e exército racistas. ■ A União Soviética afirma que produzirá um sistema espacial de armas defensivas como resposta à «guerra das estrelas», se a administração Reagan prosseguir com este projecto. ■ Bettino Craxi poderá vir a ser de novo indigitado primeiro-ministro de Itália, depois de uma consulta que o presidente fez aos diversos partidos.

## 20 Domingo

É um PSD dividido aquele que apoia a candidatura de Freitas do Amaral à Presidência da República. ■ Segundo o portavoz do PRD, este partido irá apresentar

candidato próprio à Presidência da República. ■ Incêndios continuam a lavrar na zona da Covilhã. ■ Segundo um estudo da CGTP-IN, os subsídios da Segurança Social só cobrem metade das despesas alimentares de uma criança. Este facto leva a central sindical a exigir aumentos do abono de família e do subsídio de aleitação. ■ Na Bélgica, mais de cem mil pessoas protestam contra a instalação de mísseis norte-americanos no seu país. ■ Bettino Craxi é indigitado primeiro-ministro da Itália. ■ Para o Ministério da Defesa da Nicarágua, os bandidos contra-revolucionários estão a sofrer uma importante derrota estratégica. ■ Centenas de manifestantes anti-apartheid são presos em Londres, frente à embaixada sul-africana. ■ Angola defende a realização de uma conferência económica patrocinada pela Organização da Unidade Africana para discutir uma estratégia comum face ao problema da dívida externa.

## 21 Segunda-feira



Oliver Tambo em Portugal

Prazo para a entrega das listas concorrentes às eleições autárquicas termina hoje, tendo a APU sido a força que entregou listas para o maior número de órgãos autárquicos. ■ A Câmara Municipal da Amadora admite processar inspectores do Ministério da Administração Interna. ■ O Presidente da República parte para Nova York, onde discursará na Assembleia da ONU. ■ Otelo começa a depor no julgamento das FP-25. ■ À partida para os Estados Unidos, Manuela Eanes alerta que o consumo de drogas está em expansão no nosso País. ■ O presidente do Congresso Nacional Africano, Oliver Tambo, está em Portugal. O dirigente sul-africano é recebido pelo Presidente da República e, no final, declara que o ANC pretende abrir uma delegação permanente em Portugal. ■ A Comunidade Britânica (Commonwealth) aprova sanções contra a África do Sul. Esta medida traduz uma derrota do governo britânico. ■ Ao discursar perante a Assembleia Geral das Nações Unidas, Daniel Ortega acusa a administração Reagan de violar e ignorar a Carta das Nações Unidas.

## 22 Terça-feira

Números da OCDE sobre Portugal revelam que os preços ao consumidor aumentam quatro vezes mais no nosso país do que nos restantes países europeus. ■ A APU anuncia a apresentação de candidaturas para as eleições autárquicas em mais de 2800 freguesias. ■ De acordo com uma informação da Polícia Judiciária totaliza dois milhões de contos o valor dos cheques sem cobertura passados entre Janeiro e Setembro do corrente ano. ■ Num dos mais concorridos plenários de sempre, trabalhadores da Lisnave aprovam bases para um acordo com a administração que permita resolver as graves dificuldades criadas na empresa pelos governos de direita. ■ O vice-ministro da Defesa de Angola afirma que a recente agressão da África do Sul na região de Mavinga causou prejuízos materiais avaliados em mais de 50 milhões de dólares.

■ Autoridades soviéticas afirmam em Moscovo que o seu país não tem programas de militarização do espaço como o da «Guerra das Estrelas».



Proletários de todos os países UNI-VOS!

### O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português. Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 - Lisboa CODEX. Tel. 76 83 45

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 Lisboa CODEX Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO: Av. Santos Dumont, 57-3.º - 1000 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO: CDL, Central Distribuidora Litoral, SARL, Serviços Centrais: Av. Santos Dumont, 57 - 2.º - 1000 Lisboa Tel. 77 98 28/77 98 25/76 97 51

Casa da Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 - 1200 Lisboa Tel. 37 22 38

Centro Distribuidor de Évora: Alcarcova de Baixo, 13 - 7000 Évora Tel. 26361

Centro Distribuidor de Faro: Rua 1.º de Dezembro, 23 - 8000 Faro Tel. 24417

Delegação do Norte: Centro Distribuidor do Porto: R. Miguel Bombarda, 578 - 4000 Porto Tel. 69 39 08/69 96 15

Centro Distribuidor de Coimbra: Terreiro da Erva, 6 - 3000 Coimbra Tel. 28394

ASSINATURAS: Av. Santos Dumont, 57-4.º Esq.º - 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO: R. João de Deus, 24 - Venda Nova 2700 Amadora. Tel. 90 00 44

PUBLICIDADE CENTRAL: Alameda St.º António dos Capuchos, 6-B - 1100 Lisboa. Tel. 77 69 36/77 67 50

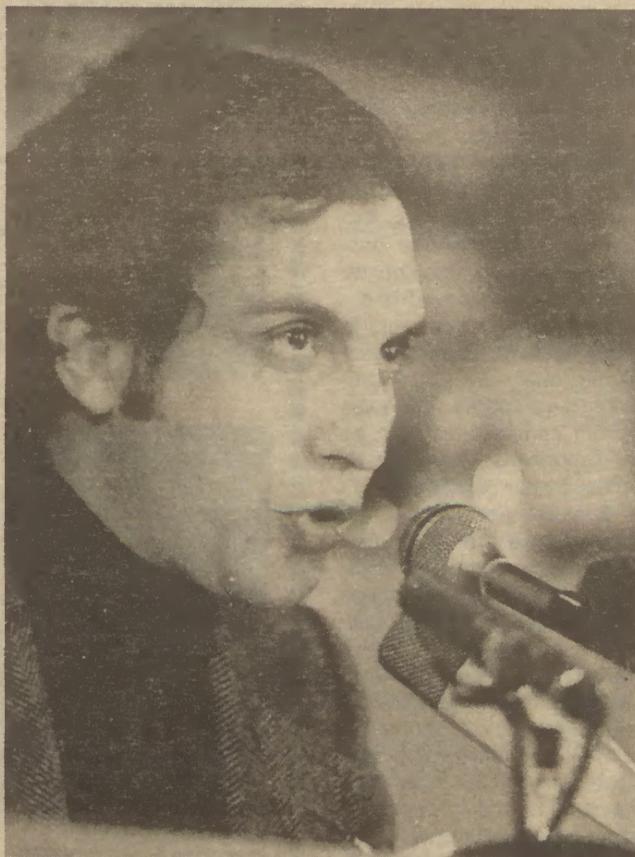
Composto e Impresso na Heská Portuguesa - R. Elias Garcia, 27 Venda Nova - 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/85

Tiragem média do mês de Setembro: 34 668



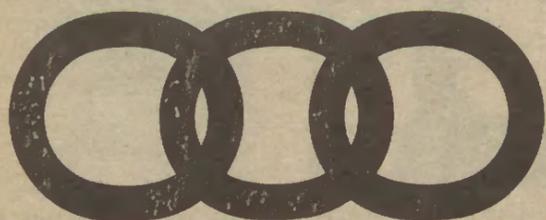
## O maior número de sempre de listas APU nas eleições autárquicas



O economista Carlos Carvalhas, membro do Comité Central do PCP e que desempenhou diversos cargos governativos nos Governos Provisórios após o 25 de Abril, é o candidato da APU à presidência da Câmara de Lisboa

O simples facto de se nos tornar absolutamente impossível por naturais condicionamentos de espaço publicar a relação integral dos candidatos nas listas da Aliança Povo Unido para as próximas eleições autárquicas é em si próprio significativo.

Nas págs. 3, 4 e 5 encontrarão os leitores a relação apenas dos cabeças de lista para as Câmaras Municipais de todos os concelhos do continente e das Regiões Autónomas dos Açores e Madeira.



**POVO UNIDO**

Convirá desde já sublinhar que, pela primeira vez, a APU concorre em todos os concelhos existentes em Portugal, o que permite duas imediatas conclusões: o dinamismo e capacidade de organização das forças políticas que integram a APU e muito especialmente do PCP e, por outro lado, o alargamento da sua influência a zonas do País onde o domínio reaccionário criava ainda há três anos dificuldades inultrapassáveis.

Para que este resultado tenha sido atingido muito contribui um factor cujo significado contudo o ultrapassa: **mais de metade dos candidatos nas listas APU à gestão autárquica dos concelhos e freguesias é constituída por independentes.** Considerando que o número total de candidatos APU oscilará entre os 30 mil e 40 mil (os dados exactos só esta semana poderão ser verificados), significa isto que largos milhares de portugueses sem filiação partidária reconhecem à APU a capacidade de diálogo e de trabalho que assegure — como evidente-

mente tem assegurado — um funcionamento do Poder Local democrático de acordo com os reais e efectivos interesses das populações.

No tocante às freguesias, será superior a 2800 o número de listas APU entregues, total largamente superior às 2597 concorrentes às últimas eleições.

Igualmente neste caso se verifica um acentuado crescimento da presença da APU, no seguimento aliás de uma evolução que tem sido constante. Na verdade, foi de 1175 o total de freguesias a que a APU concorreu nas primeiras eleições autárquicas realizadas depois do 25 de Abril; nas segundas esse número verificaria uma espectacular subida para 2299 — quase o dobro — e a tendência prosseguiria com as 2597 entregues há três anos.

Para além do significativo aumento absoluto deste número, em 1985 verifica-se ainda um outro factor de destaque: o maior número de lis-



**DO BÁLTICO AOS GELOS SIBERIANOS**

Reportagens de José Goulão, João Alferes Gonçalves, Cipriano Ricardo e Miguel Urbano Rodrigues

A URSS no 40.º aniversário  
da vitória sobre o nazi-fascismo

ESTRELA  
CAMINHO



## Cavaco, o corredor

Ainda não tinha o homem acabado de respirar modestamente a sua vitória dos 29 por cento e zás!, já o conselho nacional do PSD lhe amargava a boca com uma outra contagem de votos – 41 contra 30... – e um par de presidentes regionais lhe puxavam sob os pés o tapete insular para a estratégia de Belém. Decididamente, o homem de que falamos, mesmo com a alta opinião de si próprio que lhe conhecemos, não vai durar muito em S. Bento. E ainda bem. Estamos a falar de Cavaco Silva, é claro. O rapaz das boas notas em Economia e com futuro atlético descoberto há pouco.

Um «analista» que, soprando enxofre, tem seguido a carreira do «líder», acabou descobrindo o jogo: na altura em que se anunciava o apoio do PSD a Freitas do Amaral, teria desabafado, exultando: «ele foi eleito para isto». «Ele» é Cavaco; «eleito» na Figueira. O jogo não era, afinal, a maioria para formar Governo, mas para dar uma ajudinha a eleger Freitas para Belém.

O mais importante neste momento continua a ser o que se vai passar em S. Bento. O resto é publicidade. Estilo venda de *slips* ou pensos «higiénicos». Em democracia há uma solução, diz Freitas.

Falemos do Cavaco e das suas qualidades. Antigo ministro de Sá Carneiro, tão bom se revelou em economia que foi colocado à frente das negociações com o FMI de tão gravosos resultados para o país. Das suas promessas eleitorais, bem sabemos que será capaz de distribuir umas migalhas nos primeiros meses. Fez isso no Governo «AD» antes de ser corrido. Quanto aos salários em atraso – em que competiu com Almeida Santos afirmando que ia resolver o assunto –, as suas receitas não deixam prever nada de bom – o que promete é «mexer na legislação laboral», isto é, abrir as portas aos despedimentos.

Ele ainda não se sentou na cadeira de S. Bento, mas já uma ideia do que vai acontecer se perfila. Com o seu apadrinhamento a Freitas e a «viabilização» CDS, o que se aproxima é a reedição piorada da «AD». O tempo, porém, de que Cavaco dispõe, é o tempo que lhe derem o PS e o PRD. Porque o PCP já disse – obviamente – que não.

É com a costureira clareza, envenenada sempre, que outro «analista», Marcelo de seu nome, mostra a estratégia que vai na cabeça de Cavaco: «formar um Executivo minoritário; fazê-lo passar no Parlamento na base da tolerância ou da não rejeição alheia; negociar pontualmente em S. Bento os acordos necessários às leis mais urgentes; aplicar algumas medidas económicas, financeiras e sociais de particular repercussão popular; minimizar as eleições presidenciais; garantir da parte do candidato a apoiar discretamente que ele não dissolverá a Assembleia da República nem demitirá o Governo agora constituído, de molde a inviabilizar o designio governamental dos sociais-democratas».

Quase não é preciso traduzir. E se Marcelo se engana no «minimizar as presidenciais» e se escusa a esclarecer quais são as «leis mais urgentes», o resto é claríssimo. E claro também o «golpe» do entendimento Cavaco/Freitas que faria perdurar – se Freitas fosse eleito e a Constituição não se interpusesse – um governo «AD» pelos séculos fora...

O Governo «maneirinho» que Cavaco laboriosamente inventou ainda não apareceu às claras. E já é contestado pelos trabalhadores que, embora sem pressas, sabem o que a casa gasta. Mas, se tivesse aparecido, teria também como certa a oposição de vários barões. Se quanto à «estratégia presidencial», João Jardim já fez barulho, levantando-se contra a «política portuguesa» e ameaçando com a abstenção dos madeirenses (!), que barulho fariam todos se, nesta reunião, o Governo, fosse discutido como Jardim disse pretender? Decerto a votação seria bem diferente!

Assim, o rapaz que tem fama de derrubar barreiras, não só as vai encontrar bem erguidas à frente da sua política, como se arrisca a escorregar nas cascas de banana que os seus pares diligentemente vão colocar na pista. Daqui até ao tropeção não vai demorar.

■ L. M.

PCP



tas às freguesias não é obtido pelo crescimento em zonas isoladas; bem pelo contrário; corresponde a um aumento global e geral a nível nacional. Em todos os concelhos do País, a APU concorre a maior número de freguesias.

Os casos de alguns concelhos em zonas onde as forças democráticas têm de frontado maiores dificuldades são importantes. Note-se por exemplo que no distrito de Bragança surgem listas APU em mais 21 freguesias, mais 32 em Vila Real, mais meia centena em Viseu.

Nos Açores, a APU — que em 1982 apresentara 15 listas para outras tantas Câmaras e Assembleias Municipais, entregou este ano 19, o que corresponde à totalidade dos concelhos da região autónoma.

Igualmente na Madeira a Aliança Povo Unido está presente na disputa da totalidade dos 11 concelhos, enquanto apresenta candidatos em 51 freguesias.

Também no distrito de Coimbra, a APU concorre a todas as freguesias, incluindo as recém-constituídas.

Se estes dados (muitos insuficientes ainda, dado que o prazo de entrega expirou na passada segunda-feira e o carácter profundamente descentralizado do trabalho de formação das listas determina que o apuramento final e rigoroso requeira ainda alguns dias) são em si próprios reveladores, interessa porém compará-los com os já disponíveis referentes às outras forças concorrentes.

É assim possível afirmar desde já que a APU é a única força política que apresenta listas à totalidade dos concelhos. Se tal facto não é surpreendente, considerando a evidente diferença de capacidade organizativa e dinamismo da organização do PCP e também dos seus aliados na APU, indica claramente que tal dinamismo tem alargado amplamente a sua área de influência, mesmo em áreas onde as outras forças, e especialmente a direita, exerciam influência quase hegemónica.

No tocante às freguesias, se é de prever que outras formações possam vir a apresentar-se em maior número, convém sublinhar que o número de eleitores abrangido pelas freguesias onde a APU concorre é lar-

gamente superior ao mesmo elemento referido ao PS, ao PPD, ao CDS ou ao PRD.

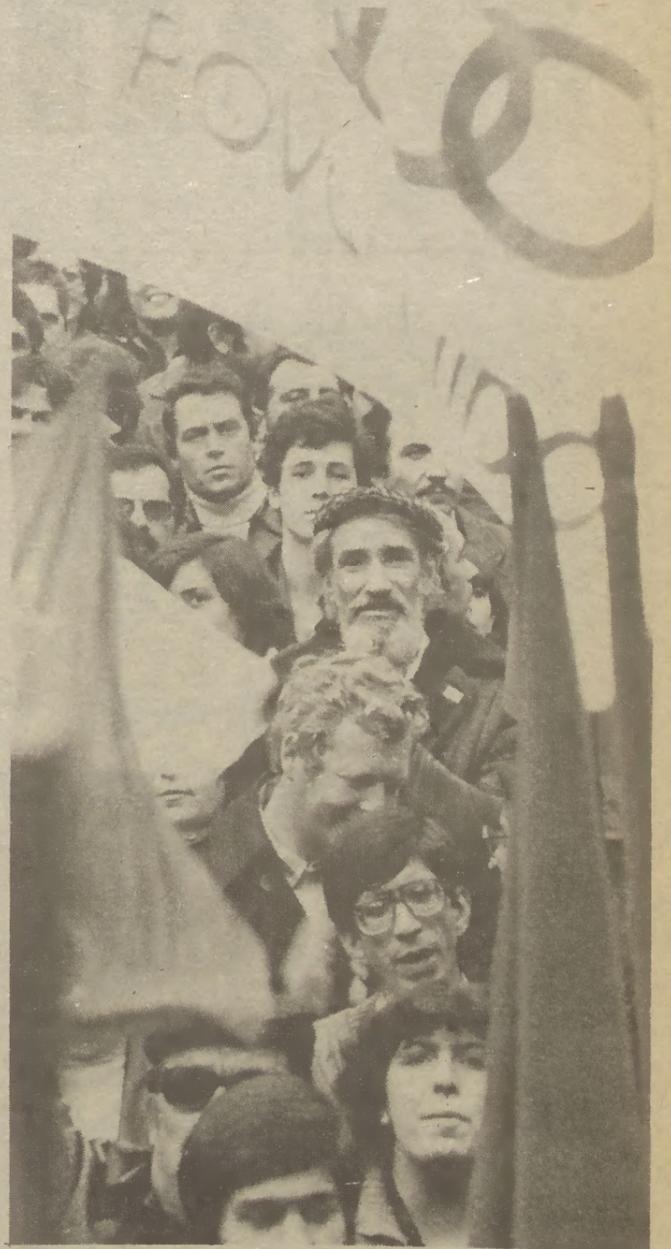
Não se torna assim sequer discutível a verificação do alargamento da base social de apoio da APU.

Embora o desenvolvimento que o melhor conhecimento de dados proporcionará tenha ainda de aguardar alguns dias (pensamos no próximo número estar já em condições de o fazer), é ainda desde já possível destacar alguns aspectos qualitativos desta grande mobilização democrática que constituiu a constituição das listas APU.

Verifica-se, por um lado, que é largamente maioritário o número de eleitos APU no anterior mandato que ocupam de novo posições responsáveis nas listas de 1985.

É transparente quanto tal factor indica da confiança com que é encarado o juízo do eleitorado sobre o trabalho desenvolvido pelos autarcas APU, seja em condições de maioria, seja em minoria.

A experiência de eleições anteriores converge para a constatação de que para as populações o slogan da APU



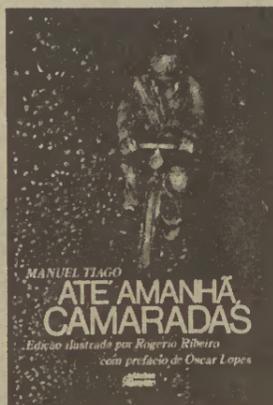
de trabalho, honestidade e competência não é uma pura frase esvaziada de sentido, antes corresponde a uma prática cujos positivos resultados elas têm sentido.

A tal factor acresce naturalmente a própria experiên-

cia adquirida em alguns casos numa continuada gestão autárquica que tem permitido um desenvolver harmonioso e programado de planos de acção que modificaram profundamente a feição de numerosos concelhos do País.



## O documento, o testemunho, o romance da luta dos povos pela liberdade e independência

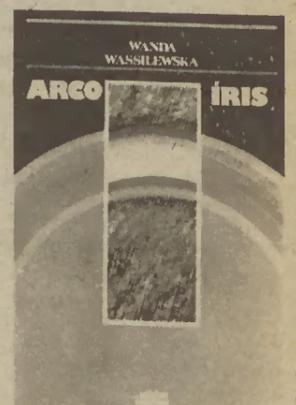


EDIÇÃO ILUSTRADA POR ROGÉRIO RIBEIRO COM PREFÁCIO DE ÓSCAR LOPES

O grande romance da resistência popular ao fascismo do Estado Novo. O herói individual das obras romanescas dá, aqui, o lugar à acção conjugada e colectiva das várias personagens que conduzem a acção. Todas elas participam e são elas que constroem a história. O seu destino é talhado pela sua vontade. Falando do sentido profundo deste livro, diz Oscar Lopes que ele «evidencia-nos que a vida é inesgotável». Acrescenta, recordando a obra de Guimarães Rosa: a «lição do livro é a de que viver é perigoso. Sentem-no aqueles que inteiramente se comprometem a melhorá-la».



A 3.ª edição de *Reportagem Sob a Força* é lançada em Portugal por ocasião do aniversário (6 de Setembro) da execução de Julius Fučík na prisão da Gestapo, em Praga. Significativamente esta 3.ª edição surge também em Portugal quando se comemora o 40.º aniversário da vitória sobre o nazi-fascismo. Para fazer a Paz é necessário não esquecer a Guerra. Escrito em segredo na prisão da Gestapo, o livro do jornalista Fučík é um testemunho e um aviso sobre os horrores da Guerra. A sua leitura pelas novas gerações é um contributo para a Paz.



Quando a Alemanha nazi atacou a União Soviética, Wanda Wassilewska, escritora polaca, acompanhou o exército soviético como correspondente de guerra. Do que viu e sentiu nasceu *Arco-Iris*, um lancinante grito de humanidade no meio da hecatombe. O êxito alcançado por *Arco-Iris* foi extraordinário. Só na URSS venderam-se nos primeiros meses 500 000 exemplares. Traduzido em vários idiomas, *Arco-Iris* constituiu um grande sucesso literário em diversos países, nomeadamente nos Estados Unidos, e foi também adaptado ao cinema.

edições *Avante!*

Nacional

# Candidatos APU à presidência das Câmaras de todos os concelhos do País

## AVEIRO

### Águeda

Júlio Manuel Balreira Correia, 33 anos, operário metalúrgico, PCP.

### Albergaria-a-Velha

Pedro Manuel Frias de Almeida Branco, 34 anos, funcionário público, independente.

### Anadia

José Bernardino Ferraz Diogo, 49 anos, professor do Ensino Secundário, independente.

### Arouca

José Armando Pinho Oliveira (Zola), 37 anos, advogado, MDP/CDE.

### Aveiro

Carlos Pimpão, 42 anos, engenheiro mecânico, independente.

### Castelo de Paiva

Strecht Ribeiro, professor primário, MDP/CDE.

### Espinho

Jorge Carvalho, 40 anos, advogado, PCP.

### Estarreja

Duarte Drummond Esmeraldo, 47 anos, engenheiro, PCP.

### Feira

José Henrique Ribeiro (Nhecas), professor, PCP.

### Ílhavo

Francisco Vítor Valente Menezes, 37 anos, professor, PCP.

### Mealhada

Carlos Cabral, 39 anos, professor do Ensino Secundário, independente.

### Murtosa

Manuel Andrade, advogado e professor, MDP/CDE.

### Oliveira de Azeméis

Augusto da Cunha Costa, 33 anos, professor e economista, PCP.

### Oliveira do Bairro

Fernando Peixinho, 57 anos, médico, PCP.

### Ovar

Augusto de Jesus Rodrigues, 41 anos, funcionário do Registo Civil, independente.

### S. João da Madeira

Jorge Cortez, 30 anos, engenheiro técnico mecânico, PCP.

### Sever do Vouga

Fernando Martins Almeida, 52 anos, comerciante, MDP/CDE.

### Vagos

Horácio Loff, 41 anos, médico veterinário.

### Vale de Cambra

António Joaquim Bargas Mercúrio, 44 anos, funcionário público, PCP.

## BRAGA

### Amares

João Dias Vieira, 27 anos, comerciante, independente.

### Barcelos

Manuel José Ferreira Pereira, 35 anos, agente técnico de arquitectura e engenharia, independente.

### Braga

Alfredo Casais Batista, 39 anos, engenheiro, PCP.

### Cabeceiras de Basto

Baltazar Lage de Oliveira Leite de Magalhães, 35 anos, licenciado, funcionário público, PCP.

### Celorico de Basto

José Carlos Martins Lopes, 33 anos, licenciado em Filosofia, independente.

### Esposende

António Fernandes Matos, 56 anos, bancário, independente.

### Fafe

Joaquim Magalhães, 30 anos, empregado comercial, PCP.

### Guimarães

Cândido Capela Dias, 38 anos, economista, PCP.

### Póvoa de Lanhoso

Lestra Gonçalves, 48 anos, advogado, PCP.

### Terras de Bouro

José António Gonçalves, 43 anos, empregado de escritório, PCP.

### Vieira do Minho

José Luís da Silva Martins Machado, agente sanitário, PCP.

### Vila Nova de Famalicão

Margarida Malvar, 41 anos, advogada, PCP.

### Vila Verde

José Maria Ferraz Faria, 41 anos, professor, independente.

## BEJA

### Aljustrel

António Alexandre Raposo, 48 anos, professor, PCP, actual presidente da CM.

### Almodôvar

António Sebastião, 34 anos, comerciante, PCP, actual vereador da CM.

### Alvito

António Piteira, bancário, independente.

### Barrancos

António Guerra, 33 anos, funcionário público, PCP, actual presidente da CM.

### Beja

José Manuel da Costa Carreira Marques, 42 anos, técnico de contas, PCP, actual presidente da CM.

### Cuba

António da Glória Capelo São Braz, 40 anos, empregado bancário, PCP, actual presidente da CM.

### Castro Verde

Fernando Sousa Caeiros, professor, MDP/CDE, actual presidente da CM.

### Ferreira do Alentejo

José João Lança Guerreiro, 34 anos, funcionário público, PCP, actual presidente da CM.

### Mértola

Fernando Ribeiro Rosa, 46 anos, empregado do comércio, PCP, actual Presidente da CM.

### Moura

Lamas de Oliveira, economista, PCP.

### Odemira

Justino Santos, 45 anos, médico, PCP, actual presidente da CM.

### Ourique

Francisco Felgueiras Rodrigues, 38 anos, funcionário administrativo, PCP, actual Presidente da CM.

### Serpa

João Manuel Rocha da Silva,

35 anos, professor, PCP, actual Presidente da CM.

### Vidigueira

Carlos Pinto Góis, 50 anos, bancário, PCP, actual Presidente da CM.

## BRAGANCA

### Alfândega da Fé

Carlos Araújo, advogado, PCP.

### Bragança

Maria do Loreto, engenheira silvicultora, PCP.

### Carrazeda de Ansiães

José Alegre Mesquita, professor, PCP.

### Freixo de Espada-à-Cinta

Edgar Gata, professor, PCP.

### Macedo de Cavaleiros

João Teixeira, advogado, PCP.

### Miranda do Douro

Manuel Magalhães, PCP.

### Mirandela

Cassiano Reboredo, funcionário público, independente.

### Mogadouro

Manuel Varandas, professor, independente.

### Torre de Moncorvo

Eugénio Cavalheiro, oficial da Marinha na reserva, independente.

### Vila Flor

José Albino Prudêncio, técnico contabilista, PCP.

### Vimioso

Helena Gonçalves.

### Vinhais

Amândio Pereira, empregado bancário, PCP.

## COIMBRA

### Arganil

Artur Amaral, 43 anos, conservador do Registo Civil e Predial, PCP.

### Cantanhede

Aurélio Malva, 32 anos, professor do Ensino Secundário, independente.

### Coimbra

João Cardoso, 52 anos, admi-

nistrador do Hospital Pediátrico de Coimbra, PCP.

### Condeixa-a-Nova

José Cantarilha, 34 anos, professor do Ensino Secundário, PCP.

### Figueira da Foz

António Menano, 47 anos, chefe de repartição no Hospital Distrital da Figueira da Foz, PCP.

### Góis

Fátima Neves, 31 anos, enfermeira, PCP.

### Lousã

José Orlando, 35 anos, engenheiro electrotécnico, PCP.

### Mira

Eugénio Leigo, 42 anos, funcionário público, PCP.

### Miranda do Corvo

Odete Gonçalves, 38 anos, correspondente de línguas, PCP.

### Montemor-o-Velho

Henrique Maranhã, 34 anos, profissional de seguros, PCP.

### Oliveira do Hospital

José João Nunes Mendes, 34 anos, industrial da construção civil, independente.

### Pampilhosa da Serra

Alberto Alves, 27 anos, funcionário público, PCP.

### Penacova

Vítor Oliveira, 44 anos, empregado bancário, PCP.

### Penela

António Manuel Vieira da Silva, 39 anos, subdelegado de Saúde, independente.

### Soure

João Ramos Pereira, 34 anos, professor do Ensino Secundário, PCP.

### Tábua

Vítor Custódio, 35 anos, médico, independente.

### Vila Nova de Poiares

Fernanda Sobral, 39 anos, doméstica, PCP.

## CASTELO BRANCO

### Belmonte

José Correia Sequeira, 52 anos, engenheiro mecânico, PCP.

### Castelo Branco

Francisco José Antunes Costa, economista e professor, 37 anos, PCP.

### Covilhã

António Teles André, 37 anos, engenheiro electrotécnico e professor, PCP.

### Fundão

Fernando Paulouro Serrasqueiro das Neves, jornalista, PCP.

### Idanha-a-Nova

Francisco Bentes Gil, 25 anos, professor do Ensino Secundário, PCP.

### Oleiros

José Neves Barata, 30 anos, técnico sanitário, PCP.

### Penamacor

Carlos Geraudes Lopes Birra, 27 anos, electricista, PCP.

### Proença-a-Nova

Francisco Ribeiro Delgado, 41 anos, operário, PCP.

### Sertão

Jorge Ferreira Matos Amorim, 28 anos, empregado de escritório, PCP.

### Vila de Rei

Manuel de Sousa Henriques, 32 anos, funcionário público, independente.

### Vila Velha de Ródão

Fernando Cardoso Oliveira, 40 anos, encarregado de secção, independente.

## ÉVORA

### Alandroal

Inácio Melrinho, 46 anos, motorista, PCP, actual Presidente da CM.

### Arraiolos

Joaquim Charrua Miguel, 38 anos, operário agrícola, PCP, actual Presidente da CM.

### Borba

João Proença, empregado de escritório, PCP.

### Estremoz

José Emílio Guerreiro, sociólogo, independente, actual Presidente da CM.



**Nacional****Évora**

Abílio Fernandes, 47 anos, economista, PCP, actual Presidente da CM.

**Montemor-o-Novo**

Fernando Cruz, 31 anos, economista, PCP, actual Presidente da CM.

**Mora**

João Saraiva, 42 anos, engenheiro agrónomo, PCP, actual Presidente da CM.

**Mourão**

Alexandre Barros, 42 anos, topógrafo, PCP, actual Presidente da CM.

**Portel**

José Manuel Fialho, 26 anos, PCP, actual Presidente da CM.

**Redondo**

Alfredo Falamino Barroso, 36 anos, engenheiro, PCP, actual Presidente da CM.

**Reguengos de Monsaraz**

António Gonçalves Marcão, 33 anos, empregado bancário, PCP.

**Vendas Novas**

João Teresa Ribeiro, 39 anos, economista, PCP, actual Presidente da CM.

**Viana do Alentejo**

Manuel António Pão-Mole, 43 anos, operário da construção civil, PCP, actual Presidente da CM.

**Vila Viçosa**

Miguel Patacão Rodrigues, 39 anos, empregado de Finanças, PCP, actual Presidente da CM.

**Loulé**

João Guerra, 30 anos, advogado, independente.

**Monchique**

José Lino, 63 anos, comerciante, PCP.

**Olhão**

Filipe Ramires, 34 anos, professor, PCP, actual vereador da CM.

**Portimão**

Felix Mendes, 55 anos, professor, PCP, actual vereador da CM.

**S. Brás de Alportel**

José Cabral, 40 anos, médico e director do Centro de Saúde de S. Brás, PCP.

**Silves**

José Viola, 35 anos, funcionário público, PCP, actual presidente da Junta de Freguesia de Silves.

**Tavira**

Guilherme Allen Camacho, 58 anos, bibliotecário, PCP.

**Vila do Bispo**

José de Deus, 30 anos, estagiário de advocacia, independente, actual vereador da CM.

**Vila Real de Santo António**

Alfredo Graça, 46 anos, empregado bancário, PCP, actual presidente da CM.

**GUARDA****Aguiar da Beira**

Maria Gilberta da Silva Avelãs, 33 anos, empregada de escritório, PCP.

**Almeida**

Alberto Vilhena de Carvalho, 44 anos, professor, MDP/CDE.

**Celorico da Beira**

Eduardo Simão Marques, comerciante, PCP.

**Figueira de Castelo Rodrigo**

António Joaquim Clara, industrial da construção civil, PCP.

**Fornelos de Algodres**

Joaquim Alberto dos Santos Almeida, bancário, PCP.

**Gouveia**

Luís Manuel Cambra Nogueira, professor do Ensino Secundário, PCP.

**Guarda**

Fernando Jorge Santos Pires, 40 anos, engenheiro, PCP.

**Manteigas**

José Maria Serra Saraiva, 35 anos, empregado de escritório, PCP.

# Candidatos APU

**Meda**

Carlos Pedro, comerciante, PCP.

**Pinhel**

Mário do Nascimento Canotilho, 63 anos, advogado, PCP.

**Sabugal**

José Manuel Monteiro, licenciado em Direito, PCP.

**Seia**

Fernando Luís Teixeira Diogo, professor do Ensino Secundário, PCP.

**Trancoso**

Adalberto Dias Lino, 29 anos, agricultor, PCP.

**Vila Nova de Foz Coa**

Jerónimo Manuel Fernandes da Costa, 32 anos, professor independente.

**LEIRIA****Alcobaça**

Arnaldo Homem Rebelo, 32 anos, advogado, PCP.

**Alvaiázere**

José Simões, 38 anos, empregado de escritório, PCP.

**Ansião**

Manuel Prates Miguel, 36 anos, advogado, independente.

**Batalha**

Albino Lopes Mendes, 38 anos, operário metalúrgico, independente.

**Bombarral**

José Célia Mil-Homens, 57 anos, ajudante técnico de Farmácia, PCP.

**Caldas da Rainha**

Artur Lopes Henriques, 48 anos, cerâmico, PCP.

**Castanheira de Pera**

Hernâni Lopes, 56 anos, pintor, PCP.

**Figueiró dos Vinhos**

Arcides Lopes de Almeida, 41 anos, resinheiro, independente.

**Leiria**

Pedro Carvalho dos Santos, 37 anos, médico, PCP.

**Marinha Grande**

Emílio Ferreira Rato, 58 anos, industrial de Hotelaria, PCP, actual presidente da CM.

**Nazaré**

Joaquim Caetano Tofes, 30 anos, electricista, PCP.

**Óbidos**

José António Ribeiro Lopes, 37 anos, engenheiro agrónomo, PCP.

**Pedrógão Grande**

Fernando Pinto Simões, 36 anos, empregado de escritório, PCP.

**Peniche**

Carlos Freitas Mota, 39 anos, oficial da Marinha Mercante, MDP/CDE.

**Pombal**

Joaquim Eusébio, 35 anos, professor do Ensino Secundário, PCP.

**Porto de Mós**

Luís António Carreira, 43 anos, engenheiro técnico, PCP.

**LISBOA****Alenquer**

Carlos Manuel dos Santos Silva, 28 anos, professor, PCP.

**Amadora**

Orlando de Almeida, 40 anos, engenheiro agrónomo, PCP, actual presidente da CM.

**Arruda dos Vinhos**

Rogério Quirino, 35 anos, empregado da TAP, PCP.

**Azambuja**

António José Rodrigues, 41 anos, empregado bancário, PCP, actual presidente da CM.

**Cadaval**

João Luís Pinto Machado, 45 anos, empregado de armazém, PCP.

**Cascais**

João Fróis, 37 anos, médico e subdelegado de Saúde de Cascais, PCP.

**Lisboa**

Carlos Carvalhas, 42 anos, economista, do CC do PCP, deputado.

**Loures**

Severiano Falcão, 62 anos, orçamentista da Construção Civil, do CC do PCP, actual presidente da CM.

**Lourinhã**

João Felix Picão de Oliveira, 30 anos, empregado de escritório, PCP.

**Mafra**

Vicente da Silva, 61 anos, coronel de Cavalaria na reserva, independente.

**Oeiras**

Francisco Jesus Silva, 40 anos, engenheiro de Telecomunicações.

**Sintra**

Lino Paulo, 37 anos, sociólogo, PCP, actual vereador da CM.

**Sobral de Monte Agraço**

António Lopes Bogalho, 28

anos, operário, PCP, actual presidente da CM.

**Torres Vedras**

Manuel Fernandes, 35 anos, professor, PCP.

**Vila Franca de Xira**

Daniel Reis Branco, 40 anos, engenheiro técnico, PCP, actual presidente da CM.

**PORTO****Amarante**

Manuel Montenegro, 37 anos, professor, PCP.

**Baião**

Teixeira Pinto, médico, PCP.

**Felgueiras**

Lemos Martins, advogado, independente.

**Gondomar**

Sérgio Teixeira, 35 anos, operário gráfico, do CC do PCP.

**Lousada**

Joaquim Guimarães, engenheiro, PCP.

**Maia**

Serafim Nunes, 32 anos, economista, PCP, actual vereador da CM.

**Marco de Canavezes**

José Baldaia, industrial, MDP/CDE.

**Matosinhos**

Valdemar Madureira, 41 anos, economista, actual vereador.

**Paços de Ferreira**

Álvaro Neto, 36 anos, advogado, PCP.

**Paredes**

Rui Leal, empregado bancário, PCP.

**Penafiel**

Jesus Ferreira, 33 anos, ferroviário, PCP.

**Porto**

António Macedo Varela, 49 anos, advogado, actual vereador.

**Póvoa do Varzim**

José Reina, 40 anos, advogado, independente.

**Santo Tirso**

Manuel Neto, 41 anos, advogado, independente, actual vereador.

**Valongo**

Eduarda Ferreira, 37 anos, professora, PCP.

**Vila do Conde**

Jorge Marques, 37 anos, médico, independente.

**Vila Nova de Gaia**

Ida Figueiredo, 36 anos, economista, PCP, deputada, actual vereadora da CM.

**PORTALEGRE****Alter do Chão**

Antão Lopes Vinagre, 39 anos, licenciado em História, independente, actual presidente da AM.

**Arronches**

Diogo Júlio Cleto Serra, 32 anos, empregado de escritório, PCP, actual vereador da CM.

**Avis**

António Raimundo Bartolomeu, 36 anos, engenheiro técnico agrícola, PCP, actual presidente da CM.

**Campo Maior**

António Meira Peralta, 57 anos, capitão do Exército na reserva, independente, actual vereador da CM.

**Castelo de Vide**

Serpa Soares, 36 anos, médico, PCP.

**Crato**

Manuel António Ferreira, 36 anos, técnico de Finanças, PCP, actual vereador da CM.

**Elvas**

Aníbal Adalberto Franco, 36 anos, funcionário do ME, PCP, actual presidente da CM.

**Fronteira**

Maria Eugénia Palha Marques, 34 anos, médica, PCP.

**Gavião**

Alberto Paisana Faria, bancário, independente.

**Marvão**

José Caldeira Martins, médico veterinário, independente.

**Monforte**

João Martins, 28 anos, técnico dos CTT, actual vereador da CM.

**Nisa**

José Manuel Basso, 27 anos, médico, PCP, actual presidente da CM.

**Ponte de Sor**

José Mariano Abelha Amante, 36 anos, engenheiro técnico agrícola, PCP, actual presidente da CM.

**Portalegre**

Casimiro Meneses, 38 anos, médico, PCP, actual vereador da CM.

**Sousel**

Álvaro Cartas, 28 anos, empregado, PCP.

**FARO****Albufeira**

Romeu Santa Clara de Brito, 46 anos, empregado de escritório, PCP.

**Alcoutim**

José Godinho, 35 anos, PCP, actual presidente da Junta de Freguesia de Giões.

**Aljezur**

Manuel Marreiros, 27 anos, empregado bancário, independente.

**Castro Marim**

António Inteiro, 37 anos, funcionário da EDP, PCP.

**Faro**

Eurico Antunes, 50 anos, engenheiro, PCP, actual vereador da CM.

**Lagoa**

Carlos Boto, 28 anos, empregado bancário, PCP.

**Lagos**

José Rocha, 50 anos, comerciante, independente.

**Nacional**

**SANTARÉM**

**Abrantes**

Manuel Lopes, 46 anos, funcionário público, independente, actual vereador da CM.

**Alcanena**

Valdemar Henriques, 36 anos, técnico fabril, PCP.

**Almeirim**

Gabriel Duarte, 33 anos, técnico tributário, independente.

**Alpiarça**

Armindo Pinhão, 32 anos, professor, PCP, actual presidente do CM.

**Benavente**

António José Ganhão, 40 anos, professor, PCP, actual presidente da CM.

**Cartaxo**

Fernando Galinha, 32 anos, professor, PCP.

**Chamusca**

Sérgio Carrinho, 36 anos, empregado de escritório, independente, actual presidente da CM.

**Constância**

António Santos Mendes, 35 anos, ferroviário, PCP, actual vereador da CM.

**Coruche**

António da Silva Teles, 51 anos, economista, PCP.

**Entroncamento**

Henrique Leal, 32 anos, professor, PCP.

**Ferreira do Zêzere**

Carlos Manuel Silva, 33 anos, revisor da CP, independente.

**Golegã**

Aureliano Alexandre, 40 anos, pequeno industrial, PCP.

**Mação**

Carlos José Filipe, 40 anos, engenheiro técnico agrícola, independente.

**Rio Maior**

Augusto Figueiredo, 27 anos, professor, PCP.

**Salvaterra de Magos**

Carlos Leal, 36 anos, técnico da EDP, PCP.

**Santarém**

Manuel Tanora, 43 anos, professor, PCP, actual vereador da CM.

**Sardoal**

Ilídio Corico, 54 anos, comerciante, PCP.

**Tomar**

António Rosa Dias, 43 anos, professor, independente, actual vereador da CM.

**Torres Novas**

Manuel Ligeiro, 36 anos, administrador hospitalar, PCP.

**Vila Nova da Barquinha**

Luís Bernardino, 38 anos, maquinista da CP, PCP.

**Vila Nova de Ourém**

Sérgio Ribeiro, 49 anos, economista, PCP.

**SETÚBAL**

**Alcácer do Sal**

Gracieta Baião, 38 anos, enfermeira, PCP, actual vereadora da CM.

**Alcochete**

Miguel Boieiro, 38 anos, contabilista, PCP, actual presidente da CM.

**Almada**

José Vieira, 37 anos, operário, PCP, actual presidente da CM.

**Barreiro**

Hélder Madeira, 46 anos, empregado de escritório, PCP, actual presidente da CM.

**Grândola**

António Figueira Mendes, 42 anos, empregado de escritório, PCP, actual presidente da CM.

**Moita**

José Luís Pereira, 45 anos, empregado de escritório, PCP, actual vereador da CM.

**Montijo**

Sérgio Pinto, 36 anos, professor, PCP, actual presidente da CM.

**Palmela**

Ferreira da Costa, 49 anos, desenhador, PCP, actual presidente da CM.

**Santiago do Cacém**

Sérgio Martins, 36 anos, médico, PCP, actual presidente da CM.

**Seixal**

Eufrácio Filipe, 36 anos, empregado bancário, PCP, actual presidente da CM.

**Sesimbra**

Ezequiel Lino, 44 anos, empregado bancário, PCP, actual presidente da CM.

**Setúbal**

Francisco Lobo, 54 anos, operário, PCP, actual presidente da CM.

**Sines**

Francisco Pacheco, 38 anos, empregado bancário, PCP, actual presidente da CM.

**VIANA DO CASTELO**

**Arcos de Valdevez**

António Machado, professor do Ensino Primário, PCP

**Caminha**

José Leal, professor do Ensino Secundário, PCP

**Melgaço**

Adelino Alves, reformado da Função Pública, PCP

**Monção**

Carlos Barbeitos, advogado, PCP

**Paredes de Coura**

João da Rocha Pereira, advogado, independente

**Ponte da Barca**

João Lobo, empregado bancário, PCP

**Ponte de Lima**

Domingos Bezerra, engenheiro, MDP/CDE

**Valença**

José Barbosa Pires, reformado da Guarda Fiscal, PCP

**Viana do Castelo**

Maurício de Sousa, inspector do Ensino Primário, PCP

**Vila Nova de Cerveira**

Egas Correia Pires, professor do Ensino Primário, PCP.

**VILA REAL**

**Alijó**

José Augusto Pinto, empregado, PCP.

**Boticas**

João Batista, professor, PCP.

**Chaves**

Cecília Sevivas, médica, PCP.

**Mesão Frio**

Vítor Oliveira, ferroviário, PCP.

**Mondim de Basto**

Luís Gaiolas, professor, PCP.

**Montalegre**

Leonardo Velho, comerciante, PCP.

**Murça**

Heitor Bessa Guerra, arquiteto, PCP.

**Peso da Régua**

Francisco Silva, pequeno industrial, PCP.

**Ribeira da Pena**

Manuel Silva, empregado, PCP.

**Sabrosa**

Diogo Ferreira, professor, PCP.

**Santa Marta de Penaguião**

Manuel Monteiro, pequeno industrial da construção civil, independente.

**Valpaços**

Adriano Costa, técnico de farmácia, PCP.

**Vila Pouca de Aguiar**

Avelino Gomes, comerciante, MDP/CDE.

**Vila Real**

Virgílio Alves, engenheiro zootécnico e professor do Instituto Universitário, PCP.

**VISEU**

**Armamar**

António Lareiro, 30 anos, ajudante técnico de farmácia, PCP.

**Carregal do Sal**

Heitor Lopes Nunes Pantaleão, 66 anos, economista, PCP.

**Castro Daire**

Reinaldo Almeida da Silva Oliveira, comerciante.

**Cinfães**

José Fernandes de Vasconcelos, 74 anos, médico, MDP/CDE.

**Lamego**

Aventivo de Sousa Pereira, 34 anos, professor do Ensino Secundário, independente.

**Mangualde**

Maria Teresa Cruz, 45 anos, professora, PCP.

**Moimenta da Beira**

Aníbal Mergulhão Rebelo, 62 anos, taxista, MDP/CDE.

**Mortágua**

Martinho Ferreira Quintela, 41 anos, advogado.

**Nelas**

Carlos Afonso Paiva, 66 anos, agricultor, independente.

**Oliveira de Frades**

João Augusto Silva Bastos, 30 anos, advogado, PCP.

**Penalva do Castelo**

Lucília Costa Rodrigues, 26 anos, professora do Ensino Secundário.

**Penedono**

Orlando Timóteo, 30 anos, professor, PCP.

**Resende**

António José Alvelos, 33 anos, funcionário público, PCP.

**Santa Comba Dão**

Esmeraldo Ferreira Gomes, 31 anos, professor, PCP.

**S. João da Pesqueira**

António Luís Vieira da Silva, 29 anos, empregado de Finanças, independente.

**S. Pedro do Sul**

Manuel Bandeira de Almeida Pinho, 39 anos, advogado, PCP.

**Satão**

Manuel Lopes da Silva, 41 anos, economista.

**Sernancelhe**

José Manuel Machado Veloso Gomes, 33 anos, médico, PCP.

**Tabuaço**

António Seixas Queridinho, 45 anos, electricista, independente.

**Tarouca**

Natalino Silva Ferreira, 45 anos, industrial, independente.

**Tondela**

Carlos Rebelo, 29 anos, advogado, independente.

**Vila Nova de Paiva**

António Macário Monteiro, 32 anos, funcionário público.

**Viseu**

Orlando José de Campos Marques Pinto, 64 anos, tenente-coronel de Infantaria, independente.

**Vouzela**

Alexandrino Matos, 41 anos, professor do ensino secundário, PCP.

**ANGRA DO HEROÍSMO**

**Angra do Heroísmo**

Neto Cristóvão, 69 anos, escritor, PCP

**Calheta**

José Bizarro, 36 anos, enfermeiro, PCP

**Santa Cruz da Graciosa**

Francisco Mendonça, 20 anos, electricista

**Velas**

Augusto Correia da Silva, 52 anos, pescador

**Vila Praia da Vitória**

Manuel Campos, 33 anos, operário, PCP

**HORTA**

**Corvo**

Luis Pimentel, 19 anos, trabalhador agrícola, independente

**Horta**

Luís Mota, 37 anos, médico

**Lajes das Flores**

Carlos Alberto Marques, 33 anos, enfermeiro

**Lajes do Pico**

Artur Soares, funcionário de Finanças

**Madalena**

António de Medeiros, funcionário administrativo, MDP/CDE

**Santa Cruz das Flores**

Paulo Valadão, 36 anos, médico veterinário

**S. Roque do Pico**

José Ávila Serpa, médico, PCP

**PONTA DELGADA**

**Lagoa**

Clara Carreiro da Costa, 42 anos, engenheira química, PCP.

**Nordeste**

João Mota, 33 anos, funcionário judicial.

**Ponta Delgada**

Paulo Sousa Lima, 41 anos, despachante de tráfego aéreo, PCP.

**Povoação**

José Luís Ponte, 30 anos, pintor.

**Ribeira Grande**

Duarte Neto, 28 anos, carpinteiro.

**Vila Franca do Campo**

Pacheco Vieira, 45 anos, engenheiro eletrotécnico.

**Vila do Porto**

José da Silva Ricardo, motorista.

**FUNCHAL**

**Calheta**

Bento Abreu, 27 anos, estudante, PCP

**Câmara de Lobos**

António Neves, 31 anos, técnico dos CTT, independente

**Funchal**

Rui Nepomuceno, 49 anos, advogado, PCP

**Machico**

Maria da Conceição Gomes, 32 anos, controladora, independente

**Ponta do Sol**

Jorge Egídio da Silva, 37 anos, canalizador, independente

**Porto Moniz**

Manuel Martinho, 56 anos, alfaiate, PCP

**Porto Santo**

Filomena de Ornelas, 36 anos, empregada de escritório, PCP

**Ribeira Brava**

Óscar Faria, 74 anos, fiscal de obras, PCP

**Santa Cruz**

João Rogério Correia, 32 anos, médico, PCP

**Santana**

João Ernesto Branco, 61 anos, agricultor, independente

**S. Vicente**

Inês Afonseca, 62 anos, caseira, PCP



## Poder Local

## Amadora

# Não querem um inquérito ao trabalho e à competência?!...

Assinalando o 6.º aniversário da criação do município e o 50.º da morte de Roque Gameiro, a Câmara Municipal da Amadora publicou recentemente um breve «roteiro» expondo a actividade municipal e fazendo um balanço da vida autárquica no Concelho nestes últimos anos. Dar uma vista de olhos por tal documento é ficar a saber meia dúzia de importantes coisas a respeito de um município que, sendo dos mais populosos do País, enfrenta corajosamente no dia a dia as dificuldades herdadas e as que sucessivos Governos reaccionários lhe foram criando (agora até manipulam «inquéritos»...)

resumidamente, as seguintes:

**Habitação Social** (onde a Câmara diz que «face à situação dramática de muitas famílias, o Município tem investido um grande esforço para a resolução dos casos mais graves. O fundamental, porém, só uma acção empenhada do Governo poderá resolver: são 50 000 pessoas a viver em bairros degradados e clandestinos»): As acções do muni-

terrenos infra-estruturados cedidos a cooperativas de habitação, aguardando financiamento do Governo; terrenos em preparação para 120 fogos em regime de auto-construção; recuperação de imóveis degradados; projectos de construção para realojamentos.

**Recuperação de clandestinos:** Principais acções desenvolvidas pela CMA (que tem como um dos seus objectivos centrais «transformar os bairros clandestinos, onde vivem cerca de 30 000 pessoas, em zonas residenciais aprazíveis e dignas»): — Instalação de gabinetes técnicos; elaboração de planos urbanísticos; construção de equipamentos sociais; instalação de redes de água e esgotos; construção de rede viária; electrificação (bairros abrangidos pela intervenção: Brandoa, Moinhos da Funcheira, Casal de Mira, Cova da Moura e Casal de Cambra. Elaboram-se actualmente os estudos tendentes ao alargamento da intervenção aos restantes bairros).

Quando às escolas primárias — «sector degradado e em ruptura em 1980», segundo as palavras do documento da CMA — foi-lhes atribuída uma elevada prioridade na acção do município, tendo sido entretanto construídas mais de 160 novas salas e feitos investimentos globais, entre 1980-85, na ordem dos 631 500 contos. Em relação a escolas preparatórias e secundá-

pio dar solução aos graves e diversificados problemas impostos actualmente à juventude, é dada contribuição activa e empenhada ao movimento juvenil e às suas iniciativas: subsídios e apoios directos (ou através das colectividades) às actividades dedicadas à juventude; anualmente cerca de 130 jovens encontram espaço de realização e de experiência trabalhando em diversos secto-



Este Centro de Saúde, onde a Câmara Municipal da Amadora investiu 114 000 contos, demorou mais de três anos a ser aberto (parcialmente) ao público pelo Ministério da Saúde. Isto num concelho com mais de 200 000 habitantes e com extremas carências de assistência hospitalar

O documento começa por explicar o lema «Construir um Município/ Dar Vida a uma Cidade/ Criar uma Comunidade» que ostenta na primeira página. «Construir um Município» é referência «ao esforço que tem sido feito para instalar todos os órgãos do Poder Local em condições de funcionalidade» no jovem município, «e para criar estruturas técnicas e administrativas capazes de traduzir em acção prática as orientações democráticas definidas em cada órgão autárquico». «Dar Vida a uma Cidade» consubstancia o objectivo do Poder Local da Amadora em «criar as condições para uma vivência enriquecida, melhorando o quadro da vida de toda a população, transformar uma floresta de cimento/ dormitório numa terra com jardins, espaços de cultura, desporto e recreio», o que permitirá «Criar uma Comunidade» onde todos «se sintam solidários, independentemente das diferenças de cultura, proveniência ou estrato social».

Após estas considerações entra-se no plano concreto. E que de mais concreto há que a situação financeira de um município, que tudo influencia? Neste campo o Governo, como explica o documento, «não cumprindo a lei das Finanças Locais e alterando-a posteriormente, prejudicou o município da Amadora em

cerca de 2,5 milhões de contos». A falta de duas repartições de Finanças, para além dos prejuízos e incómodos que causa às populações, dificulta as cobranças das receitas do próprio município. «Só com uma gestão racional e equilibrada tem sido possível resolver problemas e realizar obras sem comprometer o futuro», explicita a exposição.

Que problemas e obras, é o que vamos ver.

## Mil e uma acções políticas

No campo do planeamento urbanístico, onde se tem como objectivo «disciplinar e corrigir a ocupação e uso do território, salvaguardando os espaços necessários aos equipamentos sociais e ao desenvolvimento harmonioso do futuro», são as seguintes, as acções desenvolvidas e em curso: elaboração do Plano Director Municipal; Elaboração do Plano da Zona Centro da Amadora; Plano de Recuperação de Carenque e A-da-Beja; Estudos da Zona Norte e Medidas Preventivas; Planos de Recuperação de Bairros Clandestinos.

É claro que estas linhas de força se desenvolvem e concretizam em mil e uma acções práticas, de que destacamos, muito

cípio neste campo mostram 96 fogos construídos e mais 70 em construção; infra-estruturação de terrenos para 500 fogos, à espera de financiamento do Governo;

## Áreas e mais áreas

Outra área que tem mobilizado as atenções da CMA é a da protecção à infância e apoios à juventude e ensino.

Assim, «substituindo-se à inoperância e desinteresse do Governo, a CMA construiu e mantém às suas custas oito Centros de Infância», tende o Orçamento de 1985 dado 73 360 contos para os custos com o pessoal afecto à educação e 15 190 contos para alimentação e outras despesas, num total de 88 550 contos.



A juventude, o desporto, começaram finalmente a ser privilegiados no «município de Abril» (na foto, fase de uma corrida nas ruas da Amadora)

rias, «para além de uma confirmada insistência junto do Governo para a construção de novas escolas, o município tornou disponíveis para o Ministério terrenos de valor superior a 100 000 contos», tendo as escolas preparatórias subido de quatro para oito, entre 1980-85, e as secundárias de uma para seis (estão em construção mais duas, uma de cada).

E a juventude? «Se bem que não esteja ao alcance do municí-

res da actividade municipal; o município criou e mantém, em colaboração com as Juntas de Freguesia, sete Centros de ATL, ocupando centenas de crianças e jovens dos 6 aos 14 anos.

## Problemas «particulares»

A Amadora enfrenta ainda alguns problemas «particulares»,



Amadora: uma floresta de cimento armado a que o jovem município, em íntima colaboração com as Juntas de Freguesia e as populações, vai humanizando a pouco e pouco

**Poder Local**

como bem o atesta o «roteiro» que temos vindo a citar.

**Serviços Públicos:** Desde a sua criação que o município insiste junto do Governo pela descentralização e implantação de serviços públicos necessários à vida corrente da população e correspondentes à dignidade da cidade. Após intensos esforços já foi conseguida a abertura do Centro de Saúde, Cartório Notarial e uma nova Repartição de Finanças, continuando a reivindicar-se a instalação do Tribunal, a abertura das duas Repartições de Finanças ainda em falta e a instalação de um Hospital.

**Arranjos Urbanísticos e Equipamento Urbano:** Como se sublinha, na Amadora estava tudo por fazer, neste domínio, daí que a CMA entenda que «esta parte do nosso trabalho adquiriu hoje uma nova prioridade, notando-se já os resultados do empenhamento conjunto do Município, Juntas de Freguesia e moradores em tornar agradável cada recanto da cidade».

Problemas também nos **acesos e rede viária.** «Os estrangulamentos de trânsito nas zonas centrais da cidade, a necessidade de adaptar algumas vias às novas solicitações do crescimento urbano e a de criar acessos seguros e rápidos a novas zonas habitacionais, exigiram um grande esforço de construção ou reconstrução de largos trechos da rede viária: viaduto, estrangulamento da avenida Elias Garcia, estrada da serra de Mira, acessos ao cemitério (a JAE comprometeu-se com a CMA a iniciar em 1985 as obras de construção destes últimos). Simultaneamente foi reforçada com novos meios a capacidade municipal de manutenção e conservação da rede existente.

Uma palavra ainda para a inexistência de uma passagem inferior para peões na estação da Amadora. A CMA fez o estudo prévio (finalmente aprovado pela CP) e o projecto, que custará ao Município alguns milhares de contos, vai para a frente e contempla uma estação subterrânea, zonas de serviços, duas passagens para peões e um terminal rodoviário. Deste modo a CMA exige que o Governo inscreva no OGE as verbas necessárias para o início das obras em 1986 e que a CP tome de imediato as medidas necessárias à melhoria da segurança dos peões.

**«Inquéritos»?!**

Uma cidade com a densidade populacional da Amadora e as condições específicas criadas pela explosão habitacional no seu, territorialmente, pequeno concelho, levanta questões atrás uma das outras, a começar pelas básicas e emaranhando-se por aí fora. Vejamos mais alguns pontos onde o executivo APU da Amadora, contra más vontades de dentro e de fora (mas sempre vindas de forças políticas que colocam as suas ambições acima dos interesses dos munícipes e dos cidadãos), vai desenvolvendo a sua acção autárquica.

**Redes de Águas e Esgotos:** Como se diz no documento da CMA, esta «reforçou e tornou mais eficaz, no presente mandato, a sua intervenção na gestão dos serviços municipalizados de Oeiras. A situação não é, contudo, satisfatória, encontrando-se para breve a sua resolução defi-

nitiva». Entretanto 95% da população já é servida por redes domiciliárias de águas e esgotos e são as seguintes, as principais obras em execução e previstas para 1985: infra-estruturas dos Moinhos da Funcheira; saneamento da Quinta do Outeiro (Cova da Moura); colector na R. Paiva Couceiro; esgotos na alameda dos Bezouros; estação elevatória da Atalaia; colector na R. Bartolomeu Dias (obra realizada exclusivamente pela CMA); obra intermunicipal da estação elevatória e reservatório de água para abastecimento à Zona Norte.

Como esforço, é notável, sem dúvida. Mas há mais: Desde há cinco anos que o Município reforça os seus meios de intervenção para melhorar a **segurança dos peões**, face à contínua intensificação do tráfego; faz uma intensificação do trabalho de fiscalização e melhoram-se progressivamente os já existentes: mercados de levante na Damaia e Venteira (ampliação) e mercado municipal da Buraca (70 bancas e lojas. Custo: 35 000 contos) e num investimento para cima de 50 000 contos, só neste ano, estão em construção outros na Reboleira, Falagueira, Carenque e A-da-Beja; em relação à **terceira idade**, em cinco anos o Município apoiou a construção e instalação de sete Centros de Convívio para a 3.ª idade e, entre múltiplas actividades desenvolvidas, promoveu a realização de colónias de férias anuais, com crescente participação; aos **deficientes** foram concedidos apoios financeiros directos, cederam-se instalações condignas e respectivo apetrechamento, desenvolveram-se actividades de formação, reabilitação e convívio, eliminaram-se barreiras arquitectónicas em edifícios novos; para a **actividade desportiva** dotou-se o município com uma vasta rede de recintos e equipamento cobrindo todo o território e contemplando as mais variadas modalidades; para a **actividade cultural** o município criou as condições para um funcionamento autónomo e próprio na Amadora; a Saúde Pública tem sido defendida em situações que até ganharam relevo público, pela sua importância e escândalo: recordamos os casos do Centro de Saúde (tendo o município adquirido em 1982 um edifício para o efeito e só este ano entrou em funcionamento parcialmente, graças às pressões da Câmara e das populações junto do respectivo Ministério) e da Lixeira da Boba, que se conseguiu encerrar após uma árdua luta.

Num concelho ultracarentado de espaços verdes, foram ainda plantados largos milhares de espécies arbóreas, criado o parque 25 de Abril, na Damaia, ajardinados numerosos espaços em todo o Concelho e encontra-se em fase adiantada a construção do Parque Central.

Bem podem andar por aí com divulgações de «inquéritos» ultraduvidosos, na tentativa de asfixiar ainda mais este jovem município que, contra ventos e marés e contando com a estreita colaboração dos eleitos autárquicos com as populações, tem desenvolvido uma obra a todos os títulos notável.

Sabe-o quem mais importa: a população. Pretende desconhecê-lo quem com nada disto se importa — os intriguistas de meia tigela que estão prontos a embarcar em provocações sempre rasteiras, nunca ingénuas. Julgá-las-ão impunes?

# A diferença chama-se APU

Honestidade, competência, trabalho, diz a APU. De lema, de proposta dirigida ao eleitorado — com a certeza de cumprir —, a expressão converteu-se, ao longo dos anos, em simples verdade a sublinhar apenas o que tem sido feito nas Câmaras e nas Freguesias pelos eleitos comunistas e pelos seus aliados, do MDP ou independentes. Muita gente o sabe — os que vivem e moram nas áreas onde a APU é maioritária, mas também os que conhecem o esforço dedicado do Povo Unido, mesmo lá onde apenas em minoria trabalham.

Para quem não saiba — e não falamos daqueles que fazem vista grossa ao trabalho, à honestidade, à competência, mas sim de outros a quem não foi provado nem divulgado esse trabalho — basta tirar-se das suas tamanquinhas e ir ver. Com os seus próprios olhos e não com os da Televisão. Ouvir com os seus próprios ouvidos e não com os de certa rádio. Ir ver.

O quadro — por mais que a diversidade dos lugares tenha dado à APU dificuldades diferentes, responsabilidades e problemas que não são os mesmos — apresenta os mesmos traços essenciais. Resume-se nisto: por muito que haja ainda a fazer nas autarquias administradas pelo Povo Unido, os grandes problemas desapareceram.

Os números o dizem e não vamos aqui — por o termos feito e por continuarmos a fazê-lo noutros artigos — falar de números. Abastecimento de água, saneamento, electrificação, arruamentos, escolas, apoio a iniciativas populares de construção com cedência de terrenos, loteamentos e infra-estruturas, dinamização cultural, apoio à infância e à terceira idade, construção de pavilhões desportivos e apoio às iniciativas juvenis, a APU modificou a face de muitos municípios. Onde, apesar das restrições impostas pelo poder central, se tem construído, melhorado.

Onde, apesar da crise fabricada pelos governos que empurram os trabalhadores para a miséria, se vive melhor.

É claro que isto não passa na Televisão. E não é de estranhar, embora a indignação seja legítima e o protesto necessário, que a TV se dedique, nestes últimos tempos, a agravar a imagem já de si desinformadora que transmite da APU, da sua honestida-



de, trabalho e competência. Exemplos desse reacender eleitoralista do anticomunismo têm sido os «bilhetes» que o locutor engraçado Fernando Pessa tem desferido contra as câmaras APU e os seus presidentes, nomeadamente em... Loures e na Amadora!

As obras, lá onde estão feitas, falam por si.

Mas se os munícipes de autarquias APU sabem de sobejo o que é diferente quando o Povo

Unido está à frente dos destinos das câmaras e das juntas, eles sabem que a diferença não se fica pela honestidade; nem pelo trabalho; nem pela competência. Há mais.

Numa recente volta que fizemos por alguns municípios APU, tivemos oportunidade de confirmar uma outra, e grande, diferença que existe entre as administrações do Povo Unido e as outras. Trata-se do diálogo.

Diálogo? Que quer dizer, palavra tão gasta, tão mal-baratada pela política e pela pseudo-informação? É que o diálogo APU também ele é diferente. A APU dialoga, em primeiro lugar com os eleitores. Com todos, e não apenas com os que votaram Povo Unido.

E este diálogo permite coisas espantosas e simples como o entendimento entre munícipes e

vimos em Setúbal. As Câmaras fornecem os materiais, as máquinas, os orientadores técnicos, os projectos; as populações as suas horas de trabalho afinado, aos fins-de-semana, por exemplo...

Vimos isto em Loures e em Setúbal. Mas se quiséssemos — e nos fosse possível o dom da ubiquidade — vê-lo-famos por muito lado ao mesmo tempo. Observaríamos as reuniões de comissões, de associações de moradores, de comissões de obras integradas pelos moradores, por homens e mulheres que não vão «apenas» reivindicar a obra — também o fazem! —, e pedir ao Presidente — também são atendidos! —, mas vão discutir o como se fará a obra comum. Esta a grande diferença.

Tal diferença tem permitido — e continuará a permitir — que a esmagadora maioria das iniciativas das maiorias APU tenham sido nas Câmaras aprovadas por unanimidade. Mesmo quando, por partidarice e sectarismo, por politiquices e ambições mesquinhas outras forças políticas tentem impedir o funcionamento democrático das autarquias.

É que o que tem de ser tem muita força. E o que tem de ser é apresentado com as razões que as populações chamam suas. A APU leva às reuniões camarárias as aspirações das populações. Apesar das tentativas de sabotagem, outros vereadores — e nem todos agem sectariamente lá por não serem da APU — acabam por dar o seu voto às propostas do Povo Unido.

A APU diz honestidade, trabalho, competência. E é verdade. Mais do que isso tudo, o povo reconhece-lhe a capacidade de realizar aquilo a que aspira e o empenhamento em dar voz, sempre, às aspirações dos munícipes.



Estes painéis da Câmara Municipal de Lisboa, profusamente distribuídos pela cidade, têm, desde que foram colocados, constituído um perigo para o trânsito — um perigo que o senhor Pessa da TV não quis notar. Apareceram, inocentes, a anunciar iniciativas da CML. Hoje, entrando ao verdadeiro serviço para que foram concebidos, fazem a campanha eleitoral de Abecasis, mostrando o balanço das «realizações». Não admira que Abecasis queira sempre deitar abaixo as faixas da APU. Talvez façam sombra à sua propaganda que, essa, é «oficial».

Juventude

# JCP faz balanço do AIJ

## • Apelo à participação no trabalho da APU

A Direcção Nacional da Juventude Comunista Portuguesa reuniu na passada sexta-feira. Em conferência de imprensa, convocada para a divulgação das conclusões da reunião, os jovens comunistas salientaram que «os problemas dos jovens foram agravados» ao longo de 1985, ano que foi designado como sendo da juventude.

Tal apreciação tem duas linhas fundamentais: por um lado, a actuação governamental, por outro, todo o movimento juvenil.

Assim, para a JCP, se por um lado o governo não «contemplou os objectivos proclamados pela ONU», por outro lado o desenvolvimento do movimento juvenil foi notório ao longo de todo este ano.

Relativamente à política governamental, os jovens comunistas lembram que com este Governo aumentou o desemprego, os contratos a prazo e os salários em atraso. Lembram ainda o estado em que o ensino se encontra. Logo, por parte do governo não houve qualquer vontade de dinamizar a paz, a participação e o desenvolvimento.

Para os jovens comunistas, a queda do Governo PS/PSD e as consequentes eleições legislativas constituem uma grande vitória também da juventude e um forte contributo para que as linhas de força do AIJ sejam prosseguidas em Portugal.

Na conferência de imprensa, os jovens comunistas criticaram ainda a acção da Comissão do AIJ governamental, que acusam de preferir a partidização à ampla participação das inúmeras estruturas juvenis existentes no nosso País.

### A JCP e as eleições

Na reunião da Direcção Nacional da JCP foram ainda analisadas as eleições, tendo os jovens comunistas concluído que «a juventude votou como votou o povo português: para derrotar a política de direita».

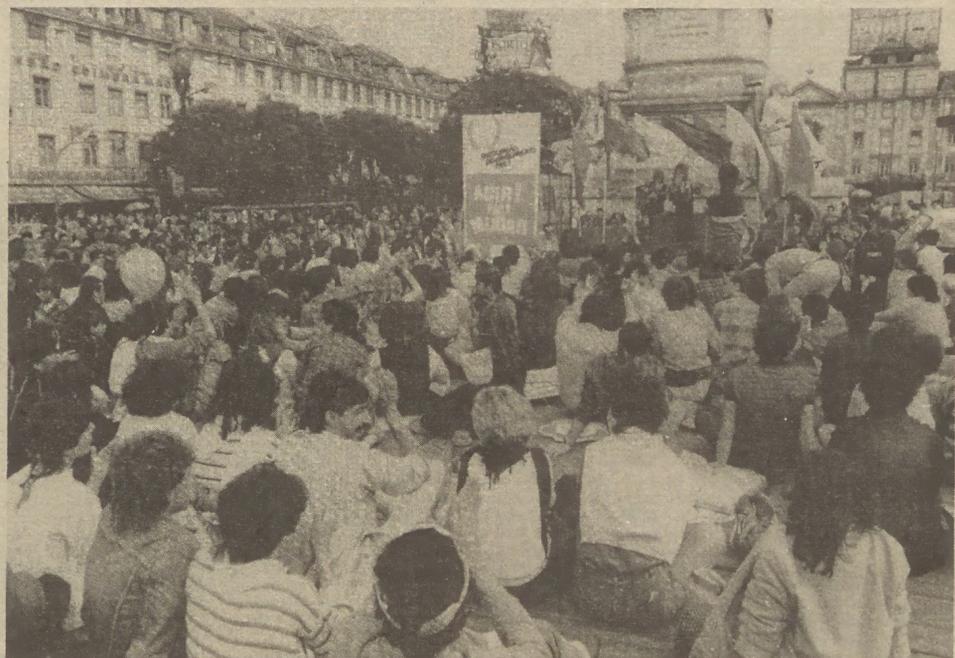
Relativamente à campanha eleitoral, a JCP salientou a «ex-

pressiva participação juvenil e a visível perda de influência dos partidos de direita».

No que respeita às eleições autárquicas, a JCP salientou a importância do grande número de jovens que concorrem pelas listas da Aliança Povo Unido, o que demonstra «a importância que a APU atribui ao papel da juventude».

Finalmente, os jovens comunistas apelam para a continuação da grande participação da juventude na campanha eleitoral da APU.

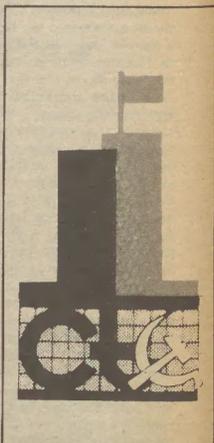
Para a JCP, esta participação é decisiva, uma vez que com a APU é a vez de todos os jovens. Uma vez que só a APU garante efectivamente a paz, a participação e o desenvolvimento.



PCP

### Novo CT da DORS

## Ultrapassados os 23 mil contos!



Na Organização Regional de Setúbal, um conjunto diversificado de iniciativas — caso das abordagens — e a planificação de acções a nível local e regional, enquadram a campanha de recolha de fundos para a construção do novo Centro de Trabalho da DORS do PCP, velha aspiração que brevemente será concretizada com o esforço e o espírito de iniciativa dos comunistas do distrito de Setúbal.

Semana após semana, com passos seguros, a campanha vai crescendo e hoje estamos em condições de informar que o saldo regista já uma verba bem superior a 23 mil contos.

Embora relativo a 11 de Outubro, o gráfico que aqui publicamos dá uma panorâmica da evolução da campanha nos diferentes sectores e concelhos. Sines continua à frente!

SECTORES	CUMPRIMENTO DAS METAS (EM PORCENTAGEM) EM 11 DE OUTUBRO DE 1985									
	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
ALCÁCER										
ALCOCHETE										
ALMADA										
BARREIRO										
GRÁNDOLA										
MOITA										
MONTIJO										
PALMELA										
SANTIAGO										
SEIXAL										
SESIMBRA										
SETUBAL										
SINES										
SINDICAL										
JCP										
DORS										
TOTAL DISTRICTAL										

## 2 de Novembro Alpiarça em festa

Um programa diversificado, com iniciativas de carácter político, cultural e desportivo, assinalará a inauguração do novo Centro de Trabalho do Partido Comunista Português na vila ribatejana de Alpiarça, convívio marcado para o próximo dia 2 de Novembro (sábado), agudado com vivo entusiasmo pela população do concelho.

Durante a manhã o programa será preenchido com provas de atletismo, seguindo-se um almoço-convívio (para inscrições, deve-se contactar o Centro de Trabalho), uma intervenção política (15 horas) e durante a tarde e já depois à noite espectáculos

musicais e leitura de poesia. O Grupo dos Amigos, da Marinha Grande, já confirmou a sua participação nesta jornada de convívio em Alpiarça.

O novo Centro de Trabalho do Partido, cuja campanha de fundos terá de continuar nos próximos tempos para a plena concretização de todos os encargos e planos assumidos, está localizado na Rua Silvestre Bernardo Lima, n.º 208, tem dois pisos e abrange uma área total de cerca de 400 metros quadrados. Possui oito salas, um salão, bar e cozinha, recepção, cinco casas de banho e ainda outras divisões, nomeadamente para a SIP concelhia.

# Ainda não foi ao Alvalade?

## • Cinema, teatro, espectáculos musicais, manhãs infantis



Cinema, música, teatro, animação infantil, debate e esclarecimento — o convite continua de pé. Especialmente, neste caso, para quem vive na Grande Lisboa. Trata-se do Encontro Alvalade, um espaço permanente de cultura e de convívio.

uma iniciativa da APU aberta a todos os interessados. Para hoje, quinta-feira, a programação inclui o filme «Reds», de Warren Beatty, às 17 e 30 e às

que se aproximam. No Café Encontro, funcionará a discoteca a partir das 23 horas. A noite de sábado será preenchida com a actuação de Manuel

NA GALERIA EXPOSIÇÃO DE GRAVURAS DE GIL TEIXEIRA LOPES

CICLO O CINEMA E OS JOVENS

encontro Alvalade

um local de encontro POVO UNIDO permanente

## Apresentação de candidatos

Amanhã (sexta-feira), às 21 e 30 horas, vai realizar-se no Alvalade uma sessão pública de apresentação de candidatos da Aliança Povo Unido às eleições autárquicas de 15 de Dezembro, na área de Lisboa, nomeadamente os cabeças de lista à Câmara e Assembleia Municipal e às 53 freguesias do concelho.

Estão previstas intervenções de Carlos Carvalhas, membro do Comité Central do PCP, deputado e candidato à presidência da CML; Rui Godinho, vereador e candidato à Câmara; do MDP/CDE; e de José Casanova, da Comissão Política do Comité Central do PCP.

21 e 30 horas (espectáculo não aconselhável a menores de 13 anos). No Café Encontro estará Hugo Maia (Tramagal) às 23 horas.

Amanhã, às 21 e 30, haverá no salão da conhecida sala de espectáculos de Lisboa uma sessão pública de apresentação dos candidatos da Aliança Povo Unido às eleições autárquicas

Freire (21 e 30) no salão do Alvalade. No espaço do Café Encontro estará Fernando Potier (23 horas).

Os mais pequenos estarão de parabéns no domingo, que lhes reserva uma manhã infantil recheada de surpresas, com início às 11 horas. Em sessões marcadas para as 15 e 30, 18 e 30 e 21 e 30, será exibido «Angústia de Viver». Música africana interpretada por um conjunto de Cabo Verde é o convite para a noite de domingo no Café Encontro.

«Reed, México Rebelde», do realizador Jean Leduc, será projectado no salão do Alvalade às 18 e 30 e depois às 21 e 30 de segunda-feira, dia 28 (não aconselhável a menores de 13 anos). O cinema será ainda ponto destacado da programação no dia seguinte, com a exibição às 17 e 30 e às 21 e 30 horas da película «A Sombra do Guerreiro», de Akira Kurosawa (não aconselhável a menores de 13 anos). Nessa noite, Fernando Potier volta à sala do Café Encontro (23 horas).

Na quarta-feira, dia 30, passará no écran branco o filme «As Portas do Céu», de Michael Cimino (interdito a menores de 13 anos), enquanto no Café Encontro acontecerá um «encontro jovem».

E chegamos a quinta-feira. «Morrer em Madrid», de Frederic Rossif, com sessões às 18 e 30 e 21 e 30, é o filme seleccionado para esse dia, e não aconselhável a menores de 13 anos.

Na próxima edição do «Avante!» daremos a grelha da programação para os dias seguintes.

Convém, entretanto, recordar que as manhãs infantis no Alvalade têm as entradas ao preço de 50 escudos, os espectáculos musicais 200\$00, os espectáculos de teatro 150\$00 e as sessões de cinema 125\$00. Os filmes anunciados constam de um ciclo intitulado «Questões de História», que decorrerá até 8 de Novembro, e durante o qual ainda poderão ser recordados trabalhos como «Os Malditos», de L. Visconti ou o «Couraçado Potemkine», de S. Eisenstein. É caso para dizer: vale a pena estar mesmo atento.



Alvaro Cunhal e algumas dezenas de artistas, no encontro do cinema Alvalade

Nacional

## Checoslováquia

### • Iniciativa comemorativa do «28 de Outubro»

Assinalando o «28 de Outubro», data da criação do Estado checoslovaco independente, a Associação Portugal-Checoslováquia promove na segunda-feira (dia 28) em Lisboa uma sessão de convívio no decorrer da qual serão exibidos alguns filmes inéditos sobre aquele país socialista. A sessão decorrerá no salão «Zurique» do Hotel Penta, a partir das 21 e 30 horas. Trata-se de mais uma iniciativa aberta ao público daquela Associação.

## Assembleia de Debate marcada para Novembro

A Direcção Nacional da JCP decidiu a convocação de uma Assembleia de Debate da Juventude Comunista Portuguesa para o próximo dia 17 de Novembro. A convocação desta Assembleia de Debate prende-se com a necessidade de analisar o trabalho nas escolas do ensino secundário.

A Direcção Nacional da JCP decidiu ainda convocar uma outra Assembleia de Debate — ainda sem data marcada — com a

finalidade de debater a actividade a desenvolver no âmbito do Ano Internacional da Paz e o desenvolvimento do movimento juvenil em torno do 24 e 28 de Março, Dia do Estudante e Dia Nacional da Juventude, respectivamente.

Os jovens comunistas decidiram também comemorar mais um aniversário da JCP. Esta efeméride comemora-se no mesmo dia — 10 de Novembro — em que se assinala o 40.º aniversário

da fundação da Federação Mundial da Juventude Democrática.

A reunião da Direcção Nacional da JCP realizou-se na sexta-feira passada e, como notícia-motiva local, os jovens comunistas analisaram os resultados eleitorais e fizeram um balanço deste Ano Internacional da Juventude, ao mesmo tempo que apelaram à participação massiva da juventude na próxima batalha para as eleições autárquicas.

## Comunicação Social Encontro no Vitória

O camarada Bianqui Teixeira, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central, participa esta noite (quinta-feira) num encontro com trabalhadores da Comunicação Social de Lisboa. A iniciativa, que decorrerá no Centro Vitória, a partir das 21 horas, é promovida pelo organismo de direcção do Sector da Informação da ORL do PCP. «As eleições de 6 de Outubro, as suas consequências, a situação política e as perspectivas que se abrem» serão temas em foco neste encontro com profissionais da Comunicação Social.

## Os poemas possíveis

José Saramago

O romancista consagrado de hoje «decidiu raspar com unha seca e às vezes irónica o Poeta de Ontem»

O resultado foi OS POEMAS POSSÍVEIS que não sendo outro livro são uma nova edição revista e emendada. Obra de um grande autor.



# A crise como arma na guerra social

Os monitores de opinião pública que marcam passo com a direita, e mais que os outros aqueles que aparentemente se insurgem contra as ideologias, têm tentado fazer da Crise um conceito económico de valor universal.

Da crise, como reflexo por exemplo de determinada carência, passam esses monitores ideológicos ou mentores de ideias, por norma conservadoras ou reaccionárias, para qualquer coisa de parecido com a Crise absoluta, determinante.

Nela não caberia em seu entender, a própria análise da crise. E muito menos os seus factores, e principalmente **factores**, seriam situáveis, localizados, por assim dizer, concretamente.

Hoje em dia, sempre que os profissionais dessa espécie muito vulgar nas páginas de opinião dos meios de comunicação social mais difundidos se debruçam afinal sobre crises muito fáceis de localizar e desenredar nos seus fins ocultos, a Crise aparece como **máscara** difícil de arrancar pelo primeiro leitor solicitado, pelas próprias características (armadilhas) do texto, a fazer uma leitura superficial.

É claro que essa máscara não é inofensiva, e está longe de qualquer objectivo estético ou espectacular.

Não é preciso grande esforço aos habilitados nesse artifício para passar da crise **A, B** ou **C** para a Crise com maiúscula — quase tão imponderável como um sentimento, uma sensação.

Sempre que os antagonismos internos, característicos da fase actual do sistema capitalista, não têm explicação possível sem o recurso a vias não capitalistas de desenvolvimento, é certo e sabido que, para esses monitores ideológicos, a Crise é **geral, absoluta, determinante**.

Não é por acaso que, para os inculcadores de ideias falsas, a **crise geral do capitalismo** nunca existiu, porque nunca a nomeiam e fogem a analisá-la como tal.

Para eles, principalmente quando essa crise bem determinante se agudiza, é todo o Mundo, todo o Universo que está em crise.

Do seu ponto de vista, talvez, nos casos mais benignos inconsciente, a Crise, sendo **máscara**, funciona como **autodefesa**; e fácil é perceber porquê.

Não há evidentemente dois mundos neste Mundo. Os reflexos da **crise geral do capitalismo** fazem-se sentir em toda a parte. Mas esses reflexos, mes-

mo quando são quantificáveis sem esforço de maior, diluem-se propositalmente para que a **máscara** se mantenha intacta e, se possível, cause algum receio com efeitos repressores.

Mesmo reformistas bem intencionados, talvez porque nunca quiseram saber até onde vão e conduzem as contradições antagónicas do capitalismo, usam também eles a Crise como máscara pegadiça e uniforme. E não é apenas pelas limitações das suas análises — quando as fazem — que isso sucede. Sucede porque reconhecem a utilidade do artifício, e são também os seus interesses imediatos que se jogam na falsa apreciação das realidades.

Sempre que a natureza do capitalismo é atacada ou posta em causa, naturalmente que a generalização da sua crise própria e particular só ganha em ser **alargada** até ao absoluto.

Assim é mais fácil inculcar o capitalismo não como um sistema em si próprio contraditório e antagónico perante outros sistemas económicos; mas, embora com as suas variantes, como **protótipo eterno** do desenvolvimento não apenas destes milhões de homens de determinadas zonas do Mundo, mas de toda a Humanidade.

Assim se entende a componente repressiva da Crise, como máscara difícil de arrancar.

Pretende-se, entre outros efeitos fáceis de descobrir, que os próprios sacrifícios dos trabalhadores para vencer determinada crise acabem por alimentar a Crise.

Mantendo-se como **máscara**, a Crise passa a ser, ao mesmo tempo, uma **arma na guerra social**, abertamente conduzida pelos governos de direita contra os trabalhadores em Portugal.

De ameaça em ameaça, a Crise acaba por atingir a própria organização básica dos trabalhadores. Já não são apenas os seus direitos materiais, as questões ligadas à contratação colectiva, à segurança no emprego, à defesa dos postos de trabalho, à revitalização das empresas. É a própria capacidade de defender esses e outros direitos que é atacada pela Crise.

Quando ela funciona como elemento do aparelho ideológico montado para defender os interesses do grande capital financeiro, nunca são demais os esforços para a **desmascarar** e combater, como se combate a crise geral, **sem máscara**, do capitalismo.

## Conselho Nacional da CGTP

# Aumentam as possibilidades de êxito da luta dos trabalhadores

O Conselho Nacional da CGTP-IN reunido em Lisboa no dia 15 aprovou importantes objectivos de luta, aqui referidos na semana passada. Quanto ao resultado das eleições legislativas do dia 6, aquele órgão dirigente da Central salienta que «aumentaram consideravelmente» as «possibilidades de êxito da luta dos trabalhadores». Mas essas possibilidades «continuam interligadas com o reforço da unidade» das massas trabalhadoras em torno da CGTP-IN, com o «aumento do prestígio e da consolidação da sua estrutura orgânica, particularmente nos locais de trabalho», lê-se nas conclusões da reunião.

Neste período que se segue às eleições legislativas, a «CGTP-IN não regateará esforços no sentido da obtenção de convergências, cooperação e

travar a política antidemocrática que levou a fome e a miséria ao povo, arruinou a economia do País e pôs em perigo o regime democrático», assinalam ainda



Para que gestos destes sejam impossíveis, mesmo em caricatura, continua a impor-se o alargamento e a unidade do movimento sindical

(Desenho de «O Electrão», órgão do SIESI)

unidade entre todos os trabalhadores e outras camadas sociais».

No ponto seguinte das conclusões a que chegou o Conselho Nacional refere-se, como «fundamental», que as «possibilidades» abertas pelas urnas no dia 6 «se desenvolvam, inclusivamente na importante questão das eleições presidenciais».

A CGTP-IN, que prepara a sua 2.ª Conferência de Organização Sindical, prevista para os dias 4 a 9 de Novembro próximo, sublinha, por outro lado, que «as esperanças» abertas pelos resultados das eleições de 6 de Outubro para o povo português «só se concretizarão com o seu empenhamento e luta».

Desse modo, o Conselho Nacional faz um apelo ao alargamento da unidade e ao reforço da organização.

A CGTP-IN, que reivindica os resultados das eleições legislativas como uma vitória no campo da sua actividade como «organismo social», recorda nomeadamente que, nessa qualidade, «mobilizou os trabalhadores e orientou a sua luta em defesa dos seus interesses de classe, contribuindo decisivamente para que se tivesse verificado a dissolução da Assembleia da República, a demissão do Governo PS/PSD e a convocação de eleições antecipadas — acontecimentos indispensáveis para

o Conselho Nacional da Inter refere que, «sem a unidade dos trabalhadores em torno da CGTP-IN, não teria sido possível enfrentar e fazer parar a ofensiva antidemocrática do grande patronato».

Apesar da repressão, das «campanhas de desinformação e de calúnia», das «medidas discriminatórias, visando diminuir ou mesmo apagar a sua influência na sociedade portuguesa», a CGTP-IN «continua unida e coesa desde a base à sua direcção, na diversidade e pluralismo de opinião que democraticamente se manifesta no seu colectivo de centenas e centenas de milhares de trabalhadores», recorda o Conselho Nacional.

Quanto ao **divisionismo**, acrescenta aquele órgão dirigente da Central, «seria grave ilusão acreditar que o patronato, nas actuais dificuldades estratégicas que enfrenta, estaria em condições de prescindir da UGT».

Mas a UGT foi batida, ela também, nas eleições. Segundo o Conselho Nacional, «os divisionistas da UGT, pelo seu comprometimento com a política dos governos de direita e pelo empenhamento directo dos seus

dirigentes na campanha eleitoral a favor dos partidos do Governo PS/PSD, foram também derrotados nas eleições de 6 de Outubro».

No entanto, acrescentam as conclusões do Conselho Nacional, «a condenação do divisionismo confirmar-se-á fundamentalmente nos locais de trabalho, através da acção comum dos trabalhadores pela resolução dos seus problemas concretos, no combate à repressão patronal e no esclarecimento fraterno dos efeitos negativos da acção divisionista».

No que respeita à preparação da II Conferência de Organização Sindical, as conclusões do Conselho Nacional da Inter exortam «todas as organizações e activistas a empenharem-se decisivamente nessa tarefa».

O objectivo da Conferência não é só o de «confirmar os ensinamentos» da «rica experiência organizativa» da Inter. É também, com base nela, «encontrar novas soluções e caminhos para tornarem o movimento sindical organicamente apto a enfrentar os complexos problemas do presente e pronto a agir perante os desafios do futuro».

## O abono não chega a nada

O abono de família que em 1974 cobria 54,8 por cento das despesas alimentares com crianças de 11 e 12 meses acabou por representar apenas 17,4 por cento das mesmas despesas em 1984. Reclamando o aumento do abono de família para 1470 escudos, o que corresponde a um litro de leite por dia, a CGTP-IN propõe a subida de todas as prestações familiares que «sofreram naturalmente a mesma degradação que o abono de família, sendo os seus valores claramente inadecuados».

Conforme foi aprovado no seu IV Congresso, em Março de 1983, os valores mínimos do abono de família e das outras prestações familiares devem corresponder, segundo a CGTP, a uma percentagem do salário mínimo nacional (SMN).

Assim, a revisão dos respectivos valores, a partir de 1 de Outubro findo, deve ser feita como segue:

**Subsídio de aleitação** (10% do SMN) 1950 escudos; **subsídio de nascimento** (100% do SMN) 19 200 escudos; **abono complementar a menores deficientes** (50% do SMN das domésticas) 7500 escudos; **subsídio de casamento** (55% do SMN) 10 080 escudos; **subsídio de funeral** (200% do SMN) 38 400 escudos; **subsídio vitalício** (50% do SMN das domésticas) 7500 escudos.

Recorde-se que o abono de família, que correspondia em 1974 a 7,4 por cento do salário mínimo nacional, não ultrapassa hoje os 3,4 por cento do mesmo valor.

No fim deste ano de 1985, calcula, por outro lado a CGTP, que, relativamente ao salário mínimo nacional, o abono de família fique ainda aquém dos 17,4 por cento de 1984, estimando-se em 16,6 por cento essa proporção.

A CGTP-IN lembra que o abono de família deve satisfazer as exigências básicas mínimas das crianças e dos jovens.

Os novos valores das prestações familiares, que a CGTP-IN propôs para entrarem em vigor em 1 de Outubro findo, devem ser cobertos pelo Orçamento do Estado.

Sobre o alargamento da unidade e o reforço da organiza-

Trabalhadores



Os trabalhadores da Função Pública reúnem-se para debater (e defender) a Reivindicação/86

# TFPs reúnem-se nos Açores

Em dezenas de locais de trabalho nas Ilhas de São Miguel, Faial e Terceira as direcções central e regionais do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Açores iniciaram uma série de reuniões destinadas a preparar um conjunto de reivindicações a apresentar ao futuro governo central.

Numa nota do dia 20, as direcções distritais e a direcção central do Sindicato referem que,

relacionadas com essas reivindicações, foram entretanto solicitadas audiências aos responsáveis locais, designadamente ao secretário dos Assuntos Sociais e ao secretário regional da Educação e Cultura.

As reuniões, que fazem parte de uma primeira fase, realizam-se sobretudo nos sectores da Segurança Social, Ensino e Saúde.

Os principais assuntos a debater pelos trabalhadores e pelos

responsáveis sindicais relacionam-se com horários de trabalho, aplicação ou reestruturação de carreiras, actualização dos quadros de pessoal, formação profissional e aumentos salariais para 1986.

Muitos dos assuntos em discussão, acrescenta o Sindicato, «não encontraram resposta com o anterior governo», devido à sua política antilaboral e a «uma constante fuga ao diálogo», particularmente sentida no sector.



A indústria têxtil representa mais de 30 por cento do emprego na indústria transformadora no nosso país. Ao referir-se ao sector durante a reunião do Conselho Nacional da EFTA, em Genebra, Rosa Maria Marques, em nome da CGTP-IN, considerou que «o alinhamento de Portugal pela tarifa aduaneira comum, bem como a aceitação pela CEE de acordos preferenciais com determinados países do Terceiro Mundo tornarão mais vulnerável a situação da indústria têxtil portuguesa, sendo previsível uma redução de vendas no mercado interno». O estabelecimento de contingentes nas nossas exportações para a CEE virá ainda agravar mais a situação, referiu ainda aquela dirigente nacional da Inter. «A adesão do nosso país à CEE não deve transformar-se numa marcha-atrás nas relações comerciais existentes há muito no quadro dos países da EFTA», defendeu ainda em Genebra aquela dirigente sindical

## LUTAS E TAREFAS

• **Mais atenção ao local de trabalho,** preconiza o movimento sindical unitário que prepara a 2.ª Conferência de Organização para Novembro. Reunidas em Lisboa, na quarta-feira da semana passada, as organizações representativas (ORTs) dos trabalhadores de empresas prioritárias, num encontro sindical de base, consideraram que a empresa é, no dia-a-dia dos trabalhadores, o principal foco gerador de problemas laborais e sociais. Numa resolução, o encontro organizado pela CGTP-IN e pela União dos Sindicatos de Lisboa reafirma

de esperar os cerca de 300 trabalhadores da AGA (importação de açúcar e álcool) para finalmente verem publicado o seu primeiro Acordo de Empresa». A FEPCES emitiu uma nota sobre o assunto no passado dia 15.

• **Entidades médicas privadas continuam a cobrar taxas moderadoras.** Numa carta ao ministro da Saúde a CGTP-IN protesta contra essa cobrança abolida nos hospitais públicos, depois de declarada inconstitucional em 27 de Julho findo. A Central, segundo nota de 11 do



Metalomecânica pesada: grandes empresas atacadas pela política PS/PSD (foto da Sorefame)

que os trabalhadores «têm de estar organizados a partir dos locais de trabalho e de conhecer a realidade da empresa, para melhor atingirem os seus objectivos». A descentralização sindical foi um dos temas em debate. A actividade sindical na empresa deve ter um desenvolvimento mais eficaz, reconhece-se na resolução.

• «Durante os anos de 1984 e 1985 foi negado às associações sindicais o exercício do direito de antena na RDP», afirma a CGTP-IN, que acaba de requerer ao Conselho de Comunicação Social «a adopção de medidas adequadas» para que o movimento sindical exerça ainda este ano o seu direito de antena na rádio. A CGTP-IN, que emitiu uma nota sobre o assunto na passada quinta-feira, acrescenta que «já em 26 de Março passado uma delegação sua se avistou com o Conselho de Comunicação Social para expor esta situação e requerer as medidas que lhe ponham termo». Recorda a Central que a administração da RDP invoca como pretexto, para essa prática «ilegal e inconstitucional», a alegação de que não existe «consenso universal» entre as associações candidatas aos tempos de antena. A CGTP-IN afirma que esse pretexto é falso, pois as deliberações sobre o assunto têm sido tomadas «pela larga maioria, se não mesmo pela totalidades das associações presentes nas reuniões».

corrente, exige «iniciativas imediatas» que reponham a legalidade.

• **Continuavam por pagar no fim da semana passada os salários em atraso na Mompur, na Durapias, Guérin de Coimbra, Torralta, jornal «O Primeiro de Janeiro», Gráfica Central do Seixezelo (Vila Nova de Gaia), Ribeiro & Irmão (metalúrgica de Oitã, concelho de Oliveira do Bairro).** Nesta última empresa, uma greve iniciada no passado dia 16 teve uma adesão de 100 por cento no primeiro dia de paralisação. A empresa, com 50 trabalhadores, não paga salários e outras remunerações atrasadas referentes ao ano passado. A forma de luta adoptada vai prolongar-se por dias alternados até se conseguir solução para o pagamento dos atrasados que incluem os salários de Setembro, retroactivos de Fevereiro e Março findos, subsídios de Natal do ano passado e de férias deste ano. O Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro revela, entretanto, que «o produto acabado da Ribeiro & Irmão estava a ser comercializado abaixo dos preços de custo». Mantinham-se, entretanto, sem solução numerosos casos de salários e outras remunerações por pagar.

• **As organizações representativas dos trabalhadores da metalomecânica pesada (MMP) do sector empresarial do Estado pretendem que lhes seja assegurado «um mercado definido».** As ORTs, reunidas recentemente em Lisboa, acusaram mais uma vez o Governo, as administrações e o IPE — Investimentos e Participações do Estado de terem seguido uma «política ruinosa» que foi derrotada nas eleições de 6 de Outubro. A Sorefame, Equimetal e Mompur, principais empresas do ramo, pertencentes ao SEE, devem articular-se com as empresas do sector privado e começar a produzir em pleno, evitando o desmantelamento, os salários em atraso e a rotura preparada pela política anterior.

• **Seis meses depois de ter sido depositado no Ministério do Trabalho continua a aguardar publicação, no respectivo Boletim, o Acordo de Empresa (AE) pronto em Abril findo para a AGA.** A Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços protesta contra o atraso porque são responsáveis os ministros do Trabalho, do Comércio, e das Finanças. Os salários deverão ser actualizados em Janeiro de 1986, «sem que se saiba — acrescenta a FEPCES — quanto terão ainda

**ALEXANDRE FADÉIEV**  
Fadéiev estudando documentos, falando com os pais e os amigos do jovem assassinado, pôde reconstituir o terrível drama de uma generosa juventude ceifada pela atroz máquina nazi-fascista.

**ÓSCAR LOPES**  
Uma introdução de Óscar Lopes à leitura dos importantes escritores portugueses do Séc. XIX: Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Arnal do Gama; Julio Diniz, Camilo Castelo Branco, Eça de Queiroz, Oliveira Martins.

**ANA MAGALHÃES e ISABEL ALÇADA**  
«... Os heróis de "Uma Aventura..." falam português, comem português, respiram português. É o país do Pós-25 de Abril...»  
O Sete, 6/6/84

**editorial CAMINHO**

A situação na Mundet leva novamente os corticeiros à greve

Nacional

De amanhã até domingo, em Évora

# Mais de 500 participantes no Congresso sobre o Alentejo

Com a presença de 470 participantes, entre os quais avultam nomes de grande prestígio do nosso meio cultural e científico, inicia-se amanhã nas instalações da Universidade de Évora o **Congresso sobre o Alentejo**. Aguardado com natural expectativa em toda a região, esta iniciativa culmina um intenso trabalho preparatório iniciado em Fevereiro último, período durante o qual foram elaboradas por diferentes autores as 170 comunicações que até ao próximo domingo enriquecerão o debate das doze secções em que funcionarão os trabalhos do Congresso.

Versando um grande leque de temas — o que de acordo com a diversidade dos respectivos autores faz prever, segundo a Comissão Promotora, um «debate aceso» — o Congresso suscitou um enorme interesse junto de diferentes sectores e personalidades, razão que explica em larga medida o elevado número de inscrições, as quais excederam «as expectativas mais optimistas».

A decorrer simultaneamente em seis auditórios, o Congresso abordará três grandes linhas temáticas, a saber: «**Economia e Desenvolvimento Regional**», «**Recursos, ciências e técnica**» e «**O Homem e o seu Enquadramento Social e Cultural**». Foi, aliás, este tema, o que suscitou maior número de inscrições, muitas das quais incidirão sobre questões como o ensino e a cultura, a História e a sociedade, o património e a comunicação social.

Informações recentemente prestadas por representantes da Comissão Promotora no decorrer de uma conferência de imprensa em Lisboa indicam, entretanto, que temas de **literatura** serão abordados por vários especialistas enquanto que para a área da **educação** estão preparadas intervenções de carácter geral com destaque para a questão do analfabetismo e outras mais estritas como «o conto ou a lenda, a dança e o canto, o teatro, a poesia».

A relação do homem com o trabalho e a paisagem, questões de sociologia, antropologia e demografia bem como um trabalho sobre a pintura mural no Alentejo da autoria de Túlio Espanca serão também objecto de comunicações neste grupo de temas.

No segundo grande grupo de temas (Recursos, ciências e técnica) serão analisados aspectos de carácter mais técnico, nomeadamente questões ligadas ao

**meio ambiente e ecologia, recursos vivos, agronomia e solos, recursos humanos e investigação e recursos minerais e energéticos.**

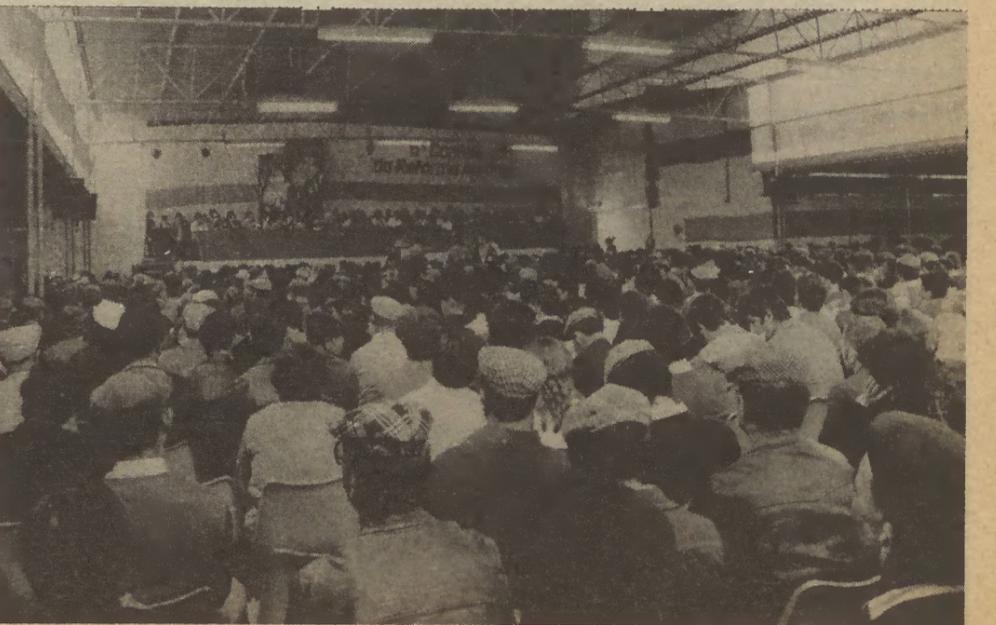
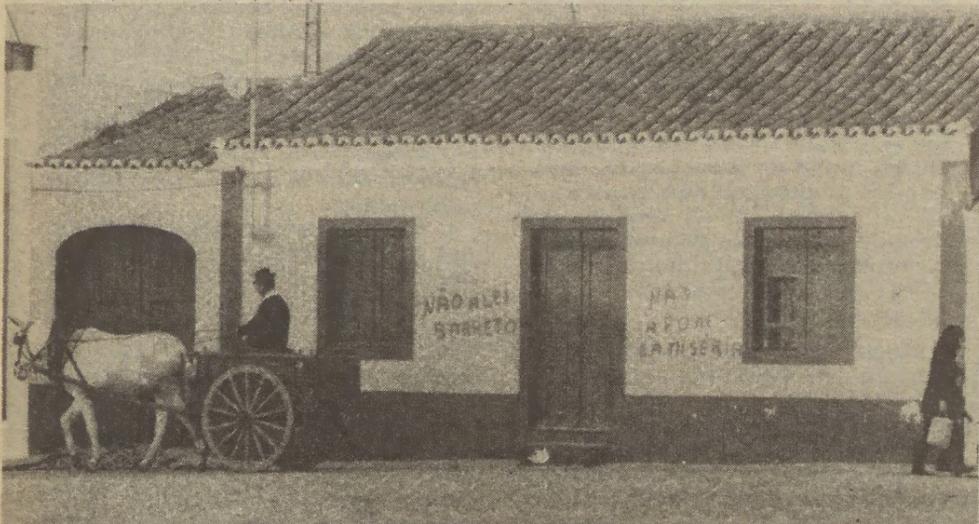
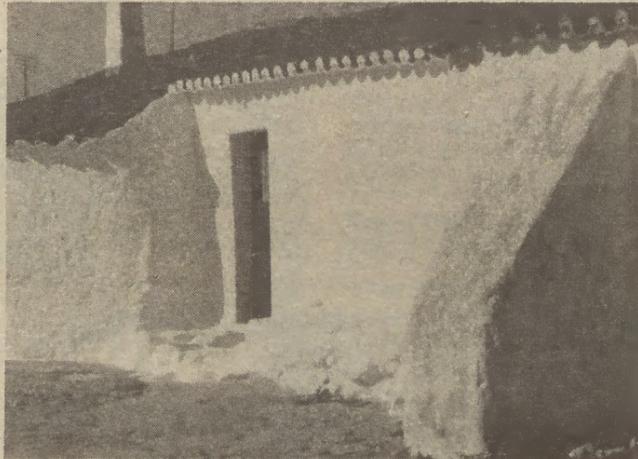
Quanto ao terceiro grupo (Economia e desenvolvimento regional), as intervenções dos participantes incidirão sobre a **agricultura e estrutura fundiária, os grandes projectos, a regionalização e o desenvolvimento.**

Entre as personalidades, organizações e entidades oficiais a quem foram dirigidos convites para assistir aos trabalhos do Congresso do Alentejo contam-se o Presidente da República, os deputados eleitos pelos círcu-

los de Évora, Beja e Portalegre e um deputado de cada força política do distrito de Setúbal.

No Congresso participarão igualmente, provenientes do país vizinho, duas delegações representativas da Junta da Extremadura e da Andaluzia.

Na sequência do programa cultural que diariamente desde o passado dia 18 a Câmara Municipal de Évora tem vindo a promover no âmbito desta importante iniciativa — um destaque para as exposições na Galeria Municipal de Arte — está prevista para a tarde do próximo domingo uma grande festa alentejana na qual participarão dezenas de grupos corais.



Segurança Social

# Governos PS, PSD e CDS hipotecam-nos o futuro

Nos últimos anos do século vinte, cerca de 13 por cento da população portuguesa terá mais de 65 anos. O envelhecimento da população portuguesa — aliás à imagem do que se passa na grande maioria dos países europeus — tende a acentuar-se nestas últimas décadas. O século vinte e um terá, à partida, cerca de 1,4 milhões de portugueses idosos. Que será feito deles?

Tendo em conta a situação dos idosos ao longo dos anos e, em especial, de há nove anos a esta parte, o futuro não se nos apresenta muito promissor, uma vez que a grande maioria dos portugueses envelhece em condições bastante abaixo das minimamente aceitáveis.

Segundo um estudo do Instituto Damião de Góis, em 1981, 74,1 por cento das pensões da Segurança Social era inferior a 6 mil escudos e, em 1982, 86 por cento das pensões oscilavam

entre os 5 e os 8 mil escudos.

Conclui o estudo que «a política social pode hipotecar o futuro se não for utilizada como instrumento de desenvolvimento num país com as nossas características socioeconómicas».

Hoje em dia, «a maioria dos idosos portugueses continua na cauda dos níveis de rendimento existentes». Por outras palavras, o Estado (e aqui subentenda-se Governo) está de facto a hipotecar o futuro dos portugueses, hipotecando desde já o seu presente.

## Carências na velhice...

Em 1984, 50,4 por cento dos pensionistas viviam em barracas. Esta percentagem é bem exemplificativa da situação em que actualmente vivem os mais idosos, com pensões de miséria, como repetidamente vêm alertando.

São carências por todos conhecidas. São carências que nos invadem ao mais pequeno gesto. Aumentam os que andam pelos caixotes de lixo dessas cidades à procura de um pouco de seja o que for para comer. Aumentam também os suicídios. Aumenta a miséria e a fome.

## ... são reflexo de um vida

Mas quando o estudo do Instituto Damião de Góis afirma que se está a hipotecar o futuro dos portugueses, não se está unicamente a referir às pensões da Segurança Social.

O que se passa é que «a grande maioria dos problemas que afectam as gerações mais idosas têm a sua génese nas condições de existência verificadas durante o percurso da vida». Aqui é que bate o ponto!

Não está em causa, como se pode ver, unicamente um regime de Segurança Social. O grande problema reside, isso sim, em toda uma prática política atentatória dos interesses do povo português.

Se tivermos em conta que em 1983, 31,4 por cento das famílias que habitam o continente ti-

nam rendimentos inferiores aos necessários para satisfazer as suas necessidades básicas, e que desde então aumentou a inflação, subiram os preços ao consumidor, diminuíram os salários reais, aumentou o desemprego e os contratos a prazo, temos à partida que o problema da Segurança Social não é um problema isolado e não passa de um dos últimos, senão o último, dos episódios da autêntica guerra social e económica que os governos de direita têm movido contra os trabalhadores e a população em geral.

Por tudo isto, não deixa de ser sintomático — e socorrem-nos uma vez mais do estudo do Instituto Damião de Góis — saber que «após uma sensível melhoria nos anos de 1974/1975 (em particular quanto às pensões de velhice), assistimos a um decréscimo a partir de 1976», ou seja, desde o começo do processo contra-revolucionário, desde que estão no Governo o PS, o PSD e o CDS.

Pelo que aqui se disse torna-



-se evidente que também para a Segurança Social, também no que diz respeito aos reformados e a todos os pensionistas, é urgente uma nova política. Uma política que tenha em conta os problemas e as legítimas aspirações de todo o povo português. Para que não nos hipotecuem o futuro.



## Trabalhamos, Lutamos Vivemos com transparência



4.ª edição  
35 000  
Exemplares

"Para aqueles que de fora observam o PCP e queiram com seriedade formar uma opinião sobre ele, decerto interessa saber como os comunistas concebem, constroem, explicam e desejam o seu próprio Partido. Propomo-nos dizer com verdade como somos, como pensamos, como actuamos, como lutamos, como vivemos, nós, os comunistas portugueses. Tudo será dito, tornando transparentes as paredes do nosso Partido, de forma a que quem está de fora possa observar o Partido como que através de paredes de vidro".

À venda nas Livrarias  
270 pág. - 300 Esc.

A verdadeira imagem do PCP

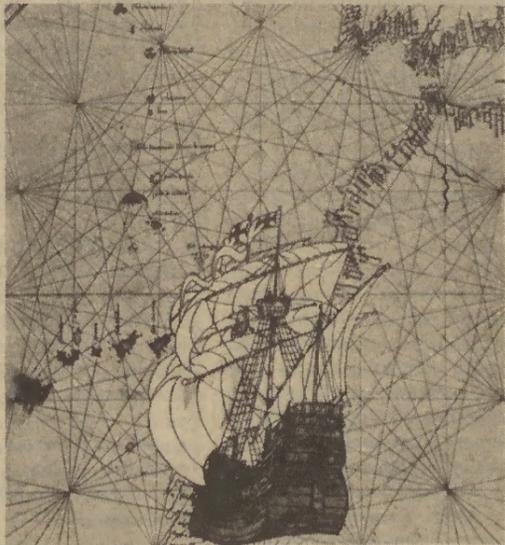
edições  
Avante!

Armando Castro  
**História Económica de Portugal III Volume**



Pretende esta **História Económica de Portugal** oferecer uma interpretação sistemática e global da vida do povo português na sua aventura pluri-secular.

Este Volume III dedica-se exclusivamente ao período da expansão ultramarina, traçando um quadro, amplamente documentado, da economia portuguesa desse período, sem esquecer a sua inserção na economia mundial. A par de uma vasta informação, o leitor encontrará neste volume uma exposição das leis gerais de desenvolvimento da sociedade portuguesa na transição para a época moderna.



editorial **CAMINHO** na estrada do futuro

## Internacional

# A Nicarágua não se rende à estratégia de terror dos EUA

As atenções internacionais estiveram centradas de novo na Nicarágua na passada segunda-feira quando Daniel Ortega, chefe de Estado nicaraguense, discursou perante a Assembleia Geral da ONU acusando os Estados Unidos de violar os princípios contidos na Carta das Nações Unidas. Esperada com a maior expectativa, a intervenção de Daniel Ortega, proferida escassos dias depois da instauração do estado de emergência na Nicarágua, não deixou dúvidas quanto à firme decisão do povo nicaraguense em se opor por todos os meios à agressão norte-americana e prosseguir na consolidação da revolução sandinista.

Recordando os esforços da Nicarágua na procura de soluções para o conflito na América Central por meios pacíficos, Daniel Ortega fez o contra-ponto com a política da administração Reagan, enumerando as acções de guerra de agressão que os EUA têm levado a cabo contra o governo sandinista.

Num balanço doloroso, o presidente da Nicarágua informou que os grupos contra-revolucionários organizados e financiados pela CIA **assassinaram já 3625 pessoas, das quais 146 mulheres e**

**ainda 210 crianças com idade inferior a 12 anos.**

Se o país que nos ataca — **sublinhou** — **tivesse um número de vítimas proporcional ao curso, o número de mortos seria de 723 mil (...)** e o número de **desalojados chegaria aos 17 milhões de pessoas, ou seja, toda a população de Nova Iorque.**

Afirmando que a Nicarágua está pronta a retomar o diálogo com os EUA, Daniel Ortega fez questão de salientar que o estado de emergência decretado no país foi imposto pela agressão norte-

americana e que será levantado no preciso momento em que cessem essas agressões.

**A Nicarágua, afirmou, nunca aceitará estar de joelhos perante a política de terrorismo de Estado praticada pelos governantes norte-americanos. A estratégia do terror não pode conduzir à paz e à coexistência entre as nações.**

Não é de crer que Regan aproveite à passagem do 40.º aniversário da ONU para rever a sua política agressiva em relação à América Central. Muito pelo contrário, a actividade diplomática que vem sendo desenvolvida desde o início do mês aponta para um novo endurecimento das posições de Washington face à Nicarágua.

## A estratégia da aranha

Quando Daniel Ortega anunciou, há uma semana, a instauração do estado de emergência no

país, não faltaram os arautos da liberdade a clamar contra a limitação das liberdades e o avanço do totalitarismo na Nicarágua. Alguns órgãos de comunicação social, como a RTP, referiram a propósito as «alegadas» agressões norte-americanas, relacionando a imposição do estado de emergência com a aproximação da Nicarágua com os países socialistas.

Sobre as razões invocadas pelo governo sandinista pouco ou nada se disse: o bloqueio económico imposto pelos EUA; a recente decisão de Washington em destinar 27 milhões de dólares aos grupos contra-revolucionários; a sabotagem sistemática das iniciativas de paz do Grupo Contadora; a crescente ameaça de uma intervenção directa; as mais diversas formas de agressão perpetradas pela CIA.

E no entanto muito haveria a dizer. Sem pretender ser exaustivo, recordam-se factos por demais significativos:

— O aparecimento na Nicarágua da febre epidémica «den-

gue», que obrigou o governo a decretar o estado de emergência para todo o sistema nacional de saúde pública, e que é suspeita de ter sido provocada por uma guerra bacteriológica; idêntica suspeita recai sobre o aparecimento de um micróbio patogénico chamado «xantónoma» que infesta cerca de 40% das plantações de algodão na parte ocidental do país.

— A concentração no início do mês, no departamento hondurenho de El Paraiso, junto da fronteira da Nicarágua, de cerca de 2500 mercenários e de três batalhões do exército das Honduras;

— A descoberta e prisão, em Manágua, de cinco mercenários da CIA que preparavam uma série de ataques contra instalações civis;

— A deslocação de uma delegação do Conselho de Segurança dos EUA a vários países da América Central, com o objectivo expresso de garantir que El Salvador, Honduras, Costa Rica e Guatemala não assinarão a nova pro-

posta de paz que o Grupo de Contadora deverá apresentar até aos finais do próximo mês;

— A decisão da administração Reagan, comunicada ao secretário-geral da ONU, de revogar a declaração de 26 de Agosto de 1946, segundo a qual os EUA aceitavam a jurisdição obrigatória do Tribunal Internacional de Justiça de Haia, com o argumento de que a mesma põe em perigo os **interesses vitais de segurança nacional** norte-americanos.

Muitos outros exemplos poderiam ser apontados da verdadeira teia que os Estados estão a montar na América Central para levar a cabo o seu plano criminoso de derrube do governo sandinista e de liquidação da revolução nicaraguense. Só não o reconhece quem, objectivamente, serve os interesses de Washington.

Como concluirão os 15 juízes do Tribunal de Haia nomeados pelas Nações Unidas para julgarem a queixa da Nicarágua contra os Estados Unidos, o único veredicto possível é o de «culpado».

## ONU

## Uma tribuna em defesa da paz

Fruto directo da vitória das forças aliadas na II Guerra Mundial sobre o nazi-fascismo, a Organização das Nações Unidas (ONU) que ontem comemorou o seu 40.º aniversário ganhou, ao longo da sua existência, uma importância e um significado que constituem o seu mais elevado contributo para a história da humanidade.

Importância, pelo papel moderador, apesar de todas as dificuldades, nas situações de confronto e de conflito internacionais.

Significado ímpar no que respeita à aspiração dos povos de todo o mundo à paz, segurança, direitos e liberdades fundamentais do homem.

Essa aposta no futuro, essa esperança de que um dia a humanidade viverá em paz, harmonia e progresso, seria razão bastante, se outras não houvesse, para justificar e defender a existência da ONU.

Os quarenta anos da Organização das Nações Unidas são de resto um exemplo elucidativo da necessidade dos povos e dos Estados de disporem de um fórum internacional para debate de ideias e tomadas de posição face a problemas comuns.

A carta das Nações Unidas, que entrou em vigor em 24 de Outubro de 1945, foi assinada por 50 Estados em 26 de Junho no termo da Conferência de São Francisco iniciada em 26 de Abril do mesmo ano. Inspirada no exemplo da Sociedade das Nações, criada após a I Guerra Mundial e desfeita com o agravamento das tensões que conduziram à segunda guerra, a ONU

teve desde o início de vencer inúmeros obstáculos.

Logo em 1947 a «guerra fria» fez no seio da organização o seu trabalho divisionista, no caminho do confronto leste-oeste. Durante dez anos a ONU esteve fechada ao campo socialista, com excepção da URSS. Mas o tempo não trabalhou em vão; em 1955 dá-se a admissão simultânea de 16 novos Estados, entre os quais Portugal, sendo quatro socialistas; em 1971 é admitida a República Popular da China e em 1973 resolve-se o problema das duas Alemanhas com a entrada simultânea da RFA e da RDA na ONU.

A principal mudança nas Nações Unidas, que repõe de certo modo o espírito que conduziu à sua criação, ocorre no entanto em 1960 com a adesão de 17 Estados africanos. As maiores automáticas favoráveis aos EUA até então desaparecem,

dando lugar a uma maioria «terceiro-mundista» não-alinhada resultante do processo de descolonização.

Se o facto não agradou particularmente aos EUA, que começaram desde então a acusar os organismos da ONU de «política tendenciosa», a verdade é que aquele fórum tem vindo a acentuar o seu papel como factor de redução das tensões internacionais, pese embora o seu carácter de «tribunal de opinião».

A Assembleia Geral da ONU, onde estão representados 159 Estados, é um órgão deliberativo mas não executivo; essa tarefa é atribuída do Conselho de Segurança, formado por 15 Estados, dos quais 5 são permanentes (China, EUA, França, Grã-Bretanha e URSS) e 10 eleitos pela Assembleia Geral por períodos de dois anos. Apenas os membros permanentes têm direito a veto, o que de certo modo traduz a ideia da responsabilidade acrescida das grandes potências na manutenção da paz mundial.

Dir-se-á que nem sempre assim acontece. Mas o caminho para a paz nunca foi linear. Pelo que importa garantir que todas as vias estejam abertas. E essa é uma das tarefas centrais das Nações Unidas, numa altura em que a ameaça nuclear se transformou no pesadelo da humanidade.

## Jogos Olímpicos num país ocupado

As 24.ªs Olimpíadas vão-se realizar em Seul. Na capital de um Estado artificialmente criado por intervenção de Washington no fim da 2.ª guerra mundial, e que hoje se mantém como um país ocupado, parcela de um povo dividido pela força das armas do imperialismo.

São factos que se pode tentar camuflar — e esse é um dos elementos que terão pesado na escolha: dar credibilidade à ditadura e tentar apresentar a divisão do povo coreano como uma realidade irreversível — mas que a realidade, actual e histórica, inequivocamente confirmam.

Importa recordar aqui que em Dezembro de 1945, em Conferência que reuniu em Moscovo os ministros dos Negócios Estrangeiros da URSS, EUA e Grã-Bretanha, foi defendida a criação de um governo único e democrático para toda a Coreia. A norte do paralelo 38 as decisões da Conferência foram cumpridas e respeitada a vontade do povo coreano, as organizações e objectivos desenvolvidos ao longo da luta contra o ocupante japonês.

No sul, Truman, colocou no poder o ditador Li Seung Man, desmantelou estruturas populares, protegeu organizações ligadas ao anterior ocupante japonês, canalizou para Seul sucessivas levas de «conselheiros militares» norte-americanos. Em 1948 é unilateralmente proclamada a «República da Coreia». Em 1950 é desencadeada a guerra de agressão contra a República Democrática da Coreia, constituída como necessária resposta à violação pelos EUA dos acordos internacionais estabelecidos no fim da guerra.

Da guerra resultou a primeira

grande derrota do imperialismo norte-americano. Mas não foi então possível a unificação do país. O Sul continua ocupado. A expressão popular de vontade de unidade é esmagada. O governo de Seul é de facto um governo de Washington e o país uma base militar norte-americana.

Bastam alguns dados para ficarmos esclarecidos sobre o impressionante grau de militarização do país.

Segundo o anuário estatístico «Military Balance», editado em Londres, Seul tinha em 1983, 622 000 efectivos no Exército (a RFA, 495 000, a França, 493 000 e a Inglaterra 321 000). As despesas militares quadruplicaram entre 1975 e 1983, enquanto as da própria NATO aumentaram de 2,3 vezes. Um terço do orçamento é gasto com fins militares.

A ocupação militar pelos Estados Unidos é uma realidade consagrada mesmo em acordo — o «Acordo de Defesa Comum», assinado em 1953. Hoje estão estacionados no país mais de 40 mil militares norte-americanos e

no sul da península há 40 grandes bases militares dos EUA, número só ultrapassado na RFA. As tropas norte-americanas aí estacionadas estão equipadas com material de guerra ofensivo, incluindo de 700 a mil cargas nucleares. Segundo o «Washington Post», estão a ser tomadas medidas para que o equipamento inclua bombas de neutrões.

Neste contexto, a indicação de Seul para a realização das Olimpíadas, e depois das questões surgidas em edições anteriores, assume os contornos de uma tentativa de sabotagem dos próprios Jogos Olímpicos, o que não pode deixar de se inserir na lógica dos esforços que vêm a ser desenvolvidos pelo imperialismo para paralisar a actividade de diversas organizações, iniciativas e estruturas internacionais viradas para a cooperação e o desenvolvimento.

Não obstante todas as dificuldades e contradições, o movimento olímpico tem tido um papel positivo na aproximação entre os povos e no aumento das relações e da compreensão internacionais. Tem sido ao longo dos anos preocupação dos países e das forças democráticas e progressistas preservar a todo o custo — ainda que sem cedências de princípio — tudo o que o Ideal Olímpico, e nomeadamente os Jogos, têm de favorável à cooperação e à paz.

Façamos votos para que também desta vez este objectivo seja alcançado.

Internacional

# Propostas soviéticas em defesa da Paz

«Não obstante todas as diferenças nos pontos de vista políticos e filosóficos, de ideais e valores, devemos recordar o seguinte: todos nós somos guardiões do fogo da vida que nos foi legado pelas gerações passadas.

«Cada uma delas teve a sua missão. Cada uma delas enriqueceu de forma singular a civilização humana. Os titãs da época do renascimento e da grande revolução francesa, os heróis da revolução de Outubro na Rússia, da vitória e da resistência, todos eles cumpriram o seu dever perante história.

«E a nossa geração? Fez grandes descobertas, mas ao mesmo tempo fabricou receitas de auto-extinção da civilização humana. **No limiar do terceiro milénio devemos queimar o livro negro da alquimia nuclear. Que o século XXI seja o primeiro século da vida sem medo do periclitamento universal.**» Estas foram palavras pronunciadas pelo secretário-geral do PCUS, camarada Mikhail Gorbatchov, em Paris.

Poucos dias depois, também em Paris, o secretário-adjunto norte-americano da Defesa para os Assuntos Políticos, afirmaria — em defesa da «guerra das estrelas» — perante 200 responsáveis europeus da indústria e das forças armadas: trata-se «de possuir uma estratégia adaptada ao século XXI, para que as democracias possam sobreviver na era nuclear».

São afirmações muito esclarecedoras de duas estratégias opostas. De dois sistemas socio-políticos que enformam a realidade do nosso planeta hoje. Das perspectivas que nos abrem para o milénio que se avizinha.

É neste contexto que se inserem as novas propostas soviéticas para a conquista da paz. E que melhor podemos compreender o seu conteúdo e o seu alcance.

## O que é que a URSS propõe?

Sucintamente, os novos passos avançados pela União Soviética no sentido de travar a corrida aos armamentos, resumem-se em três pontos:

- proibição total de armas no espaço e redução em 50% das armas nucleares que podem atingir o território da outra parte (tanto soviéticas como norte-americanas), ou seja a solução prática dos problemas que foram consideradas por ambos os países como o objectivo das conversações de Genebra;

- diálogo directo, também com a França e a Grã-Bretanha, e tendo em conta o seu potencial nuclear (que o imperialismo sempre tentou manter à parte de qualquer negociação), para um

acordo de redução mútua dos meios nucleares de médio alcance na Europa;

- uma moratória na instalação dos mísseis de médio alcance na Europa, o que em termos práticos significa que a União Soviética mantém na Europa apenas o número de mísseis SS-20 que já tinha em Junho de 1984, quando foi iniciada a instalação dos novos mísseis nucleares de resposta: 243 unidades. Simultaneamente as contra-medidas em relação ao território dos Estados Unidos continuam em vigor.

Estas são as novas propostas — com vista ao desarmamento — divulgadas pelo camarada Gorbatchov em Paris. Propostas que importa ver num contexto múltiplo: surgem na linha de **continuidade** de uma política constante e coerente; simultaneamente contém aspectos inovadores, são um passo em frente que é impossível ao capital escamotear; inserem-se em **todo um conjunto de outras propostas nos mais diversos domínios** da cooperação, afirmando-se assim também pelo seu carácter global, que hoje necessariamente as relações internacionais assumem.

No conjunto foram abordadas questões tão importantes (e interligadas) como a necessidade de **total proibição de armas químicas**, a criação de **zonas desnuclearizadas**, nomeadamente de um corredor livre de armas nucleares dos dois lados da linha divisória entre os dois pactos militares; o **contacto possível entre o Pacto de Varsóvia e da NATO**, como organizações. E ainda a necessidade

de uma abordagem inovadora nas **relações económicas**, o estabelecimento de contactos práticos entre o CAME e a CEE; a união de esforços para a solução de problemas globais como o da **defesa do meio ambiente**; as **trocas culturais**; esforços comuns no **combate às doenças**; a **garantia dos direitos humanos** («Só que se impõe libertar este problema da hipocrisia e especulações, assim como das tentativas de ingerência nos assuntos internos dos outros países»). Um quadro multiforme das possibilidades que se abrem para uma outra forma de política e inter-relacionamento internacional: os únicos possíveis.

## E porquê?

Num filme norte-americano anti-militarista, também passado nos *écrans* portugueses, «Jogos de Guerra», o «jogo do galo» surge como o símbolo de uma competição não ganhável, um jogo sem saída. A única conclusão possível para o «jogo» da guerra nuclear.

É essa a realidade da nossa época. E a sua compreensão, um elemento vital: na época pós-nuclear a guerra não é uma forma de fazer política. É o caminho certo para o suicídio universal. «Nesta conjuntura a conhecida questão de Hamlet: «ser ou não ser» já não se coloca perante um indivíduo isolado, mas perante toda a civilização humana, convertendo-se num problema global» — são ainda palavras de Gorbatchov, que ajudam a entender a verdadeira dimensão da política soviética de paz e das novas propostas avançadas.



Hoje trata-se, simultaneamente, de responder a duas batalhas: garantir a defesa do socialismo, mantendo a paridade irreversivelmente alcançada no domínio militar; e desarmar. Desarmar: o caminho mais difícil, pela imensa resistência que encontra por parte do capital. O caminho que tem de ser o de todos nós; que exige os esforços conjugados de todos os povos do mundo, de todas as forças progressistas.

No parlamento francês o dirigente soviético não falou apenas para os deputados da França. É óbvio que o que se pretende é que esta mensagem de paz seja entendida por todos os povos do mundo. E que possa ser também uma arma, uma força mobilizadora, porque abre perspectivas reais, coloca objectivos concretos de luta que nos são comuns, põe em xeque o não de governos capitalistas.

Porquê o não? As «justificações» tornam-se cada vez mais difíceis e comprometido-

ras. O que dá base concreta a novos avanços do movimento da paz.

Tudo se interliga objectivamente: a política de Paz, ao nível de Estado, dos países da comunidade socialista, e a diversificada luta pela paz dos povos de todo o mundo. Não no abstracto, mas **através de objectivos concretos e mobilizadores.**

Este o sentido das propostas da União Soviética.

Para o imperialismo — e apesar dos perigos imensos que a sua política comporta e das potencialidades que o sistema ainda detém estreita-se o campo de manobra. Na verdade está-se a apostar em dois «cavalos mortos». Na miragem da violação da paridade militar com o socialismo (de facto é essa paridade — reconhecida — que assusta o capital). Na miragem da inversão do curso da história através da guerra, uma impossibilidade na nova era que vivemos — a era pós-nuclear. Cabe-nos a nós travar esta lógica suicida.

## Lutas na Europa

• **Bruxelas, contra os mísseis** — Mais de cem mil pessoas desfilaram pelas ruas de Bruxelas, numa acção de protesto contra a instalação dos mísseis nucleares norte-americanos em território belga. Trata-se de uma das maiores manifestações realizadas na capital da Bélgica e assume um significado político particularmente relevante, dias passados sobre as eleições de 13 de Outubro, que possibilitaram a continuação no poder da coligação de direita chefiada por Wilfred Martens. A mesma coligação que abriu portas à instalação dos «Cruise» e irá tentar prosseguir com o programa de implantação de 32 mísseis até 1987, segundo os planos expressos dos Estados Unidos.

• **Londres, estudantes protestam contra o «apartheid»** — Milhares de jovens manifestaram-se frente à embaixada da África do Sul como forma de protesto face à criminosa política de «apartheid». A polícia fez 300 prisões. O argumento foi a ocupação da via pública... As razões não são difíceis de discernir. O governo conservador de Thatcher apoia de forma suficientemente clara — mesmo num momento em que se acentua o repúdio universal — a política desenvolvida por Pretória.

• **Trabalhadores da Dinamarca anunciam bloqueio** — O Sindicato dos operários especializados, uma das maiores centrais sindicais da Dinamarca, anunciou o início próximo do bloqueio a todos os artigos provenientes da África do Sul. Serão suspensos os trabalhos de carga e descarga dos respectivos meios de transporte que chegam à Dinamarca por terra, ar ou mar. Medidas análogas estão a ser tomadas por vários sindicatos da Noruega e da Suécia.

Em Março do ano corrente, o Parlamento dinamarquês (Folketinget) aprovou uma resolução que obriga o governo a adoptar medidas concretas para agravar as sanções económicas contra o regime racista da África do Sul, incluindo a suspensão de trocas comerciais, corte de comunicações marítimas, o termo da importação de carvão e a proibição de investir na indústria sul-africana.

## Itália

# Um exemplo de ingerência dos EUA

A crise política desencadeada em Itália pode naturalmente ser vista de vários ângulos, e sem dúvida reflecte uma ampla gama de problemas. Mas pela forma como foi despoletada e «resolvida», um elemento determinante deve ser salientado: a política de ingerência dos Estados Unidos na vida interna de outros Estados, nomeadamente dos seus aliados: política que na prática é acatada e produz efeitos reais, embora possivelmente nem sempre os pretendidos.

Os factos são elucidativos.

• De acordo com o relatório do chefe do governo italiano, o socialista Bettino Craxi, a aterragem na Itália do avião egípcio desviado por caças norte-americanos sobre o Mediterrâneo, foi apresentada como um facto consumado. O pedido de autorização para aterrar na base de Sigonella, na Sicília, foi feito já com o desvio consumado e como uma situação de emergência. O ministro da Defesa, Giovanni Spadolini, do Partido Republicano, e conhecido pelas suas posições abertamente pró-imperialistas, avançou unilateralmente com a autorização (é verdade que simultânea — mas pa-

ralelamente — concedida pelo chefe de Estado).

Quando os aviões aterraram, cerca de 50 soldados norte-americanos tomaram posições em volta do avião egípcio e foi declarado pelo comandante dessa força estar a seu cargo a vigilância do grupo de pessoas aprisionadas por ordem de Reagan. Isto muito embora se encontrassem em território italiano.

• Invocando a sua discórdância perante a autorização concedida a dirigentes palestinos, raptados pelos aviões militares norte-americanos, para saírem do país, o Partido Republicano, abandona a coligação, provocando a queda do governo (consti-

tuído por cinco partidos). Um abandono filho da lógica da defesa da total submissão aos ditames do imperialismo (e naturalmente com objectivos mais vastos de reforço de posições relativas).

• A reconstituição de um governo, uma vez mais chefiada por Craxi e na base da mesma coligação — socialistas, democratas-cristãos, republicanos, liberais e sociais-democratas — ficou decidida na prática após o envio de um emissário de Reagan a Roma com uma carta a Craxi, de reconhecimento de «exagero» nas exigências feitas ao governo italiano.

Temos assim um exemplo concludente de ingerência do imperialismo. Que testemunha do conteúdo da política de Washington. E — o que não é menos importante — do conteúdo da política de uma coligação de partidos burgueses, com os socialistas à cabeça.

E que política é essa? No plano externo, os factos recentes

falam por si. No plano interno a nota dominante é uma orientação virada contra os interesses fundamentais dos trabalhadores, e particularmente favorável ao grande capital, e ao capital externo — norte-americano e japonês.

Segundo o relatório anual do governador do banco de Itália, apenas num ano perderam-se 250 000 postos de trabalho na indústria; o desemprego atingiu oficialmente 10,4% da população activa; mais de 20% da população vive com menos do que é considerado indispensável. No outro pólo, o dos lucros, registam-se progressos: uma subida de 36,2% no ano de 1984.

Uma vez mais se confirma a unidade entre política externa e interna. Uma política contra os interesses dos trabalhadores (e abertamente anticomunista — uma unidade da burguesia face à importante força dos comunistas), uma política de submissão ao imperialismo.

Internacional

África do Sul

# Uma luta sem tréguas

Quando no sábado a RTP transmitiu o Grande Prémio de Fórmula 1 da África do Sul, o poeta e patriota Benjamin Moloise, de 30 anos, era já um cadáver. Na África do Sul, onde a morte sai à rua todos os dias, Moloise foi enforcado pelas autoridades racistas na madrugada de sexta-feira. E enquanto o seu jovem corpo jaz morto e arrefece; enquanto o coro de protestos que antecedeu a sua morte, em todo o mundo, se faz ouvir ainda com mais força; enquanto outros patriotas sul-africanos morrem em manifestações de protesto por mais este crime, a RTP transmite em directo uma corrida de automóveis que a maioria dos órgãos de comunicação social estrangeiros boicotou.

Segundo a Imprensa, o governo português em funções apelou às autoridades racistas de Pretória para que poupassem a vida de Moloise, simpatizante do ANC acusado de ter morto um polícia. Trata-se dum gesto humanitário que fica bem e nada custa. Será que o mesmo se pode dizer da vergonhosa actuação da televisão, órgão de comunicação social estatizado?

O escritor sul-africano Breyten Breytenbach, exilado em França, deu a resposta a esta questão ao afirmar que a realização do referido Grande Prémio no seu país, nas actuais condições, é um acontecimento atroz, uma vergonha, uma crueldade, uma falta de sensibilidade sem desculpas.

Nós poderemos acrescentar que é uma tentativa desesperada de fazer crer que os «tumultos» registados nos «bairros negros» não afectam a vida «normal» do país, ao mesmo tempo que se procura evitar o isolamento internacional com a ajuda de governos que seguem a batuta do «empenhamento construtivo» da administração Reagan. Como o demitido governo PS/PSD.

Quem assim procede não desrespeita apenas a vontade popular (a que mais cedo ou mais tarde terá de prestar contas), como manifesta a mais completa cegueira política. Veja-se o número crescente dos participantes nas manifestações contra o *apartheid* junto à embaixada da África do Sul em Washington; os milhares de jovens que no passado sábado protestaram em Londres contra a política racista de Pretória; as manifestações de solidariedade para com a luta do povo sul-africano em todo o mundo.

Lisboa, por exemplo. Através dos protestos populares contra a presença em Portugal de autoridades racistas, como recentemente aconteceu a propósito da visita do mayor de Joanesburgo e, anteriormente, de Botha; com a recolha de abaixo-assinados pela libertação de Nelson Mandela, líder do ANC, e de todos os presos políticos; com a realização de importantes actos de solidariedade como os efectuados na Festa do «Avante!», onde comunistas e outros democratas manifestaram o seu mais profundo repúdio pelo racismo e o *apartheid*, e o seu apoio consequente aos que na África do Sul lutam pela liberdade, em particular os militantes do ANC.

## Uma viragem decisiva

As reacções internacionais à execução de Moloise, bem como

as reacções na própria África do Sul, não deixam margem para dúvidas de que a luta contra o *apartheid* registou já uma viragem decisiva para o futuro.

Se as condenações a Pretória vindas do bloco socialista, dos Não-Alinhados, de organizações internacionais como o OUA, a ONU (através do respectivo Secretário-Geral) não surpreendem ninguém, porque consequentes com posições anteriormente assumidas, o mesmo não se poderá dizer das provenientes de inúmeros países capitalistas.

Cite-se, a título de exemplo, a posição do Forum Cultural da Conferência e Cooperação na Europa que, reunido em Budapeste, guardou um minuto de silêncio por Benjamin Moloise; a



A luta de libertação na África do Sul é irreversível e só terminará com a liquidação do *apartheid*

afirmação da CEE, pródiga em promessas de sanções contra a África do Sul e avara em decisões, da necessidade de endurecer posições contra o regime racista; a posição, modestíssima

embora, dos países da Commonwealth, de acordo sobre a tomada de medidas de pressão sobre o governo sul-africano, e a admissão, em última instância, da aplicação de sanções econó-

micas. Esta atitude é particularmente significativa se se tiver presente que a Grã-Bretanha é, juntamente com os EUA, o país que mais abertamente defende a manutenção das relações com os racistas sul-africanos.

Embora não se possa confundir estas subtis mudanças de posição com apoio à luta popular sul-africana, a verdade é que elas reflectem a necessidade crescente de distanciar-se de um regime que tem os dias contados.

A situação interna na África do Sul não podia ilustrar melhor aquela realidade. O anúncio da execução de Moloise provocou manifestações de rua, onde foram assassinados três jovens com 11, 16 e 18 anos; após a execução, novas manifestações, novos mortos, confrontos diversos entre brancos e negros.

Os funerais das vítimas do racismo são sempre manifestações de massas; nos dos três jovens assassinados, na sequência de uma acção da polícia e do exército que envolveu cerca de 1000 efectivos e foi considerada pelas autoridades como um «grande êxito», um outro acontecimento marcou a viragem: a eles assistiram mestiços e brancos, cristãos e muçulmanos, numa comunhão de valores que venceu já muitas fronteiras montadas pelo *apartheid*. Pelo que não surpreende que durante o ofício religioso tenha sido afirmado que a luta continuará, apesar dos mortos.

Também o disse Oliver Tambo, presidente do ANC, em Lisboa no início da semana a convite dos embaixadores dos países africanos membros da OUA na capital portuguesa.

Após salientar que a situação na África do Sul prova a necessidade de uma intervenção da comunidade internacional, que deve decretar sanções económicas e recorrer a todas as outras formas de pressão contra o governo sul-africano, Oliver Tambo foi claro ao afirmar que o ANC irá prosseguir o seu combate até ao colapso do *apartheid*.

## Solidariedade internacional contra o terrorismo de Estado

Aos que ainda dizem acreditar na possibilidade de resolver pacificamente a liquidação do *apartheid*, o regime de Pretória deu esta semana um exemplo lapidar da sua total intransigência, da disposição de defender até à morte a sua supremacia. No auge das condenações pela execução do poeta Moloise, recomeçou em Pietermaritzburg, na província do Natal, o julgamento dos 16 dirigentes da Frente de Unidade Democrática (UDF), acusados de «alta traição».

Alta traição, na África do Sul, é um passaporte para a forca para quantos lutam contra o *apartheid*. Neste processo, considerado o mais importante dos últimos 20 anos, poderão ser condenados à morte os membros da UDF presos, entre os quais se encontram Archie Gumede e Albertina Sisulu, dois dos três presidentes da Frente.

O terror judicial racista na África do Sul detém de resto o tenebroso recorde de vítimas. Só nos últimos dois anos foram assassinados mais de 60 patriotas, quer negros quer brancos, cujo único «crime» foi a luta consequente contra o racismo e o *apartheid*. Executados sob a acusação de «alta traição» ou mortos na sequência das torturas sofridas na prisão.

As ameaças que pesam sobre aqueles patriotas sul-africanos exigem da comunidade internacional uma resposta pronta de solidarie-

dade. Por outro lado, há que empenhar todos os esforços para evitar o contínuo agravamento da situação geral na África Austral, provocado tanto pela política repressiva interna de Pretória como pelas suas agressões aos países vizinhos.

Os participantes numa conferência dos Conselhos Nacionais das Igrejas Cristãs de onze países africanos, reunidos na Zâmbia no passado fim-de-semana, alertaram para o perigo real que se desenha no horizonte: **actualmente, assinala-se numa declaração da conferência, criou-se uma ameaça real da utilização pela África do Sul de armas de extermínio em massa para concretizar os seus desígnios agressivos.**

Cabe à comunidade internacional tomar medidas para que tal não suceda, contribuindo para a liquidação do *apartheid*, esse crime monstruoso contra a humanidade.

Em Portugal, hoje como sempre, os comunistas estarão na primeira linha dessa batalha pela liberdade, a democracia e a paz, empunhando bem alto a bandeira da solidariedade para com o povo sul-africano e o seu legítimo representante, o Congresso Nacional Africano. Chorando os mortos em combate, os comunistas portugueses fazem suas as palavras do poeta assassinado: **A luta vai continuar até que o povo quebre as suas correntes.**

«A classe operária compreendeu que a solução dos seus problemas não pode já ser dada, na generalidade, por este ou aquele patrão, mas tem de ser dada em conjunto. Em cada fábrica e empresa, os operários compreendem que o seu maior inimigo não é o próprio patrão mas o fascismo salazarista. Compreendem que há que lutar contra o patronato fascista, há que atrair à luta contra o fascismo os patrões democratas, antifascistas e patriotas.

«Ainda recentemente, a forma dominante de luta era a luta por empresa. Agora, sob a direcção do Partido Comunista, a forma dominante está-se tornando a luta por indústria e por região. Isto representa um grandioso passo em frente na luta reivindicativa, criando condições extremamente favoráveis para etapas superiores de luta, para grandes greves, para greves políticas de massas. As lutas parciais, na medida em que se tornam mais amplas, mais energéticas, mais bem organizadas, abrem caminho para a luta final contra o fascismo».

(«Ao Ataque! Em Todo o País» — «Avante!», VI Série, n.º 63, 1.ª Quinzena de Outubro de 1944)

**AVANTE!**

«O salazarismo tem conseguido manter o seu debilitado regime à custa da divisão das forças da oposição.

«Quando o Partido Comunista defendeu a participação das forças anti-salazaristas nos próximos actos eleitorais, fê-lo na base de condições objectivas favoráveis à acção dos adversários do regime, resultantes das alterações produzidas na correlação de forças em Portugal e no mundo.

(...) «Toda a acção do Partido Comunista se orienta para a defesa intransigente dos interesses da classe operária e do povo. A demonstrá-lo estão as lutas que as classes trabalhadoras vêm travando sob a orientação do Partido Comunista e que têm levado à redução dos efeitos nefastos da política do governo de Salazar.

«Pelo contrário, as posições duvidas, tramadas nas costas do povo, fazem que o salazarismo jogue em duas frentes e prolongue por mais tempo o seu odioso domínio sobre a nação».

(«A Divisão dos Democratas Favorece o Salazarismo» — «Avante!», VI Série, n.º 244, 2.ª Quinzena de Outubro de 1957)

**Avante!**

«A carta que o Sr. Bispo do Porto enviou a Salazar, que tem sido publicamente divulgada, é um documento de muito valor para se compreender a verdadeira situação política do país e se conhecer o pensamento político das forças que actuam presentemente na arena política nacional.

«É hoje evidente para muitos dos que antes o apoiavam, que Salazar é um político fossilizado, falho de realismo, um mau timoneiro que não levará a porto de salvamento a nau esburacada no seu regime. O fenómeno da decomposição do salazarismo é perfeitamente visível para toda a gente e muitos homens atilados que dum forma ou doutra alinharam com Salazar sentem hoje a necessidade de tornar pública a sua actual posição de discordância do seu regime ou da sua política.

«A carta do Sr. D. António Ferreira Gomes é mais uma indicação — e esta muito significativa — de que dentro da própria Igreja católica se desenha uma forte corrente de oposição a Salazar, dirigida por alguns altos dignitários, os quais se esforçam por desatrelar a Igreja do carro de derrota do Salazarismo. Estes esforços só podem ter o pleno apoio de todos os anti-salazaristas sinceros».

(«Nós e os Católicos» — «Avante!», VI Série, n.º 264, 1.ª Quinzena de Outubro de 1958)



## GRUPO PARLAMENTAR DO PCP

# NÃO DEIXAR PARA AMANHÃ O QUE PODE SER FEITO HOJE

**A** necessidade de solucionar situações sociais particularmente graves, herança do Governo PS/PSD, está na origem das iniciativas legislativas que o Grupo Parlamentar do PCP tem previstas para quando se iniciar o trabalho da Assembleia da República.

Neste sentido, serão apresentadas iniciativas que permitam solucionar o grave problema dos salários em atraso, a revogação da lei do aumento das rendas de casa e a actualização e correcção urgente em matéria de reformas, pensões e aposentações, entre outras.

De referir que, em relação ao primeiro caso, a bancada comunista, por diversas vezes, na anterior legislatura, apresentou diplomas que procuravam solucionar eficazmente a questão dos salários em atraso que afectam cerca de 150 mil trabalhadores. Soluções estas que foram sempre inviabilizadas pela «maior maioria» de sempre (expressão do Partido Socialista) — PS/PSD, com o apoio do CDS.

No respeitante à lei das rendas de casa, também o PCP tomou posição contra uma medida legislativa que, a ser publicada, irá afectar milhares de inquilinos com poucos recursos, lançar como solução o recurso à habitação no bairro de lata, sem que se veja como pode relançar a construção civil ou a reparação dos prédios degradados. Também neste caso funcionou a «maior maioria» de sempre, com o apoio do CDS.

No que respeita à actualização e correcção urgente em matéria de reformas, pensões e aposentações, propostas concretas foram apresentadas pelo Grupo Parlamentar do PCP quando da discussão do Orça-

mento Geral do Estado. Não é preciso dizer quem as inviabilizou.

### Outras questões importantes

E se estas são questões que urge resolver, outras há que, pela sua importância, não podem ficar esquecidas. É o caso das medidas de garantia da estabilidade do emprego, com revisão da legislação sobre contratos a prazo, proibição efectiva do trabalho sem contrato e a revogação do «lay-off», o estabelecimento de um novo regime de controlo de preços dos medicamentos, com revogação dos recentes aumentos, bem como a criação de medidas de apoio, às crianças vítimas de maus tratos.

A par destas iniciativas, propõe-se o Grupo Parlamentar do PCP, através da sua participação na Assembleia da República, garantir a reposição da legalidade democrática na comunicação social do sector público e na gestão das empresas públicas.

Outra iniciativa prevista pelo Grupo Parlamentar do PCP é a de apurar o estado das finanças públicas com vista à detecção, para todos os efeitos legais, dos buracos, desvios e outras irregularidades na execução orçamental.

Propõe-se igualmente promover a revisão da Lei do Enquadramento do Orçamento do Estado e aprovação de legislação que normalize e garanta a transparência na atribuição de subsídios e isenções.

Para quem pensa que a tarefa de deputado é tão só aumentar-se a si próprio ou dar o sim às propostas que surgem do Governo (e na verdade essa era a característica da «maior maioria» que tivemos na Assembleia da República) poderá julgar-se pesada a tarefa a que se propõe o Grupo Parlamentar do PCP.

### Restantes tarefas

Que se desenganem os que assim julgam os deputados comunistas: os juristas consultam as leis, os economistas confrontam os números, os agricultores, operários, sindicalistas, professores, jovens e tantas outras camadas profissionais e sociais que estão representadas na bancada comunista dão o seu contributo para que as iniciativas legislativas tenham em conta os interesses dos trabalhadores e populações a que se dirigem. Podem durar mais ou menos tempo a serem elabora-

das, mas isso nunca foi óbice para que surjam em plenário.

É deste modo que o Grupo Parlamentar do PCP não se ficou no que atrás foi exposto, considerando também, como prioritárias muitas outras matérias, as quais evidentemente vão ser apresentadas.

Falamos da iniciativa de um debate de política geral sobre os Acordos de Adesão de Portugal à CEE e as suas nefastas consequências para o País; da necessidade de garantir o apoio urgente ao Poder Local, designadamente no domínio das finanças locais e da delimitação das competências da administração central e do poder local; e ainda a importância de repor a democrática-



de do funcionamento da Assembleia da República, designadamente através da revogação das disposições do Regimento da AR limitativas da liberdade de acção e expressão, criando novos mecanismos de fiscalização. Por último, e porque a actividade dos deputados comunistas não tem como fundamental tarefa aumentarem de forma faustosa os seus salários, uma iniciativa legislativa vai contemplar esse assunto, ou seja, vai ser pedida a revogação dos escandalosos aumentos dos membros do Governo e dos deputados.

Entretanto, numa primeira reunião realizada anteontem, foi decidido convocar uma outra reunião do Grupo Parlamentar para meados da próxima semana, tendo como objectivo a aprovação de um conjunto de iniciativas a apresentar nos primeiros dias de trabalho da AR, salientando-se entre estas as referentes ao Poder Local e à Regionalização.

Será ainda discutida a orgânica e operacionalidade do Grupo para a nova fase de trabalhos da Assembleia da República.

Agora que na nova Assembleia da República existe a «menor minoria» de sempre (também expressão do Partido Socialista) a ver vamos quem inviabiliza ou quem, pelo menos, não dá o seu contributo para a resolução dos problemas que afectam os trabalhadores e a população portuguesa.

O Grupo Parlamentar do PCP não se propõe deixar para amanhã o que pode ser feito hoje. ■

# Um PS condenado à seta torta?

Os resultados das eleições de 6 de Outubro contituem, em si mesmos, uma cruel lição. Pessoalmente direi: *compreendo*. O eleitorado infligiu uma severa derrota ao PS e, em especial, a mim próprio. Com humildade e realismo, assumo-a integralmente.

Com estas pomposas frases inicia Mário Soares um artigo publicado em o jornal. Entrada de leão e saída de sendeiro: a longa prosa é mais uma inequívoca manifestação do completo enfeudamento deste homem à política de direita e também da sua irreversível tendência para tomar os outros por parvos.

Nada, com efeito, acabada a leitura da falsa autocritica de Soares, permite concluir que ele «compreendeu» a «cruel lição». Ou talvez melhor: terá compreendido, mas finge ignorar, procura iludir e mostra a sua determinação em continuar pelo mesmo caminho.

Para Soares, o afundamento do

PS não resultou da sua política de direita. A razão foi outra: «sobretudo, não soubemos explicar a nossa política», diz ele. O PS errou? Sem dúvida, reconhece hipocritamente Soares, para logo esclarecer: «O PS cometeu o erro estratégico de não desmontar o aproveitamento grosseiro que se fez do descontentamento popular». Foi tudo, portanto, uma questão não de política mas de falta de explicações (os escrúpulos do PS na utilização da comunicação social do Estado foi,

como se sabe, uma coisa evidente). Quanto aos aproveitadores, adivinha-se quem são eles: os comunistas, claro...

A manobra é clara: ao fingir agora que bate com a mão no peito e ao macaquear uma espécie de autocritica, baseada numa total falta de escrúpulos, Soares não visa expor os resultados de uma reflexão que não fez; procura, sim, e demagógicamente como é seu timbre, assumir uma postura falsamente ética que lhe permita

recuperar terreno na corrida das presidenciais.

## Um país estranho?

O PS está numa encruzilhada: ou abandona a sua política de direita e de coligações com a direita ou, não o fazendo, corre o risco de se afundar ainda mais. Quanto ao rumo apontado por Mário Soares está-se a ver qual é; mas a dificuldade em enfrentar as realidades existe também noutros lados.

Em entrevista ao *Diário de Lisboa* Manuel Alegre confirma que o PS, tal como outros partidos socialistas, «tem optado por soluções resignadas semelhantes à de qualquer partido conservador», admite que «nós temos de ter um projecto socialista de transformação da sociedade» e critica no PS o «divórcio que se instalou entre a sua direcção e as suas bases».

Mas no discurso de Alegre não existe uma condenação clara da política de direita concretamente seguida pelo PS. Mais: falando da candidatura de Soares às presidenciais, Alegre comenta, muito sério: «Dá-me vontade de rir quando tentam apresentá-lo como candidato de direita». E assegurou: «Nós vamos bater-nos como leões pela sua candidatura».

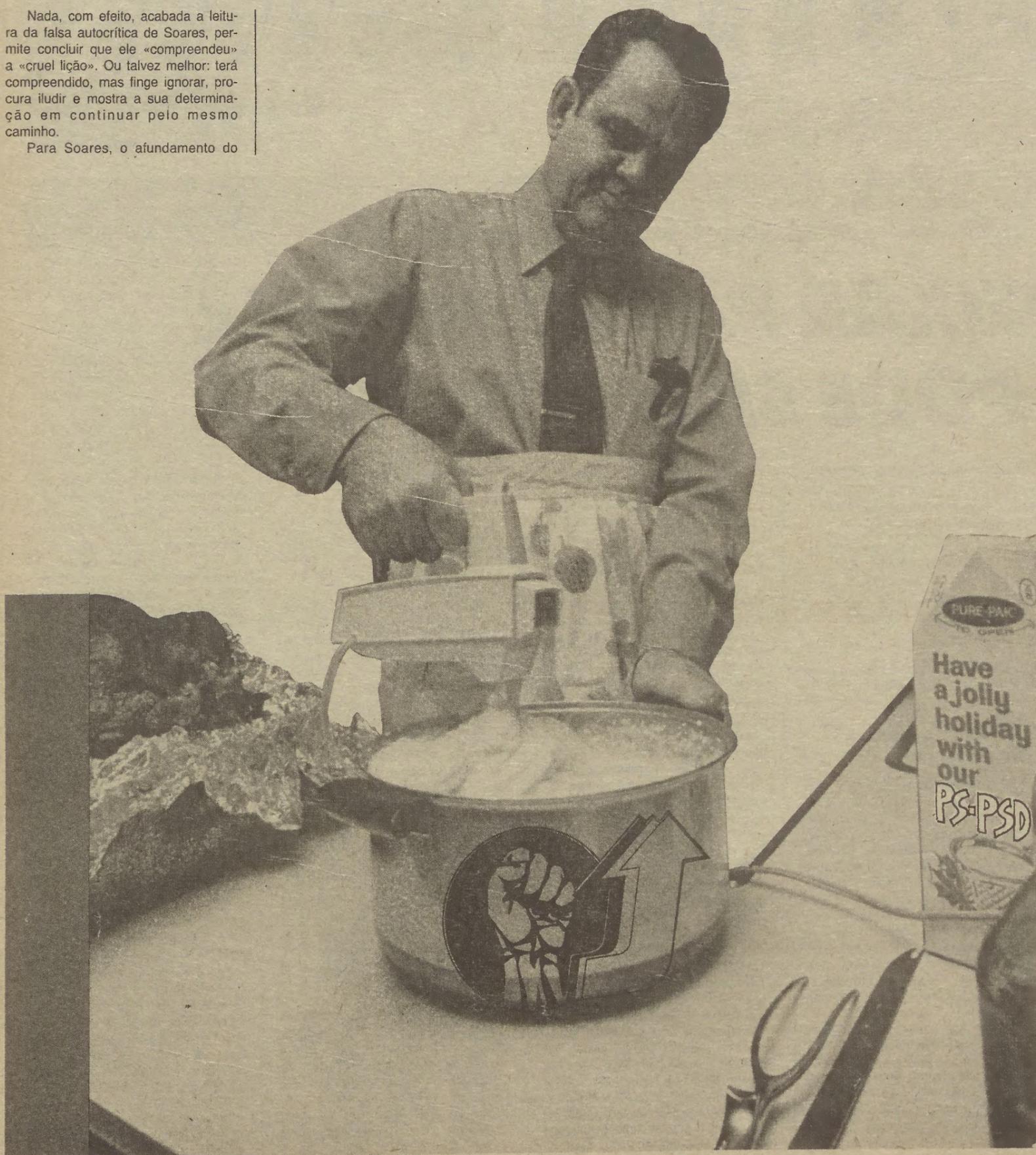
Em relação aos próximos actos eleitorais, Soares encenado nos mesmo propósitos que a si e ao PS lhes impuseram a estrondosa derrota de 6 de Outubro, em vez de tirar as necessárias conclusões políticas diz acreditar numa «reversão de tendência» por parte do eleitorado que permita ao PS recuperar posições e a ele, Soares, ser eleito PR. Manuel Alegre segue-lhe as pisadas e mergulha também nesta metafísica eleitoral de pendor psicologista: «Este é um país estranho, onde não há impossíveis. Tudo depende de como funcionar o remorso e a vontade de equilíbrio do eleitorado»...

Um país estranho, mas não tanto: os resultados do PS em 6 de Outubro mostram que a expectativa dos «impossíveis» tem limites. No imediato, as desavergonhadas alianças do PS com o PSD para as autárquicas, concretizadas sob a forma de uma promiscuidade de listas capaz de fazer envorregar qualquer socialista de corpo inteiro, não auguram nada de bom para Soares e seus amigos, e por arrastamento para o PS — independentemente da maior ou menor habilidade com que se emburlem e ponham laçarotes em pseudo-autocriticas.

Que dirão, por exemplo, os socialistas de Loures, convidados a votar em Miguel Júdice, editorialista do jornal fascista *O Diabo* e cuja entrada no PSD, aqui há anos, chegou ter a oposição de muitos sociais-democratas? Serão eles, socialistas, capazes de em boa consciência pôr a cruzinha à frente da seta encurvada do PSD?

Prosseguindo tão alegremente no soarismo, não estará o PS condenado a não passar... da seta torta?

■ F.C.



■ Ruben de Carvalho

## Acordo Cavaco-Freitas

# A adaptação possível do sempre derrotado plano subversivo da direita

Segundo os jornais, o apoio do PSD à candidatura de Freitas do Amaral aprovado no passado fim-de-semana envolveu a aceitação por parte do discípulo de Marcelo Caetano de um compromisso suplementar além dos que já haviam sido tornados públicos. Segundo Cavaco Silva divulgou, na carta que enviou a Freitas do Amaral e a que este respondeu favoravelmente, exige-se do candidato que, no caso de ser eleito, se comprometa desde já a não demitir o governo e a não dissolver a Assembleia da República enquanto o PSD estiver no Governo.

Quer a exigência, quer a sua aceitação não constituem propriamente surpresas, tanto quanto obviamente correspondem a uma preocupação das forças de direita, comuns quer a Cavaco, quer a Freitas. Mas nem por isso a situação deixa de merecer alguns comentários.

Em primeiro lugar, é transparente que nos encontramos face a uma comprovação da situação de debilidade do PSD após as eleições de 6 de Outubro, condicionante do governo que, contra a vontade claramente expressa pelo eleitorado, pretende constituir. Fosse a posição e a base de apoio de um executivo de Cavaco Silva forte, bem seria dispensado este compromisso agora exigido. Francisco Balsemão, segundo o «Diário de Notícias», «terá afirmado que o PSD não poderá resistir a um Parlamento e a um Presidente da República adversos, no que poderá ser uma antevisão da queda, a curto prazo, do Executivo liderado por Cavaco Silva». Para partido vencedor, não está mal...

Mas a questão essencial que se perfila é a da prática política da direita face às instituições e ao próprio regime democrático português. A verdade é que este compromisso demonstra que a direita e os seus partidos não desarmam na destruição do regime, no delinear de projectos subversivos, limitando-se a realizar adaptações tácticas face a cada situação concreta.

Constitui no campo institucional uma pedra de toque basilar da democracia portuguesa o equilíbrio entre os diversos órgãos de soberania, nomeadamente entre o Presidente da República, a Assembleia e o Governo. Este equilíbrio que, ao longo dos anos, tem demonstrado poder assegurar respostas a situações delicadas do regime, constitui um verdadeiro espinho nas ambições da direita que por todas as formas o tem tentado remover.

Numa primeira fase — e como o PCP claramente revelou e denunciou — pretendeu a direita hegemonizar os diversos órgãos de soberania: foi o projecto «AD»/Sá Carneiro «uma maioria, um governo, um presidente». Assegurada uma maioria de direita dócil no parlamento, um governo «AD» e a eleição do candidato fascista Soares Carneiro, o equilíbrio institucional resultaria viado e destruído pela confluência ideológica e política dos seus ocupantes num mesmo projecto afirmadamente contrário à realidade criada pelo 25 de Abril.

É de sublinhar que, na essência deste plano subversivo consubstanciado numa sintonização total dos três órgãos de soberania em termos de uma política de direita, está uma efectiva hegemonização pelo Governo. A criação de uma maioria parlamentar servil e de um Presidente da



República como seria Soares Carneiro assegurariam a concentração no Executivo da capacidade incontrolada de exercer o poder. «Uma maioria, um governo e um Presidente» constituíam exclusivamente a cobertura a uma efectiva governamentalização do regime e à possibilidade de utilização incontrolada dos poderes do Estado por parte de um governo de direita.

A estrondosa derrota de Soares Carneiro em 1980 desarticulou este plano que a direita recuperou segundo uma nova fórmula levada à prática com a revisão constitucional de 1982. Graças ao apoio do PS de Mário Soares, a «AD» pôde, embora parcialmente, introduzir no texto constitucional alterações impostas pelo falhanço do seu projecto de 80. No essencial e como se sabe, a questão centrou-se na redução das atribuições do Presidente da República, nomeadamente no que se refere às Forças Armadas. A experiência Soares Carneiro apontara para a dificuldade da direita hegemonizar o poder também naquele órgão de soberania, pelo que se pretendeu reduzir drasticamente as suas atribuições, tornando-o quase decorativo no quadro institucional: se era im-

possível assegurar total controlo da direita em Belém, tentava-se que Belém fosse o mais irrelevante possível.

Note-se que, lado a lado com esta acção pela negativa (reduzir os poderes presidenciais), o complemento pela positiva singrava a via constante da governamentalização: os poderes subtraídos ao Presidente (nomeadamente no referente às Forças Armadas) transitavam para o Governo.

A derrota da «AD» no final de 82 punha termo à concretização do plano subversivo nesta nova fase, mas a vitória do PS de Soares nas legislativas de 83 viria repor o essencial dos objectivos e da prática. A identificação da política soarista com os projectos da direita revela-se não só na sua prática, mas também nos traços mais profundos da sua relação com o regime. Se o executivo de Soares e Mota Pinto concretizou dezenas de medidas concretas do projecto da direita (privatizações, lei de segurança, ofensiva contra a Reforma Agrária, etc.), o eixo da sua actuação institucional é inteiramente semelhante: governamentalização do regime, subalternização do parlamento, conflito aberto com um Presidente da Re-

pública não sintonizado com o fundo e a forma desta actuação política.

Como o PCP igualmente sublinhou, o desenlace da crise que levou à demissão do governo PS/PSD e à convocação das eleições de 6 de Outubro e seus resultados derivou da conjugação da essencial acção de massas contra a política de desastre nacional da coligação com o funcionamento das instituições democráticas. Conjugação aliás particularmente significativa quanto à efectiva adequação às realidades do País da arquitectura institucional do regime, não só capaz de sobreviver e actuar face à ofensiva conjugada da direita e seus aliados, como de confluir com a determinante presença de massas que igualmente integra o edifício constitucional.

Nas novas circunstâncias surgidas após o último acto eleitoral, a explicitação do compromisso de não demissão de um governo PSD nem de dissolução do parlamento imposta por Cavaco Silva a Freitas do Amaral constitui no fundo um passo inteiramente na lógica do persistente plano subversivo da direita.

Através de um acordo político prévio, um sector da direita com acessibi-

lidade ao Governo — o PSD — pretende reduzir de novo as atribuições presidenciais e assegurar uma maior margem de manobra ao executivo, no fundo, a possível governamentalização nas actuais circunstâncias.

Na própria operação se revela porém o profundo enfraquecimento que as eleições de 6 de Outubro impuseram à direita.

Não sendo de forma alguma surpreendente, pode e deve sublinhar-se desde logo o carácter efectivamente subversivo, porque contrário aos claros ditames constitucionais, de uma operação que visa, mediante um acordo político-partidário, instituir um compromisso prático que viclaria e condicionaria o funcionamento institucional. Assumido o acordo, Freitas do Amaral aceita apresentar-se ao eleitorado não como candidato à função presidencial que a Constituição define, mas como alguém que, previamente, aceita ser um meio-Presidente sujeito às imposições do executivo.

Mas o mais importante é o que a situação revela de enfraquecimento, desorientação e isolamento da direita. A verdade é que, por um lado, a ala maioritária de um PSD, que se pretende assumir como protagonista de uma direita vitoriosa a partir do artificio de que poderá formar governo, é forçada a impor ao próprio partido uma aliança de evidente debilidade (um Freitas do Amaral cujo peso específico não atenua o afundamento do CDS) para alargar a sua reduzida margem de manobra.

Por outro lado, o isolamento, pulverização e contradição da direita tornam-se ainda mais claros: é ao seu próprio aliado Freitas que Cavaco tem de impor uma limitação dos poderes para cuja obtenção se propõe dar auxílio. Dentro da direita, as alianças perderam a confiança e credibilidade para ela própria: Freitas sujeita-se e Cavaco defende-se.

E defende-se de quê?

Defende-se da evidência de que um executivo PSD defrontará a vontade popular na aplicação da sua política e, ao menos em Belém, Cavaco Silva quereria desde já assegurar que, mesmo com um seu candidato, o funcionamento das instituições não se vire contra ele.

O que, tudo junto e mais o que é uma evidência, legítima perguntar: que viabilidade e legitimidade tem uma política de direita de meios-governos e meios-candidatos?...

Lá no próprio PSD, é Ângelo Correia que é citado pelos jornais: «Estamos a apostar numa candidatura que vai perder», adiantou, dizendo ainda que pode ficar comprometido o futuro do partido e que qualquer presidente eleito terá necessariamente de fazer eleições legislativas antecpadas.» ■

**Como se não bastassem já os inúmeros problemas do Ensino...**

# Colocação de professores

## Escândalo de irregularidades e de injustiça

**M**ais de 600 vagas não foram declaradas para o concurso de professores profissionalizados não efectivos e provisórios do ensino preparatório e secundário, realizado ao abrigo do Decreto-Lei 75/85 de 25 de Março último. Este erro, da inteira responsabilidade do Ministério da Educação chefiado por João de Deus Pinheiro, põe em causa o concurso no seu conjunto (os erros da 1.ª fase multiplicam-se e reflectem-se naturalmente na 2.ª fase — o «mini-concurso» efectuado a semana passada), cria injustiças, prejudica gravemente muitos professores e pode mesmo lançar um número significativo de docentes no desemprego. Como se não bastassem já os inúmeros problemas com que se debate o sistema de ensino em Portugal...

À hora a que preparamos este breve apontamento, aqueles aspectos terão (finalmente!) já sido discutidos entre a Federação Nacional dos Professores (FENPROF) e o secretário de Estado do Ensino Básico e Secundário, num encontro considerado de grande urgência pelos representantes da classe docente mas a que aquele responsável do Ministério só a meio desta semana pôde corresponder... Anteriormente, a FENPROF, que desde a primeira hora tem alertado para as irregularidades da colocação de professores neste ano lectivo, já tinha enviado àquele secretário de Estado e ao próprio ministro da Educação uma carta onde se define claramente a situação criada (apontando-se mesmo alguns dos casos «típicos» nas irregularidades detectadas) e onde a FENPROF sublinha estar em condições de apresentar propostas que, «sem prejuízo do funcionamento do ano lectivo, reponham a legalidade e não prejudiquem os direitos dos professores que se apresentaram a concurso».

### A origem dos problemas

Agravar os problemas do complexo esquema do ensino tem sido o lema do ministro João de Deus Pinheiro e da equipa que dirige. O pro-

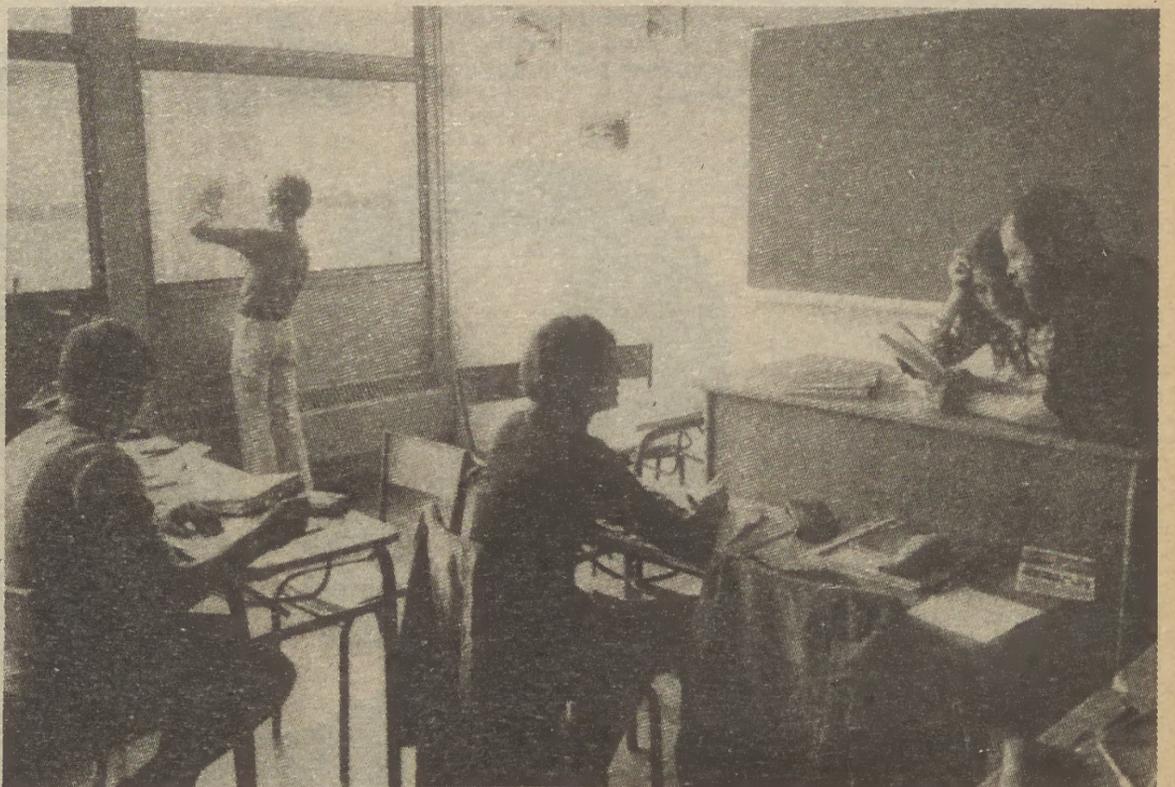
bro de 1985. Surgiram as primeiras listas de colocações e eis uma longa série de erros, com a empresa de informática «contratada» pelo Ministério a dizer que a culpa não era só dela, que, afinal, haviam sido dados elementos errados por parte do Ministério da Educação. E este, claro, a dizer que não... Enfim, face à envergadura do escândalo, as listas voltaram para trás e foram corrigidas. Mas não totalmente...

Como salienta a carta da FENPROF enviada aos responsáveis do ME, «após a correcção das últimas listas foi resolvido um dos graves problemas que atingiu todo o concurso e que afectaria elevado número de professores, a avaliar pelo poder multiplicador que teriam os erros detectados. Outros problemas, então levantados pela FENPROF, continuaram por resolver, sem que se encontre justificação para tal, dado que teriam fácil tratamento informático».

Entre esses problemas, a Federação destaca:

- A não recuperação para a primeira fase do concurso das vagas dos professores profissionalizados e provisórios que integram conselhos directivos e que foram colocados, ao abrigo do Decreto-Lei n.º 75/85, em lugares que de facto não irão ocupar.

### e de injustiça



Os dois casos aqui apontados são característicos dos erros apontados muito justamente pela FENPROF, que salienta:

«A recuperação (das vagas) deveria ter ocorrido como aconteceu com as vagas que ficaram disponíveis em consequência, por exemplo, da colocação de professores que concorreram ao abrigo da preferência conjugal».

### Professores colocados em duas escolas

Entretanto, as irregularidades não ficam por ali. A Federação Nacional dos Professores aponta mais quatro exemplos de «situações anómalas», a saber:

- 1 — O mesmo professor colocado em duas escolas, sendo uma das colocações ao abrigo do Decreto-Lei n.º 150-A/85 de 8 de Maio e a outra ao abrigo do Decreto-Lei n.º 75/85.
- 2 — Professores que pediram recondução para escolas de onde saíram outros colocados ao abrigo da preferência conjugal e que não a obtiveram.
- 3 — Professores colocados em vagas inexistentes, porque não declaradas.
- 4 — Professores penalizados a quem foi aceite a candidatura ao concurso e que obtiveram colocação.

Acrescenta ainda a FENPROF: Para além destes erros, outros

existem que não são pontuais. Surgem também casos de professores deficientemente colocados que poderão ter outro tipo de solução, como aconteceu em anos anteriores.

### A FENPROF propõe soluções

No início deste apontamento referimos uma das facetas do conjunto de irregularidades que acompanham a colocação dos professores não efectivos neste ano escolar 85/86. Há que acrescentar mais alguns elementos. De que maneira estão prejudicados muitos docentes? Uns, porque foram erradamente colocados. Outros, porque acabaram por não obter colocação na 1.ª fase do concurso, exactamente a que dá vínculo ao Ministério. «Para além de terem ficado eventualmente no desemprego» (ou então com horários incompletos, declarados no mini-concurso), «acrescenta-se o facto de não lhes ser possível concorrer no próximo concurso ao abrigo do Decreto-Lei n.º 150-A/85, o que significa uma dupla penalização, para a qual não contribuíram e que resulta de erros que a administração cometeu», como recorda a FENPROF.

Por agora, resta aguardar um pouco de bom senso do Ministério. Ou, por outras palavras: que, desta vez, não fuja ao diálogo com os representantes dos professores e leve em linha de conta as propostas da Federação, as quais, «sem prejuízo do funcionamento do ano lectivo», apontam directamente para a reposição da legalidade e a defesa dos direitos legítimos dos professores que se apresen-

taram a concurso. Com tais propostas, «será possível colocar cada professor no lugar a que tem direito, respeitando as expectativas geradas pela lista de colocações publicada em «Diário da República», sem que tal signifique qualquer hiato no funcionamento do ano lectivo».

A «imediata suspensão da 2.ª fase» (realizada a nível distrital na semana passada) é considerada pela FENPROF como «medida preventiva de mais erros e respectivas consequências nefastas». O «mini-concurso» — salienta a FENPROF — seria retomado «em tempo que minimize os efeitos desse acto» de suspensão.

■ JPO

**Não é necessária esta manobra para se detectarem os erros da colocação de professores!**



cesso de recrutamento e colocação de professores não escapou à «fúria» do ministro, responsável directo pelo começo tardio do concurso de profissionalizados não efectivos e provisórios. Depois, foi o «caos» a que o País agora assiste ainda neste Outu-

- A não recuperação para a primeira fase do concurso das vagas deixadas pelos professores contratados plurianualmente sem profissionalização e que obtiveram colocação, no presente concurso, noutra escola (ou até na mesma).



# EPAC Por despachos conjuntos se desmembra a empresa

que é preciso é reprivatizar — e, quanto mais depressa, melhor! Esta foi a filosofia do Governo PS/PSD que, mesmo em gestão, não abdicou desta prerrogativa. É o caso do Despacho Conjunto dos Ministérios das Finanças e do Plano e da Agricultura, publicado no n.º 238 do «Diário da República», II Série, de 16 de Outubro de 1985.

No referido Despacho Conjunto diversos bens patrimoniais da EPAC (Empresa Pública de Abastecimento de Cereais — EP) são desafectados desta empresa para serem transferidos para a iniciativa privada. Deste modo são transferidos para a titularidade conjunta da Associação dos Industriais de Moagem (AIM) e da Federação Portuguesa dos Industriais de Moagem (FPIM) o imóvel situado em Lisboa, na Avenida da Liberdade, 268-270, bem como os respectivos móveis e utensílios, o laboratório para análises de cereais e farinhas, a moagem-piloto de transformação de trigos destinada à colheita e amostras de farinhas para ensaios e, por último, o equipamento para duas padarias-piloto em Lisboa e Porto, destinada à verificação do comportamento das farinhas.

E aqui está como, numa penada, ou melhor, num despacho a AIM e a FPIM se vêem na posse de mais umas dezenas de milhares de contos. O referido despacho foi assinado em 3 de Outubro deste ano por Alípio Dias e Álvaro Barreto, dois governantes da área do PSD.

E vêem-se na posse de algumas dezenas — poderemos dizer mesmo centenas — de milhares de contos se

tivermos em conta a valorização dos imóveis e maquinaria e o facto de não terem suportado encargos com pessoal nem tão pouco terem pago complementos de reforma e outras regalias sociais, isto para não entrarmos em linha de conta com outros factores de contabilização.

## Tentativa frustrada?

Aliás, uma tentativa fora já ensaiada pelo Ministério da Agricultura para desmembrar a EPAC, como se pode constatar no Despacho Conjunto A-65/85-IX e A-66/85-IX, publicados no «Diário da República» n.º 123, II Série, de 29 de Maio de 1985. Aí era manifesta a intenção de desafectar à empresa muitos outros bens.

Estranhamente, o Suplemento do dia seguinte do «Diário da República» publicava outro Despacho Conjunto onde se suspendiam os despachos anteriormente publicados.

O que terá levado a este recuo? A incógnita ainda permanece tanto mais que na época PS e PSD ainda se davam no Governo como Deus com os anjos.

Mas já no início de 1985 outros Despachos Conjuntos tinham retirado



Em cima — Terminal cerealeiro da Trafaria, obra no valor de 9 milhões de contos. Está Álvaro Barreto interessado em «despachar» esta obra, paga pelo Estado, para as mãos dos grandes capitalistas dos cereais?

À esquerda — O edifício da Avenida da Liberdade, em Lisboa, da EPAC, que foi retirado à empresa. O seu valor anda próximo dos 40 000 contos.

bens substanciais à EPAC em Faro, Évora, Porto e Coimbra para serem entregues ao capital privado, nomeadamente viaturas e imóveis.

Convém recordar que a ofensiva que visa destruir a EPAC como empresa pública para que os grandes capitalistas se aproveitem dos chorudos lucros e imponham outros ainda maiores começou há algum tempo.

Em 15 de Junho de 1984 é publicado o Decreto-Lei n.º 203/84 que tem

por única finalidade alterar o artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 443/74, de 12 de Setembro. Neste diploma se fala das desafectações e cedências que revestirão a forma de despacho do Ministério das Finanças e do Plano e do ministro da tutela.

Abria-se assim o precedente legal para retirar à EPAC e a outras empresas públicas o que o apetite do grande capital ditasse. Mas não será anti-constitucional esta forma de «despa-

char» o erário das empresas públicas? Parece-nos bem que sim. É a técnica do facto consumado sem poder ser controlado pela Assembleia da República. Permitindo que um dia todas as empresas públicas sejam «oferecidas» ao grande capital. E aí vamos passar pelo caricato de ele recusar algumas — precisamente as que não dão lucro, mas que são de utilidade pública e não podem ser suprimidas. ■

## Escola alugada em Carcavelos

# NOS MESES DE FÉRIAS AUMENTAM AS CONTAS DA ÁGUA E DA LUZ

**D**o ensino, em Portugal, não chegaria a lista telefónica de Lisboa e Porto, mesmo utilizando aquele corpo de letra miudinho, para se dizer o que vai mal. Desta vez é em Carcavelos, na Escola Secundária, que funciona por arrendamento de parte do Colégio Marista há dez anos.

Pelas instalações paga o Ministério da Educação, mensalmente, mais de 800 contos (9600 contos anuais), mais dois terços do consumo total de água e 95 por cento do consumo total de electricidade, despesas estas que rondam os 90 contos mensais (1080 contos anuais), isto apesar do Colégio Marista funcionar, na parte que lhe pertence, com os seus alunos próprios.

O mais interessante é que, precisamente nos meses de Julho e Agosto, quando não há aulas, aumentam as contas da água e da luz. A explicação é simples: neste período de Verão, o Colégio Marista admite turistas espanhóis que, como qualquer turista, gostam de tomar banho e ter a luz acesa quando se deitam. E o Ministério paga.

O que o Ministério não paga é a construção de uma nova Escola Secundária em Carcavelos, para a qual, segundo parece, existe terreno. Só não existe é verba, pois por despacho conjunto de 24/8/84 estava prevista a construção do edifício. Contudo, em Maio de 1985, numa reunião efectuada com responsáveis do Ministério o Conselho Directivo foi informado que o projecto não ia para a frente por corte das verbas.

Se fizermos as contas verificamos que nestes dez anos o Estado dispendeu ali cerca da 9600 contos. A preços de 1980 talvez desse para fazer uma escola nova.

O mais interessante, é que, segundo parece, a direcção do Colégio Marista não estará, ela própria, muito interessada no aluguer e, das salas ini-

cialmente arrendadas, até 1981, algumas foram retiradas à utilização dos alunos do ensino secundário.

Com essa ocupação de salas, sucede que actualmente o contador da electricidade fica na parte do colégio e a direcção deste tem impedido todas as tentativas para que seja transferido para a zona da escola secundária.

Naquela escola secundária estudam cerca de 1700 crianças. As condições não são más, muito embora a condição do edifício, com cinco pisos, não permita uma gestão eficiente do pessoal.

A pergunta aqui fica: o Ministério da Educação, por onde nestes últimos oito anos só têm passado ministros PSD, não tem uma solução melhor do que esbanjar 9600 contos anuais num arrendamento que de um ano para o outro pode ser anulado? E muitas outras escolas existem por esse país fora nas mesmas circunstâncias. Assim se vê o interesse que existe em resolver a crise do ensino e, também, da construção civil. ■



O edifício do Colégio Marista, parte do qual está arrendado pelo Ministério da Educação por 800 contos mensais. Alugar é alternativa à construção de novas escolas?

# Os monopólios da informação ajudam o militarismo

**U**ma investigação realizada pela Comissão Internacional para o Estudo de Problemas da Comunicação, presidida pelo Prémio Nobel da Paz e Prémio Lenin da Paz, Sean MacBride, mostra que, dos 34 milhões de palavras divulgadas diariamente pelas linhas telegráficas internacionais pelas dez maiores agências noticiosas que operam a nível internacional, a alucinante quantidade de 33 milhões, isto é, 97 por cento do total, provêm nada mais do que de quatro corporações multinacionais de informação: a Associated Press (AP), a United Press Internacional (UPI), a Reuter e a Agence France Presse (AFP).

As agências AP e UPI são norte-americanas. De entre todas, a maior é a AP, com cerca de 17 milhões de palavras diárias. Segue-se a UPI com 11 milhões. Só dentro dos EUA a AP conta com 1350 jornais. Possui, além disso, 3500 estações radiofónicas e televisivas, só em território dos Estados Unidos. Calcula-se que o total do público abrangido pelas quase 9500 empresas da AP em todo o mundo ronda os mil milhões. A partir das suas sedes centrais em Nova Iorque a AP consegue, portanto, influenciar os acontecimentos nos quatro cantos do mundo; e não há dúvida de que o faz.

O predomínio norte-americano abrange todos os aspectos, todas as esferas do âmbito da informação e dos meios de comunicação de massas.

Os filmes norte-americanos, por exemplo, não dominam apenas o Terceiro Mundo. Nem os aliados dos EUA se livram deles. Do total de filmes registados anualmente no Reino Unido cerca de 40% são norte-americanos; e se atentarmos apenas nos filmes comerciais, as produções britânicas constituem menos de uma quarta parte de todos os que se projectam naquele país durante um ano. Metade dos rendimentos da associação filímica comercial italiana (ANICA), está nas mãos dos norte-americanos, que detêm há anos pelo menos 90% dos investimentos.

As três co'ossais redes de televisão dos EUA, CBS, NBC e ABC são, cada uma delas, verdadeiros impérios. A Columbia Broadcasting System (CBS), que começou como uma modesta estação de radiodifusão nos anos 20, é hoje um gigantesco complexo que possui cinco imponentes estações de televisão e mais de 200 subsidiárias. A CBS já pôs também em marcha a sua própria agência noticiosa para fornecer notícias em filme e em vídeo às televisões de muitos países. A CBS fornece a mais de cem países toda a espécie de produtos informativos.

## Outros campos

O monopólio corporativo da AP estende-se também a outros campos, tal como a edição de livros, música, instrumentos musicais, discos, cassettes e fitas para gravação. A CBS já está também metida, e em grande, no negócio de televisão por cabo. Nos anos 70 as redes de TV por cabo, propriedade da CBS na Califórnia e em Washington, tinham mais de meio milhão de subscritores. Juntamente com a National Broadcasting Corporation (NBC) e a American Broadcasting

Corporation (ABC), a CBS impera no mundo da comunicação visual.

A United Press International Television News (UPITN) afirma ter um total de vendas de dez milhões de dólares por ano. Os despachos noticiosos da UPITN chegam a mais de 200 estações em mais de 70 países, pelo que 90% do mundo vê estas notícias.

As bandas desenhadas de Walt Disney e as histórias de aventuras por episódios aparecem em 5000 jornais do mundo inteiro, são traduzidas em mais de 30 idiomas que se falam em mais de cem países. Se nos guiarmos pelos dados da sua própria propaganda, verificamos que num pequeno país como o Chile as bandas desenhadas de Disney contam com um milhão de leitores por semana.

A companhia Walt Disney calculou que, em 1966, no mundo inteiro, 240 milhões de pessoas viram filmes Disney, 100 milhões viram um «show» da Walt Disney por semana, 800 milhões leram um livro ou uma revista da Disney, 50 milhões ouviram ou dançaram música Disney, 80 milhões compraram produtos fabricados sob licença Disney, 150 milhões leram banda desenhada da Disney, 80 milhões assistiram à projecção de filmes educativos da marca Disney em escolas, igrejas ou centros de trabalho.

## A expansão internacional

A propaganda comercial norte-americana cobre com o seu manto o mundo inteiro. De acordo com os autores H. Schiller e A. Smith, já em 1970 «... mais de 80% dos anúncios comerciais da imprensa, rádio e televisão peruanas eram canalizados pelas grandes firmas publicitárias e de promoção comercial norte-americanas, tais como a Walter Thomson, Mckann Erickson, Grant Advertising e Kattas Acciones Inc.; a Venezuela está ainda mais monopolizada pelas agências norte-americanas. O mesmo sucede, salvaguardadas as diferenças, no Quênia, na Nigéria, na Índia, Malásia, Paquistão, Tailandia e muitos outros países... Na própria Inglaterra a situação actual é de tal ordem que das vinte agências publicitárias mais importantes de Londres, apenas sete são totalmente inglesas. Todas as restantes são propriedade norte-americana ou, em certos casos, têm importantes ligações com capital norte-americano. Nas dez maiores a influência dos EUA é ainda mais sensível: apenas duas dessas dez conseguiram manter total independência...»



As doze maiores agências de publicidade comercial nos EUA são precisamente as mesmas doze maiores de todo o mundo. Mesmo na Alemanha Federal, Canadá e França mais de metade das maiores agências de publicidade são norte-americanas...»

Para se ter uma ideia do tipo de dominação exercida pelos EUA no mundo basta referir que 90% de toda a informação mundial guardada em bancos de dados está nos EUA. A este aspecto deve acrescentar-se que as suas estações radiofónicas e redes de radiodifusão estão mais horas no ar do que as de qualquer outra nação do mundo.

Só a Voz da América tem uma produção semanal que frequentemente excede as 795 horas. Destas, 168 são dedicadas exclusivamente a programas de natureza propagandística dirigida à União Soviética. Além disso, a Rádio Europa Livre, conhecida pelas suas ligações com a CIA, montou 52 estações rodeando a União Soviética.

Uma vez que os EUA e os seus aliados ocidentais detêm a parte de leão na repartição do espectro de radiofrequências, ao qual está intimamente ligado o fenómeno da radiodifusão, a capacidade de agressão de Washington através das vias hertzianas é enorme. Na verdade, o domínio

hoje exercido pelos EUA na esfera dos meios de comunicação de massas, em todo o mundo, é idêntico ao que detinha a Reuters, da Grã-Bretanha, até à Segunda Guerra Mundial, quando ainda era a maior potência colonial.

Criticando o mau uso que a Reuters fazia da sua posição monopolista, Kent Cooper, um dos pioneiros da Associated Press na sua forma actual, explicava por que razão a Reuters se havia tornado num monopólio, dizendo: «O monopólio foi o que tornou possível o sistema de enganar». ■

(P. Sainath In «Jornalista Democrático»)

# a TV

## Telejornal: o dique do apartheid

Era negro, era poeta, era um combatente pela liberdade. Três razões, mais que suficientes, para ser odiado pelos grandes senhores do apartheid.

Os protestos pela execução de Benjamin Moloise partiram de todos os lados. A condenação foi mundial.

Sem dúvida, a televisão portuguesa reflectiu esse universal repúdio — mas dando provas sempre de uma ostensiva distanciação informativa. Sob a capa da objectividade, mais uma vez, na RTP, se praticou a cumplicidade.

Repare-se neste pormenor: sempre que havia uma referência à execução de Moloise, o Telejornal repetia que ele era acusado de ter morto um polícia — ou seja, fazia-se (objectivamente, claro!) caixa de ressonância da propaganda do governo da África do Sul. A audiência era assim afastada de uma natural adesão emocional, através da constante referência à aplicação da justiça!

E lá vimos o embaixador sul-africano em Londres a justificar o crime. E lá vimos o Pik Botha (agora o menino bonito do Telejornal logo a seguir ao Reagan...) a clamar contra a violência...

Uma vez mais o Telejornal se comportou como um dique protector das ondas contra o apartheid. Dão que pensar, estas cumplicidades praticadas em nome da objectividade...

## Rei morto, rei posto...

Lentamente, no Telejornal, começam a fazer a agulha. O PSD lá vai trepando ao alto do galarim. Mário Soares, de pernas partidas, está longe, longe. Já não é rentável...

A última reunião dos directivos do PSD teve luxos de tratamento prioritário ao longo de vários episódios de telenovela — perdão, ao longo de várias emissões do Telejornal e dos outros blocos informativos. Que iam deliberar. Que estavam a deliberar. Que ainda não tinham deliberado. Que estavam prestes a deliberar. Que parecia já terem deliberado. Que finalmente deliberaram...

Tudo culminou com uma entrevista em directo a Cavaco Silva, logo a abrir o Telejornal! E assim o país inteiro soube que, para bem dele, precisando melhor, para bem do país (!) os amigos do Cavaco tinham decidido apoiar o Freitas do Amaral à presidência...

Parte dessa entrevista foi reproduzida noutros blocos informativos. E lá temos a televisão lançada a todo o gás no apoio a uma candidatura.

Como se costuma dizer, rei morto, rei posto...

## Estes publicitários!

Mas o lançamento do Freitas não se processou apenas pelos canais da informação. Como se isso não bastasse, mette-se a publicidade ao barulho...

De facto, a presença de Freitas do Amaral tornou-se uma constante nos blocos publicitários do horário nobre. Ele próprio vem perorar a propósito de um seu livro recentemente publicado.

Em primeiro lugar, não fica nada bem a um candidato à Presidência da República meter-se tão de caras na rafeirice da publicidade. O nosso povo é muito sensível a estes jogos ras-teiros e fazem mal aqueles que ignoram a maneira de ser de uma comunidade.

Freitas pensará que, ao meter-se pelos olhos dentro das pessoas, está a conquistá-las, a levá-las à certa. Ora, se é certo que não podemos desprezar a influência e a importância da televisão, a verdade também é que, como todas as drogas medicinais mal usadas, também esta droga pode ter efeitos contra-producentes.

Veja-se o caso de Mário Soares. As suas constantes aparições no Telejornal, a propósito de tudo e de nada, assumiram ostensivamente o aspecto de uma influência eleitoralista. Desesperadamente, Soares vinha em socorro do «delfim» que ele próprio atirara às feras. Desesperadamente — e indevidamente. Foi isso que a audiência compreendeu. Foi isso que a audiência lhe não perdoou.

Vem agora Freitas do Amaral fazer, não a publicidade a um livro (o que já seria antipático...) mas a sua própria propaganda. O livro não passa de um alibi. Na realidade, o que ele faz é a exposição dos cavalos de batalha da sua candidatura. E isto no espaço comercial, expressamente, aliás, condenado por lei.

Mais uma vez, estou certo disso, o tiro vai sair pela culatra. De qualquer modo, Freitas ganhará alguma coisa: perdida a batalha pela candidatura, resta-lhe a possibilidade de fazer carreira na propaganda comercial...

Estes publicitários!

■ **Ulisses**

# Síntese semanal da IMPRENSA

## Cavaco: as falsas vitórias

«É vão três», dizem os cronistas da direita: Cavaco «ganhou» no Congresso do PSD, Cavaco «ganhou» nas eleições legislativas, Cavaco «ganhou» no Conselho Nacional do PSD sobre a escolha do candidato presidencial.

Mas o que se lê nas entrelinhas é que todas estas «maiorias» cavaquistas têm a marca do relativo, do precário, além de estarem à vista as derrotas próximas que nem a demagogia impedirá. A verdade é que a direita arma aos cucos. Faz «bluff» à espera de melhores dias. Nem São Mário lhes valerá!

## Conselho Nacional do PSD: vitória inevitável...

• «A vitória de Cavaco Silva quanto à estratégia presidencial do PSD foi uma vitória pessoal notável e a confirmação de que a sua força política é actualmente de tal ordem que mesmo a expressão da discordância é tão cautelosa que quase se assemelha à preparação da futura concordância. Cavaco Silva ganhara o Congresso da Figueira da Foz por uma mão cheia de votos. Todos os que foram eleitos contra ele estavam contra o apoio — em alguns casos ferozmente — a Freitas do Amaral. Nem todos os que foram eleitos para o Conselho Nacional apoiando Cavaco Silva estavam abertos à ideia do apoio a Freitas do Amaral.

(...)

O que isto significa — e essa a questão mais importante em termos políticos futuros — é que, por um lado, se o PSD decidiu apoiar Freitas do Amaral é porque os dirigentes opositores a tal solução não quiseram fazer uma mobilização total para o evltar, desse modo se co-responsabilizando indirectamente com o que foi decidido. E, por outro lado, se tantos puderam aperceber-se, quatro ou cinco meses mais tarde do que Cavaco Silva e alguns mais, que esse apoio era a solução preferível para o PSD, por certo que muitos outros acabarão por perceber o mesmo até às eleições presidenciais.

(...)

Por essa razão também se coloca a consequência da generalidade dos contestantes se terem baseado na convicção de que Freitas do Amaral terá dificuldades em ser eleito para justificarem a recusa do apoio. A generalidade mostrou-se consciente das vantagens de um Presidente da República que não complique a acção do governo do PSD, de tal forma que essa vantagem sobreleva o desejo de verem eleito um candidato saído do PSD.

Ora a força desse argumento é a força da ausência de alternativa. Quer isto dizer que, para o bem e para o mal, desde o momento em que o PSD decidiu

apoiar Freitas do Amaral, todos os militantes desse partido — mesmo que afirmem o contrário — passam com maior ou menor entusiasmo a estar interessados na vitória deste candidato, o que naturalmente torna mais provável que se caminhe para um crescente aumento dos apoios na área do PSD.»

(J.M. Júdice, «O Diabo», 22. Outubro)

## ... ou derrota inevitável?

• «Um atentado ideológico ao programa do PSD» assim qualificou Alberto João Jardim o apoio dado pelos sociais-democratas à candidatura presidencial de Diogo Freitas do Amaral.

João Jardim manifestou-se domingo à noite contra o apoio a essa candidatura, adiantando que os sociais-democratas da Madeira vão pedir à população para não votar nas presidenciais.

«Estamos perante um atestado de incompetência passado aos militantes do PSD» — comentou Alberto João Jardim, a propósito da votação no Conselho Nacional favorável ao apoio ao ex-líder do CDS (41 votos a favor e 30 contra).

João Jardim defendeu que o Conselho Nacional do PSD, realizado o passado fim-de-semana, deveria ter apenas lugar «depois de as pessoas saberem quem ia e quem não ia para o Governo».

«A social-democracia portuguesa não tem candidato» — sublinhou o líder do PSD/Madeira, que justificou o apelo à não votação para a eleição do Presidente da República como a forma de protesto contra «a política portuguesa e o sistema português».

(«Correio da Manhã», 22. Outubro)

• «É possível, unidos e partindo das presidenciais, impedir esse desastre. Mas vai custar muito se, entretanto, o professor Cavaco Silva não entender que o seu arrojado projecto económico não tem condições políticas objectivas para ser levado a cabo e não se dispuser a criá-las — contra os cravos que, plantados fora de tempo, brotaram em Outubro e podem voltar a cobrir os campos em Abril.»

(V.C. Rego, «Semanário», 19. Outubro)

• «Os desígnios de Cavaco são insondáveis — ou talvez

não. Num ponto, a sua estratégia parece clara: desvalorizar as presidenciais (...).»

(Manuel Anta, «Semanário», 19. Outubro)

## A.J. Jardim, o dissidente português!

• «Sou também membro da classe política. Mas quero que fique bem claro que, de acima de tudo, sou um dissidente. Um dissidente do sistema, que denuncio arrastar Portugal e os Portugueses que trabalham para um abismo sem regresso.

Não pactuo com o que está e com o que se vê. A rotura económica e social vem aí pela via da actual Constituição. A luta por uma Nova República deve manter-se. A exigência de um referendo tem de se intensificar.»

(A.J. Jardim, dirigente do PSD, «Tempo», 20. Outubro)

## A tese do país ingovernável

• «Só pode continuar a atribuir aos resultados eleitorais de 6 de Outubro o «pecado» de terem tornado o «país ingovernável», quem abusivamente identifique com o País as dificuldades da direita e dos políticos de direita em continuarem a executar a sua desastrosa política.

Na verdade a tese da «ingovernabilidade» do País é uma mistificação ao serviço da tentativa de mascarar e minorar a derrota política daqueles que sempre apostaram na política de restauração do capital monopolista e nas respectivas soluções governativas, como forma de destruir o património democrático conquistado com o 25 de Abril. Mas, ao enunciarem-na, os seus autores confessam, no fundo, ter consciência da derrota que procuram encobrir. É precisamente por isso que Mário Soares — simultaneamente frustrado e nos-

tálgico — escreve que «(...) paradoxalmente, quando começam a estar criadas as condições para que Portugal pudesse entrar numa nova fase (...) o voto de 6 de Outubro ameaça repor de novo em causa tudo o que foi conseguido». Ele próprio tinha sistematizado, em várias ocasiões, «tudo quanto tinha conseguido»: a reprivatização da banca privada e as tentativas de entrega de todo o sector público ao grande capital; os «pacotes» contra a Reforma Agrária e os direitos e garantias dos trabalhadores; o desemprego e os salários em atraso; a entrega da gestão económica e financeira do País ao FMI e à CEE; a lei de segurança interna; os aumentos das rendas de casa, etc., etc. É, exactamente pelo mesmo motivo, que Marcelo Rebelo de Sousa — passando um atestado público de indignação intelectual e estupidez política aos seus correligionários que cantam vitória («Deus protege essas almas que não de ver tudo na sua vida política com 6 meses de atraso e cantarão hossanas onde deveriam soar finados...» — afirma, em balanço das eleições de 6 de Outubro, que «a direita não cresceu eleitoralmente; consolidou-se o deslize para a esquerda do eixo político eleitoral (apesar da aparência superestrutural de afirmação à direita (...)) E como à direita não há maioria parlamentar possível — qualquer governo duradouro depende de um benéfico parlamentar difuso (...).

É no comportamento concreto das várias forças políticas perante esta questão central — da política a seguir e do governo a formar em consequência dos resultados eleitorais — que se começará (ou não) a trilhar o caminho para tornar, de facto, o País governável. Isto é, bem governado, com o povo e com o regime democrático consagrado na Constituição.»

(V. P. Morais, «o diário», 20.10.85)

**Proletários de todos os países. UNI-VOS!**

# O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

**uma vitória muito importante da democracia, do Portugal de Abril**

- Sobre os resultados das eleições de 6 de Outubro
- Avançar com força e confiança para as eleições autárquicas
- Retirar as massas da actividade eleitoral para reforçar a organização

Outubro 1985 • n.º 128 • Preço: 300\$00

**Escavacado?**

Afinal, se a especialidade do Cavaco eram os números, a sorte não o tem bafejado lá muito. Era daqueles que também queria a maioria para governar e... só ficou pelos 29 por cento; apesar de receber, agradado, os 2 por cento do CDS, a queda deste nem lhe permite relançar uma nova «AD». E agora? Agora, em reunião badalada do Conselho Nacional do PSD, os números foram também periclitantes. Ficou-se por uma maioria de 40 contra 31.

E o governo nem sequer foi discutido.

Cavaca aqui, escavaca-se depois, cavacos não resistem...

**Os completadores**

«Compete-lhe reduzir o eleitorado da APU à expressão **necessária, suficiente e justa** de um velho partido comunista pró-soviético em Portugal.»

A quem competirá tal coisa (sublinhados incluídos)? Segundo autor do anterior — ao PRD.

Quem é o autor do anterior? O major Sousa e Castro, em prosa assinada em «o jornal».

Que ele sujeita a geral título «Renovadores: uma batalha incompleta».

Sabendo-se que o major Sousa e Castro não está na tal batalha dos renovadores a que dá conselhos, mas na de coordenador geral da candidatura da eng. Maria de Lurdes Pintasilgo, pode concluir-se que pretende na sua batalha completar as que considera incompletas?

É sempre bom saber estas coisas.

**Soluções**

Freitas do Amaral, todo colete e gravata, anda agora a fazer propaganda a si próprio nuns anúncios televisivos onde, à velocidade de milhares de contos, garante ter «soluções para Portugal». Ainda bem. Talvez seja desta que finalmente encontre soluções para o «Primeiro de Janeiro».

**O trinta**

Com 41 votos a favor e 30 contra, o Conselho Nacional do PPD/PSD decidiu que o seu partido vai apoiar a candidatura presidencial de Freitas do Amaral.

«Foi o 30 raios para conseguir isto!», desabafaria Cavaco Silva para o seu protegido. «Eu depois aparo-os», pensou o professor, acrescentando muito depressa para o outro que há sempre solução... em democracia.

**Consequimos**

Segundo o director-geral do Turismo, entrou anteontem no nosso país o visitante n.º dez milhões.

«Consequimos ou não consequimos?», exultou Mário Soares, arrebitando da ressaca eleitoral. «Já temos um CEE para cada português!».

**O contrário**

Atónito com os resultados eleitorais, atordoado com a estrondosa queda do PS, o dirigente soarista António Campos referia-se aos resultados eleitorais, perante as câmaras da televisão na própria noite de 6 de Outubro, como uma «brincadeira». Foi uma triste figura.

# Pontos Cardeais

Entretanto, nos dias seguintes, comentários do mesmo teor saíram da boca de soaristas, centristas, freitistas e outros preocupados com a «confusão» que resultou para a vida política nacional, a «ingovernabilidade» que passou a existir, a «inutilidade», no fundo, deste acto eleitoral.

Só que a realidade é completamente diferente. A correlação de forças e o panorama partidário e eleitoral do País alteraram-se profundamente. Se estas eleições foram inúteis para alguém, foi para os partidos de direita e para a política de direita, cuja derrota lhes tornou a vida muito mais difícil.

Ao fazer estagnar os partidos da direita e ao infligir colossal derrota ao partido que mais se identificou com a política governamental dos últimos anos, o eleitorado não aumentou a confusão — **esclareceu** a política que deve ser seguida; não tornou mais difícil governar — mas sim **mais fácil**,

apontando com clareza as grandes linhas do rumo a seguir; e por tudo isto, tornou estas legislativas de **grande utilidade**. Mas uma coisa também é certa: tudo isto, no imediato pelo menos, só terá a devida sequência se for adoptada a fórmula governativa correspondente — a qual não é, obviamente, a de um governo protagonizado por gentes que

desde há longos anos lá estão empoleiradas...

**Falta de escrúpulos**

Profusamente distribuído em placards de publicidade comercial, um cartaz anuncia o jornal **Belém**, órgão do MASP — Movimento de Apoio Soares à Presidência. Em destaque esta frase: «Semana de **Informação**», com o sublinhado e tudo.

Para se verificar o que os soaristas entendem por **informação**, repare-se no conteúdo da edição do jornaleco (oito páginas em formato tablóide) publicada na semana passada: um artigo de Mário Soares; um artigo de Manuel José Homem de Melo; um artigo de Olof Palme; um artigo de Walter Rosa; uma entrevista com Norberto Lopes; uma entrevista com Fafá de Belém; biografias de seis apoiantes de Soares; um «inquérito de rua»; uma notícia (ena, ena!) sobre as eleições em Raiva.

Donde facilmente se conclui que aquela **informação** não passa, pois, de truque publicitário e de mentira premeditada, com o objectivo de enganar o público e seduzir eventuais leitores, acenando-lhes com a falsa promessa de uma informação que, afinal, é **opinião**. A falta de escrúpulos do soarismo não tem limites.

# Gazetilha

por **Ignotus Sum**

**I**

Havia muitas canções para a noite das eleições mas as coisas não andaram como na TV pensaram: breve puderam concluir que o PS ia falir. E assim na noite serena, com uma tristeza sem par pensaram: «Não vale a pena perder-se tempo a cantar...»

Que sujeitos mais farsantes e oportunistas, pois, pois..., com tanta garganta antes — e com tão pouca, depois...

**II**

O Freitas demonstrou a sua vocação: quer é ser locutor desta televisão...

Mas não um locutor qualquer. Na realidade o que mesmo lhe interessa é a publicidade...

Ei-lo num «spot» ali, com grave detergência a fazer propaganda à sua impresidência...

A larga audiência ri, mas ele, de serviço, ridículo e feliz nem sequer dá por isso...

Detergente branqueia inda mais branco e bem: «Freitas suja mais sujo» — é o «slogan» que ele tem...

**III**

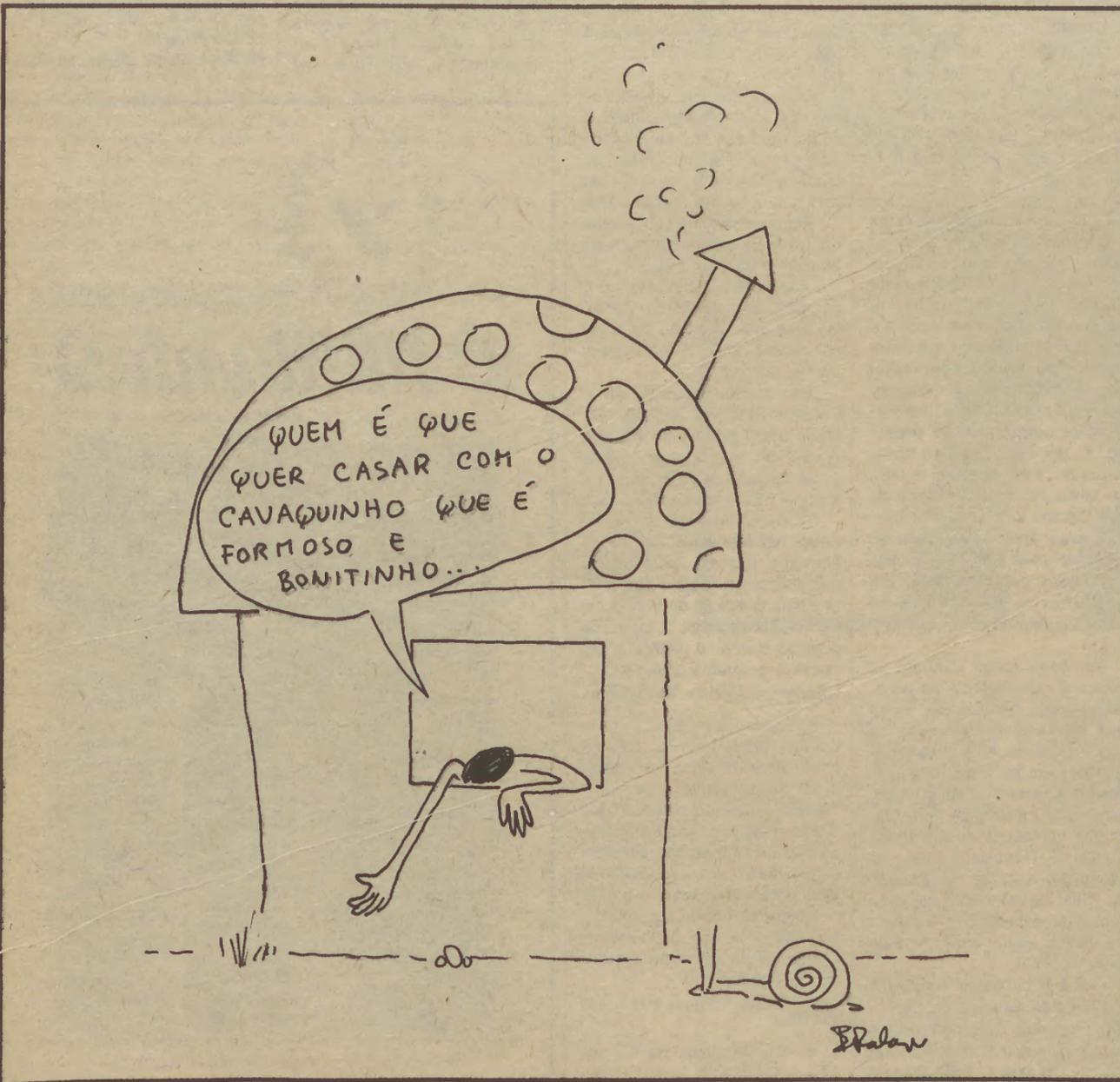
Na luta das autarquias esta verdade destaca: são falsas as tais fobias do Soares e do Cavaco... PS e PSD

vão juntinhos, já se vê. — O meu caro, como está, um abraço venha de lá! Armas do mesmo baú nas eleições regionais: pra tentar vencer a APU os dois não somos demais...

Fracos? Eles não o negam. E os dois, por certo, não chegam...

**IV**

O Cavaco dá a mão ao Freitas e ao PS — e assim os três lá vão amigos, como parece. Cidadão que for honrado e que tenha lucidez vendo os três de braço dado — manda pró diabo os três...



# Agenda

Avante!

Ano 53 — Série VII  
N.º 617

24 de Outubro de 1985

4.º Caderno

Não pode ser vendido  
separadamente

Quinta 24

• LISBOA

Encontro com os trabalhadores da Comunicação Social.

Sobre as eleições de 6 de Outubro, as suas consequências, a situação política, as perspectivas que se abrem. Com a participação do camarada Blanqui Teixeira, do Secretariado e da Comissão Política.

O encontro realiza-se no Centro de Trabalho Vitória, às 21 horas.

Sexta 25

• LOURES

Sessão de esclarecimento, às 21.30, no Clube Recreativo Bo-



Apresentação  
dos candidatos  
APU  
de Lisboa

Cinema Alvalade  
Hoje, às 21 e 30

Intervenções de Rui Godinho,  
Carlos Carvalhas, José Casanova  
e um representante do MDP/CDE

badelense, com a presença do camarada Domingos Abrantes, do Secretariado e da Comissão Política do CC.

• LISBOA

Sessão pública de apresentação dos candidatos da APU do concelho de Lisboa, no cinema «Alvalade», às 21.30.

Intervenções de: Rui Godinho, Carlos Carvalhas, José Casanova e um representante do MDP/CDE.

Sábado 26

• SACAVÉM

Plenário de Organização, no Centro de Trabalho, às 21.30.

• OEIRAS

No Centro de Trabalho, às 20 horas, jantar, seguido de plenário de freguesia, com a participação do camarada Octávio Pato, do Secretariado e da Comissão Política.

• PORTO

Reunião de quadros, às 14.30, no Centro de Trabalho da Boavista, para se debruçarem sobre as eleições autárquicas. A reunião conta com a participação do camarada Carlos Costa, do Secretariado e da Comissão Política.

• ALMADA

Plenário de quadros, alargado a todos os organismos,

## LOURES

Sessão de esclarecimento com Domingos Abrantes, da Comissão Política e do Secretariado do CC do PCP.

Clube Recreativo  
Bobadense  
SEXTA, às 21 e 30

às 14.30, no Centro de Trabalho, para apresentação das listas e balanço das eleições de 6 de Outubro.

• ALCOCHETE

No Samouco, plenário de militantes e simpatizantes para análise das eleições de 6 de Outubro e apresentação das listas às autarquias.

• BARREIRO

Plenário Concelhio de Quadros, com a participação do camarada Manuel Sobral, do CC, às 14.30.

• SANTIAGO

Em São Bartolomeu, plenário de quadros.

• SESIMBRA

Plenário da APU, no Externato Santa Joana, às 21.30.

• AMADORA

Durante todo o dia, visita de candidatos à freguesia da Brandoa.

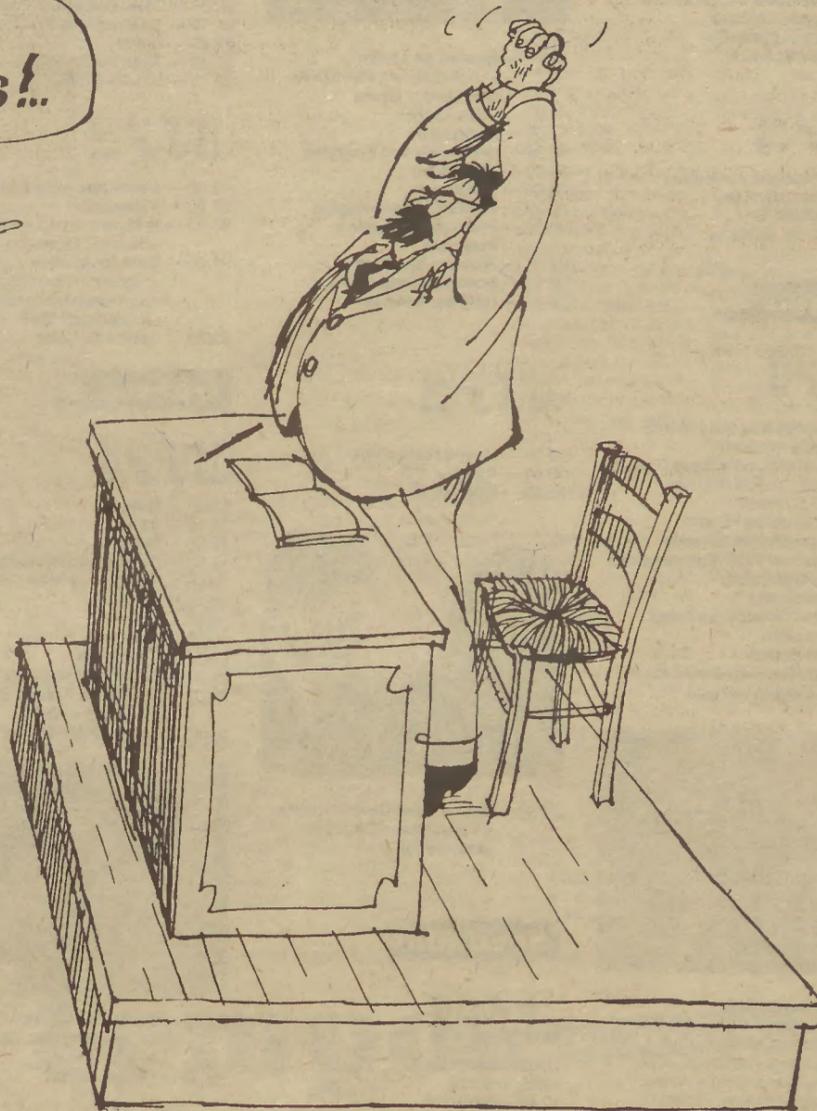
Quarta 28

• PORTO

No Centro de Trabalho da Boavista, reunião da Direcção Regional do Porto que analisará a situação política e discutirá as próximas eleições autárquicas.



... À MA GAUCHE :  
MONSIEUR L'EXAMINATEUR DE  
MATHÉMATIQUES, 110 KILOS !..



Cabu-Jean (1937) Desenho publicado em «Le grand Dudoche» — Dargaud S.A. éditeur — Paris 1967 — com prefácio de Goscinny

Legenda: «... à minha esquerda o sr. examinador de matemática, 110 kilos!..»

# TV **O Programa**

**Quinta** <sup>24</sup>
**RTP1**

12.00 — Notícias  
12.05 — 12/13  
12.45 — Notícias  
13.00 — Telenovela «Origens»  
18.00 — Tempo dos Mais Novos  
18.35 — Notícias  
18.45 — Desporto: «Gol!»  
19.20 — A mulher no Mundo  
20.00 — Telejornal  
20.27 — Boletim Meteorológico  
20.35 — Telenovela «Louco Amor»  
21.15 — Panorama  
22.15 — A Montanha Mágica  
23.00 — Último Jornal



23.10 — **Sábado Especial:** Ciclo «O Polar», «Os Violentos», real. Alain Corneau (França/1977)



21.15 — **Badarossissimo**  
22.15 — **Opinião Pública:** «A Caminho do Amanhã»  
23.15 — **Último Jornal**

**RTP2**

19.30 — **Desenhos Animados**  
20.00 — **Documentário**  
20.30 — **RTP-Madeira**


**RTP2**

19.30 — **Troféu**  
20.00 — **RTP/Brasil**  
20.30 — **Para o Melhor e para o Pior**  
21.30 — **Terra Mãe**

**Domingo** <sup>27</sup>
**RTP1**

10.30 — **70x7**  
11.00 — **Missa**  
12.00 — **Tempo dos Mais Novos**  
13.05 — **TV Rural**  
13.30 — **Tempo dos Mais Novos**



15.00 — **Sessão da Tarde:** «Escândalo em Villa Fiorita», real. Delmer Daves (Itália/1965)

17.00 — **Fórmula J**  
18.35 — **No Mundo dos Fraggles**  
19.00 — **TOP Disco**  
20.00 — **Telejornal**  
20.27 — **Boletim Meteorológico**  
20.30 — **Portugal, Passado e Presente**  
21.00 — **Western Siciliano**  
22.00 — **Domingo Desportivo**  
23.00 — **Últimas Notícias**

**RTP2**

19.30 — **Novos Horizontes**  
20.00 — **Adágio**  
20.30 — **Nós por Cá**



21.30 — **Cine-Clube:** Ciclo Antonioni «A Dama sem Camélias», (Itália/1953)

**Segunda** <sup>28</sup>
**RTP1**

12.00 — **Notícias**  
12.05 — **12/13**  
12.45 — **Notícias**  
13.00 — **Origens**  
18.00 — **Tempo dos Mais Novos**  
18.35 — **Notícias**  
18.50 — **Desportivamente**  
19.20 — **A Primeira República Portuguesa:** «Partidos e sistema político»

20.00 — **Telejornal**  
20.27 — **Boletim Meteorológico**  
20.35 — **Telenovela «Louco Amor»**

21.00 — **Rabo de Sala**  
22.00 — **Cantarel, Cantarás:** Júlio Iglésias, Roberto Carlos, Simone, Gal Costa, José Feliciano, Quincy Jones, Mário Moreno, Ricardo Montalban, Plácido Domingo. 51 artistas juntaram-se num estúdio de gravação, para gravarem o disco «Cantarel, Cantarás» cujos fundos irão para a organização UNICEF, e para ajudar o povo e as crianças em particular dos países da América Latina  
23.00 — **Último Jornal**

**Terça** <sup>29</sup>
**RTP1**

12.00 — **Notícias**  
12.05 — **12/13**  
12.45 — **Notícias**  
13.00 — **Telenovela «Origens»**  
18.00 — **Tempo dos Mais Novos**  
18.35 — **Notícias**  
18.50 — **Século XX:** «O Mundo em Guerra»  
20.00 — **Telejornal**  
20.27 — **Boletim Meteorológico**  
20.35 — **Telenovela «Louco Amor»**  
21.15 — **O Corpo Humano**  
21.45 — **Actual**  
22.55 — **Tudo em Família**  
23.10 — **Último Jornal**

**RTP2**

19.30 — **Desenhos Animados**  
20.00 — **Videopolis**  
20.30 — **O Mundo em Guerra:** «Portugal 1939/45»  
21.00 — **Sessão das Nove:** «Inocência Desprotegida», real. Dusen Makavejev (Jugoslávia/1968)  
22.30 — **Jornal da Noite**

**Quarta** <sup>30</sup>
**RTP1**

12.00 — **Notícias**  
12.05 — **12/13**  
12.45 — **Notícias**  
13.00 — **Telenovela «Origens»**  
18.00 — **Tempo dos Mais Novos**  
18.35 — **Notícias**  
18.50 — **Trânsito**  
19.20 — **Expresso Europa**  
20.00 — **Telejornal**  
20.27 — **Boletim Meteorológico**  
20.30 — **Direito de Antena «PS — Partido Socialista»**  
20.45 — **Telenovela «Louco Amor»**



21.20 — **Noite de Cinema:** «O Obscuro», real. William Myler (1965)  
23.30 — **Último Jornal**

**RTP2**

19.30 — **Desenhos Animados**  
19.50 — **A Arte e as Coisas:** «Paisagens Inconsumíveis»  
20.30 — **A História do Petróleo**  
21.30 — **Filmoteca TV**  
22.30 — **Jornal da Noite**

# Livros

«10 Anos de Artes Plásticas e Arquitectura em Portugal, 1974-1984», de Rui Mário Gonçalves e Francisco da Silva Dias; «10 Anos de Teatro e Cinema em Portugal, 1974-1984», de Carlos Porto e Salvato Teles de Menezes. Colecção «Nosso Mundo», Editorial Caminho, Lisboa, 1985. Preço de cada volume: 600\$00.



10 anos é muito tempo? A canção diz que sim, mas aí trata-se de medir o tempo de um só homem, embora os verdes anos sejam sempre «maiores» que os maduros, quando o tempo corre mais depressa. O tempo, de resto, é sempre relativo e, quando tomado em função da História — seja qual for o fio que se lhe puxe —, continua a medir-se de modos diferentes e a contar longevidades diversas. Exemplo dessa relatividade é salientada por estes dois livros dados à estampa pela Editorial Caminho, na sua colecção «Nosso Mundo».

Em cada um deles se fazem balanços. E não é apenas o fazer-se um «balanço» de um certo número de anos sobre determinado tema que dá o peso do balanço que se apresenta. Um balanço de dez anos anteriores ao 25 de Abril não tem o mesmo significado de um outro dos dez anos que se lhe seguem. Não foi por acaso que na abertura do seu livro sobre os 10 anos de teatro, Carlos Porto escolheu citar Mário Castrim que no «Diário de Lisboa» escreveu um diálogo entre um velho trabalhador e um repórter. Dizia o velho que tinha apenas 4 anos. Como? «Tenho quatro anos porque são feitos depois do 25 de Abril. Antes disso não conto»...

Contemos, pois, os dez anos passados sobre o 25 de Abril. Nas Artes Plásticas com Rui Mário Gonçalves; na Arquitectura com Francisco da Silva Dias; no Teatro com Carlos Porto; no Cinema com Salvato Teles de Menezes. Tudo nomes que não é necessário apresentar, ligados desde há muito aos temas sobre os quais nos dão a sua opinião e, em geral, à divulgação dos mesmos.

A abordagem destes dez anos, ainda tão recentes, é, pois, caso difícil. Disso têm consciência todos os autores dos livros que, hoje propomos à leitura. Não só porque a fatia destes anos — 10 anos depois de Abril — é «especial» por corresponder a um período rico de transformações e agudo na procura de novos rumos, por se encontrarem e reencontrarem vozes caladas durante quase meio século, como porque «não há», no dizer de Rui Mário Gonçalves, «um ponto de observação indiscutível e descomprometido; e o tempo», continua este autor, «pode depurar, ajudar a revelar as estruturas; mas também pode atravancar com hipóteses interpretativas, que aos protagonistas da época podem aparecer como abusivas, por excesso ou por defeito, derivadas da paixão-ficção ou do esquecimento, se não muito simplesmente da ignorância dos factos.»

Não se trata, porém, apenas de registo rigoroso — que no entanto é preocupação demonstrada e objectivo conseguido do que de

significativo aconteceu neste tempo em Portugal no âmbito largo que estes livros abarcam. É também análise crítica do que se materializou entretanto e constitui a renovação cultural que surgiu com o 25 de Abril. Um todo enquadrado na perspectiva política desses dez anos.

Tomemos de novo Rui Mário Gonçalves a dizer do que aconteceu e quando: «o poder político e a cultural nem sempre andaram juntos, o que trouxe um prejuízo mútuo. No diálogo, quase tudo correu bem. Na falta de diálogo, quase tudo correu mal»...

Por outro lado, se alguma forma de arte é sempre influenciada pelo que a envolve — social e politicamente —, a arquitectura muito mais expressivamente se ressentiu do que é o poder. E Francisco da Silva Dias avança, no seu trabalho, «a panorâmica da arquitectura em Portugal» no período de que falamos, «um dos mais dinâmicos períodos do viver colectivo do país, enfocando tanto o contexto que permitiu a actuação das forças que «fazem arquitectura» como o seu produto formal».

Recuando ao início do século, o autor dá-nos primeiro a perspectiva do passado «donde» saiu o 25 de Abril, para depois nos deixar envolver na imaginação e nas alternativas que a revolução permitiu, nas iniciativas que permitiu e fomentou. «Dez anos depois, «nem tudo vai bem no reino da arquitectura»...

Teatro? Carlos Porto recorda a noite de 24. Que espectáculo em cena? Dez anos depois: que teatros em funcionamento?

Entre as duas noites, as perguntas a que, sem as esgotar, responde — colocando a tônica nas «portas que Abril abriu» e detendo-se no trabalho valioso dos grupos independentes, trabalho em liberdade que só a liberdade permitiu, destacando ainda o esforço de descentralização realizado.

O Cinema, por fim. «Mau grado as grandes expectativas criadas» avisa-nos logo Salvato Teles de Menezes, «não é possível falar da existência de um Cinema Português. O que há é um grupo de 3 ou 4 cineastas cuja obra adquire, à luz de critérios objectivos, um valor artístico relativamente apreciável, ocasionalmente elevado».

A par do registo crítico das obras vindas ao écran, o autor dá-nos também o panorama das dificuldades com que se depara o cinema em Portugal. Sem deixar de acentuar as obras significativas de um período rico de experiências e de trabalho.

Balanço, dissemos. Crítica. E também referência. Documento, portanto, indispensável «para todos os que se interessam pela nossa vida artística, literária e cultural actual». Um par de livros, decerto à espera de mais.

# Cinema

A selecção

	António Durão	David Lopes	Manuel Machado da Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
<b>A</b> Amantes	★★★	★★★★	★★★★	—	—
<b>B</b> Desesperadamente Procurando Susana	★★★	—	★★	—	—
<b>C</b> Eu Vos Saúdo Maria	—	★★★	★★★	—	—
<b>D</b> Os Favoritos da Lua	★★★★	★★★★	★★	—	★★
<b>E</b> História Interminável	★	—	★	—	★★
<b>F</b> O Mundo a Seus Pés	★★★★★	—	★★★★★	—	★★★★★
<b>G</b> A Rosa Púrpura do Cairo	★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★★
<b>H</b> A Testemunha	★★★	★★★	★★	★★★	★★★

- A — Real. John Cassavetes — Quarteto/3 (14.00, 16.30, 19.00, 21.15, 23.30) — Lisboa.  
 B — Real. Susan Seidelman — Hollywood/2 (14.30, 16.45, 18.45, 21.30, 23.45) — Las Vegas/2 (15.30, 18.45, 21.30) — Lisboa; Lumière (21.45, 24.00) — Porto.  
 C — Real. Jean-Luc Godard — N'Gola (14.30, 16.45, 19.00, 21.30, 23.45) — Lisboa.  
 D — Real. Otavio Iosseliani — Quarteto/1 (14.30, 16.45, 19.00, 21.15) — Lisboa.  
 E — Real. Wolfgang Petersen — Alfa/3 (13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30, 23.45) — Amoreiras/2 — (13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30, 23.45) — Nimas (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) — Tivoli (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) — Lisboa; Foco — (18.45, 21.30, 24.00) — Passos Manuel (18.45, 21.45, 00.15) — Porto.  
 F — Real. Orson Welles — Cinebloco (14.30, 16.45, 19.00, 21.30) — Lisboa.  
 G — Real. Woody Allen — Las Vegas/1 (15.15, 18.30, 21.30) — Londres (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) — S. Jorge/2 (15.00, 17.00, 19.00, 21.45) — Lisboa; Bébé (18.45, 21.45) — Porto.  
 H — Real. Peter Weir — Alfa Clube (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00) Apolo 70 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00) — S. Jorge/3 (14.15, 16.30, 18.45, 21.15) — Lisboa; S. João (18.45, 21.45) — Porto; Miramar/1 (15.15, 21.30) — Cascais.

# Teatro

O Cartaz

• LISBOA

ABC, Parque Mayer. Às 21.45; Sáb e Dom também às 16.00. **Fiminho mas Jeltosinho**, de J. Bettencourt, versão de César Oliveira e R. Solnado, enc. Carlos César.

Casa da Comédia, R. S. Francisco de Borja, 24. De 3.<sup>a</sup> a 5.<sup>a</sup> a s. 11.00. **Savannah Bay**, de Marguerite Duras, enc. Filipe La Feria.

Centro de Arte Moderna, Sala Polivalente, Píladas, de Pier Paolo Pasolini com encenação de Mário Feliciano.

Comuna, Pr. de Espanha. Café Concerto: **«Cozido à Portuguesa»**, com texto e coordenação de Fernando Gomes, às quintas, sextas e sábados às 22 horas.

Comuna, Pr. de Espanha, **Amadís**, de terça a sábado, às 21.30, domingos às 17, encenação de João Mota.

Comuna, aos sábados e domingos, às 15 h, os **Cégedos**, pelo grupo de teatro «O Bando», a partir de uma história de Almeida Negreiros com encenação de João Brites.

TIL, Rua Leão de Oliveira, 1 aos sábados e domingos às 16 h o **«Canteiro Vaidoso»**, encenação de Ruy de Matos.

Instituto Franco-Português, Av. Luís Bivar, **Embalagem Perdida**, enc. de Ricardo Marques, com Cucha Carvalheiro e Lucinda Loureiro, às 21.30.

Nac. D. Maria II, De 3.<sup>a</sup> a sábado, às 21.30, sábado e domingo às 16 h o **Mor-**

• ALMADA

**Companhia de Teatro de Almada**, (Grupo de Campolide), Rua Capitão Leitão, 64. Dia 25 às 21.30, dias 26 e 27, às 16.30 e 21.30. **Zoo Story**, de Edward Albee, encenação de Joaquim Benite.

**Teatro da Graça**, Trav. S. Vicente, 11. Terça a Sáb/22.00. A Sáb e Dom/17.00. **A Noite e o Momento**, de Crébillon Fils, enc. Carlos Fernando — Grupo Teatro Hoje.

**Teatro Vasco Santana**, Entrecampos (Feira Popular). 3.<sup>a</sup> a Sáb. /21.30, Dom./16.00. **Jardim de Outono**, de Lillian Hellman, enc. Luzia Maria Martins — Teatro Estúdio de Lisboa.

**Teatro Villaret**, Av. Fontes Pereira de Melo. «Pouco Barulho», de 3.<sup>a</sup> a dom. às 21.30 h.

• CASCAIS

**Teatro Experimental de Cascais**, Av. Marechal Carmona, 6-B. De 3.<sup>a</sup> a Sáb/21.45, Dom/17.00. **Duas Anedotas Provincianas**, de Alexander Vaientinovitch, enc. Artur Ramos.

**Teatro Experimental de Cascais**, Av. Marechal Carmona, 6-B. De 3.<sup>a</sup> a Sáb/21.45, Dom/17.00. **Duas Anedotas Provincianas**, de Alexander Vaientinovitch, enc. Artur Ramos.

**Teatro Experimental de Cascais**, Av. Marechal Carmona, 6-B. De 3.<sup>a</sup> a Sáb/21.45, Dom/17.00. **Duas Anedotas Provincianas**, de Alexander Vaientinovitch, enc. Artur Ramos.

• EVORA

**Centro Cultural de Évora**, de 15 a 20 de Outubro, às 21.30. **Horácio**, de Pierre Corneille, encenação de Mário Barradas.

## ...e ainda

Música, debates, etc.

Musicanto/Seiva

O próximo Musicanto terá lugar, amanhã, pelas 22 horas, no Auditório Nacional Carlos Alberto.

Amâncio Prada, acompanhado ao piano por Augustin Serano e ao violoncelo por Mariano Melguizo, ao interpretar as suas canções quer recriar e prolongar as raízes da lírica tradicional — cantigas de amigo dos trovadores galaico-portugueses, canções de Juan del Ancina, do folclore e do Romancero, até à poesia dos nossos dias de Rosália de Castro, de Juan Ramón Jiménez, etc.

Neste espectáculo será entregue o «Prémio Seiva» que foi instituído bienalmente para premiar as individualidades que ao longo da sua vida mais tenham contribuído para o desenvolvimento e dignificação das Artes, das Letras e das Ciências.

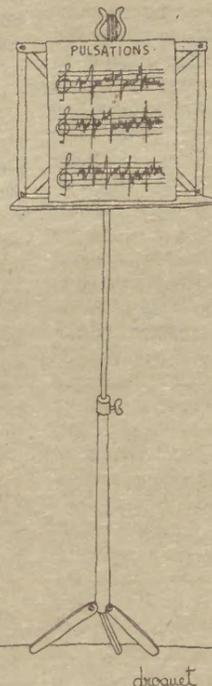
O «Prémio Seiva», foi atribuído ao Mestre Júlio Resende, Professor Doutor Oscar Lopes e Professor Doutor António Coimbra.

Bienal dos Açores

A Primeira Bienal de Arte dos Açores e Atlântico prolonga-se até 10 de Novembro.

Bailado

No Teatro Municipal de S. Luiz, a Companhia Nacional de Bailado apresenta nos dias 25 e 27 o III Programa, preenchido com **Les Sylphides**



Beja; 28 em Évora; 29 em Montemor-o-Novo e em 31 em Lisboa no Coliseu dos Recreios, às 21 com espectáculo e sessão solene com a presença da delegação oficial e do embaixador Mário Neves.

Animação nos jardins

O Instituto de Apoio à Criança, a exemplo do que tem vindo a realizar em Lisboa, está a estender as suas actividades ao Porto.

Assim, prevêem-se para este fim-de-semana, no Parque Basílio Telles, em Matosinhos, pelas 15 horas, actuação do grupo «Cana Verde» com uma peça infantil, enquanto que no Jardim da Arca D'Água, estará o «Pé do Vento». Atenção miudagem, aos jardins do Porto; vai haver animação!

Teatro

Continuam em Carnide as V Jornadas Culturais. Do programa para o próximo fim-de-semana destacamos:

Sexta-feira — 21.30 horas — No Teatro de Carnide, o GETAP-Pragal leva à cena «A Forja», de Alves Redol, numa encenação de José Maria. Sábado — 21.30 horas — Também no Teatro de Carnide, actua o Rancho Folclórico de S. Pedro de Rates, sob a direcção do Dr. Arminho Ferreira.

Cinema

No Forum Picoas, entre 25 e 31 de Outubro — ciclo de cinema sueco. Este ciclo, que integra sete filmes vindos expressamente da Suécia através da embaixada, apresenta obras de destacados realizadores — Bo Widerberg, Margneta Vinterheden, Mai Zetterling, Keve Hjelm e, também, de Ingmar Bergman, com o já clássico «A Noite dos Saltimbancos». Este ciclo é organizado pelo ABC Cineclub de Lisboa.

Este cineclub anuncia também para amanhã, às 18.45 horas, no Estúdio 444, integrado no ciclo de cinema húngaro, a projecção de «Nove Meses», da realizadora Marta Mészáros. Interpretado por Lili Monori, o filme analisa as contradições práticas da emancipação da mulher numa sociedade avançada.

# Exposições

**Arqueologia Industrial**, «Um Mundo a Descobrir, um Mundo a Defender». Visitas guiadas, 3.<sup>as</sup>, 4.<sup>as</sup>, 5.<sup>as</sup> e dom./10 às 17; 6.<sup>as</sup> e sábados até às 21 horas. Na antiga Central Tejo, em Belém.

**Azulejos do Século XIV aos Nossos Dias**. De 3.<sup>a</sup> a dom./10 às 13 e 14.30 às 17. Museu Nacional do Azulejo — Convento da Madre de Deus.

**Colecção Calouste Gulbenkian**. Expostas no Museu e nas Galerias da Fundação, peças — dos tapetes orientais aos livros preciosos — organizadas sob a designação «Reservas da Colecção».

**Exposição de desenhos de Pasolini**, no CAM.

**Vestir 1955-85**. A moda nos últimos 30 anos. Museu Nac. do Traje, Palácio do Monteiro-Mor, Lumiar.

**Arte Portuguesa**, de Mário Botas, Jorge Martins, João Hogan, Eduardo Nery e outros, na Casa Museu Anastácio Gonçalves, Av. 5 de Outubro. De 3.<sup>a</sup> a domingo, das 10 às 17.00.

**«Gaetana Sala de Estar»**, desenhos e trabalhos Tridimensionais de Gaetana, objectos de Ana Jota e pinturas tempera acrílica sobre papel de F. M. Na Galeria EMI-Va-lentim de Carvalho (Palácio das Alcôças, Rua Cruz dos Poiais). Todos os dias (excepto às segundas), das 15 às 19.00.

**Atrium da Imprensa**, Artur Bual, Francisco Relógio, Gil Teixeira Lopes, Ilda Reis, Isabel Lajinhas, João Aires, Joaquim Baltazar, Matilde Marçal, Paiva Raposo e Pedro Saraiva (desenho), João Duarte (escultu-



Jorge Martins

ria), no Atrium da Imprensa, Casa da Imprensa, Rua da Horta Seca, 20 de segunda a sexta, das 10 às 20. Até 28 de Outubro.

**O Imaginário da Cidade de Lisboa**, na Sala de Exposições Temporárias do Centro de Arte Moderna, terças, quintas, sextas e domingos das 10 às 17, quartas e sábados das 14 às 19.30, restantes dias, das 10 às 17.

**João Cutileiro e Luís Camacho** (escultura e pintura), na Galeria Leo, trav. da Quelmada, 48, de terça a sábado, das 15 às 19. Até 8 de Novembro.

**Maria Irena Ribeiro**, Ciclo da Terra (gravura), Atelier 15 rua Freitas Gazaul, 24 D; de segunda a sexta, das 18 às 22, sábados, das 15 às 19. Até 31 de Outubro.

**Quarenta Anos de Pintura**, Grupo dos Artistas Portugueses, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, das 14 às 20. Até 4 de Novembro.

**Mimi** (pintura), Galeria da Escola Superior de Belas-Artes de segunda a sexta, das 15 às 20. Até 8 de Novembro.

**«Luz do Sol»** (pintura), na Galeria Novo Século, rua do Século, 23-A, de segunda a sábado das 14 às 20. inaugura a 18 de Outubro, até 8 de Fevereiro.

**A Imagem Holográfica — Oito Artistas na Era do Laser**, na Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Gulben-

leria Módulo, av. da Boavista, 854, de segunda a sábado ds 16 às 20. Até 7 de Novembro. PORTO.

**Augusto Canedo** (pintura), Galeria EG, Rua do Castro, 210, de terça a sábado, das 16 às 19.30. PORTO.

**José Guimarães** (pintura) no Centro Cultural São Lourenço. ALMANCIAL.

**Um Ano Depois**, colectiva dos autores que ao longo do ano expuseram na Galeria Astolfi, Birre, de quarta a segunda das 16.30 às 21. Cascais.

4.ª Colectiva de Gravura e Desenho,

de Arte do Casino, das 17 às 24. Até 31 de Outubro. PÓVOA DE VARZIM.

**Artes Plásticas do concelho de Santia-go do Cacém**, no Museu Municipal. Até 9 de Novembro. SANTIAGO DO CACÉM.

**Santarém vista pelos artistas** (pintura e desenho) no Forum do Centro Cultural Regional, Rua Dr. Joaquim Luís Martins, 16, de segunda a sexta das 15.30 às 19 e de 21.30 às 23, sábados e domingos das 15 às 19. Até 1 de Novembro. SANTARÉM.

Arqueologia Na-



Hansi Stael

na Galeria, rua Nova de Alfaroarreira, 7 D/r/c de terça a domingo, das 15 às 19. Cascais.

**António Mira** (óleo sobre papel), Gunter Grass — «Do Desenho e do Escrever» (litografias), **João Paulo Feliciano** — «Pontes e Passagens de Nível» (desenho e pintura) nas Galerias do Circulo de Artes Plásticas, rua Castro Matoso, 18, de segunda a sábado, das 15 às 18 e das 22 às 24. Até 12 de Novembro. COIMBRA.

**José Ribeiro**, pintura, aguarela e desenho. Palácio do Turismo. SINTRA.

**Exposição Nacional — Ano Internacional da Juventude e da Música** (pintura, serigrafia, desenho, etc.) na Casa Museu Teixeira Lopes, de terça a sábado, das 9 às 12 e das 14 às 19, domingos, das 14 às 18. Até 30 de Novembro. VILA NOVA DE GAIA.

**Azulejos e Jardins das Estações Portuguesas**, no Centro de Medicina de Reabilitação de Alcoitão. Até 31 de Outubro. ESTORIL.

**Alguns da Nova Geração**, na Galeria

# Tempo

Fim de Semana



A antevisão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, indica céu pouco nublado, temporariamente muito nublado, vento fraco, neblinas e nevoeiros pela madrugada e manhã.

# Utilidades & variedades

■ **António Durão**

## Orson Welles — um génio do cinema

Era norte-americano, tinha uma estatura enorme, fumava charutos, aprendeu a ler em Shakespeare, iniciou-se na prestidigitação com Houdini e a cultura europeia era-lhe familiar. Fazia filmes que se tornavam inevitavelmente clássicos e suspeita-se que tenha sido um dos três maiores cineastas de sempre. Faleceu aos 70 anos, no dia 10 de Outubro de 1985. Chamava-se Orson Welles.

Não obstante tudo aquilo que se escreveu sobre o autor de obras-primas tais como **O Mundo a Seus Pés** (Citizen Kane - 1941), **O Esplendor dos Ambersson** (The Magnificent Amberson - 1942) ou **A Sede do Mal** (Touch of Evil - 1957) será a partir de agora que se começará a ter uma ideia mais nítida da verdadeira dimensão do seu imenso talento e da vastíssima influência que exerceu em sucessivas gerações de cineastas de todos os continentes.

Invocar-lhe o génio e o gigantismo não é suficiente. Welles era a própria razão de ser do cinema, a sua marca estava em todo o lado. Conduziu a estética cinematográfica por caminhos antes ignorados e abriu-lhe perspectivas artísticas inteiramente novas. De André Bazin a Youri Lotman, o nome de Orson Welles tinha lugar reservado em qualquer estudo sobre a arte do cinema digno desse nome. As suas inovações estilísticas, quando não filmes inteiros, foram dissecadas vezes sem conta pelas ferramentas teóricas e as grandes coordenadas humanistas, sociais e filosóficas da sua obra suscitaram repetidas análises, interrogações e reflexões.

Poucos se podiam comparar ou medir com ele: Griffith, Stroheim, Eisenstein, Renoir, Mizoguchi, Kurosawa, Visconti e um ou outro mais. Foi de tal modo grande a fazer arte com uma câmara de cinema que não é forçado dizer que a evolução da arte cinematográfica pode ser encarada segundo dois eixos: um, cronológico-histórico, com Welles a demarcar duas épocas; outro, artístico, com Welles a separar duas estéticas — a sua e a dos outros. É absolutamente impossível imaginar a história do cinema sem **O Mundo a Seus Pés**, da mesma maneira que é inteiramente impossível imaginar a história da pintura sem **As Meninas**, de Velasquez, a da literatura sem **D. Quixote**, de Cervantes, ou a da filosofia marxista sem **A Dialéctica da Natureza de Engels**. São obras cuja projecção para o futuro aumenta à medida que o tempo passa.

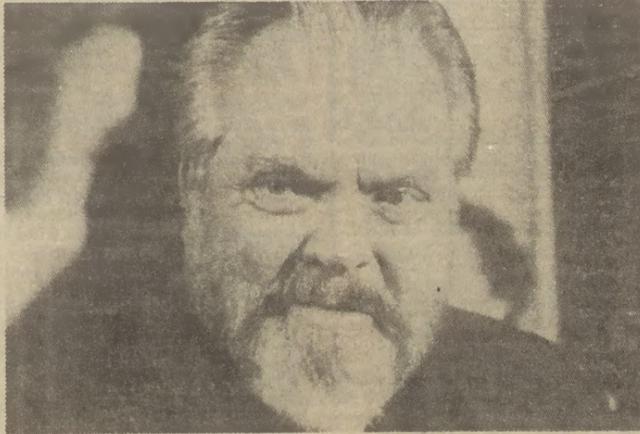
Orson Welles já era célebre no teatro e na rádio quando assinou com a RKO um contrato fabuloso que lhe dava total liberdade de acção, desde o argumento até à mesa de montagem. Foi assim que em 1941, com 25 anos, e depois de ter passado um ano a ver todos os filmes que mereciam ser vistos (viu 40 vezes **Cavalgada Heróica**, de John Ford), Welles realizou **O Mundo a Seus Pés**, retrato implacável e contundente da decadência moral capitalista na figura de Charles Foster Kane, personificação de William Randolph Hearst, magnate da imprensa americana.

Mas Hollywood, onde então ainda pairava o fantasma de Stroheim, era demasiado pequena para a grandeza de Welles. O «éxito de bilheteira» não aconteceu e a partir de **O Esplendor dos Ambersson** a liberdade de criação desaparece. Embora mutilada, esta obra magnífica e fascinante, misto de tragédia shakespeariana e realismo balzaquiano possui a invulgar chancela welle-siana.

Estes dois filmes teriam bastado para se reconhecer em Welles um dos maiores cineastas de sempre. Uma utilização sistemática e antológica dos processos técnicos, expressivos e narrativos dispersos em muitas e variadas obras, de Stroheim a Renoir, de Murnau a William Howard (The Power and The Glory - 1933), de Ford a Eisenstein, ou então a invenção pura e simples dos processos estilísticos, provocaram uma alteração profunda na estética do cinema. Objectiva de curta focal, plano-sequência, profundidade de campo, rupturas cronológicas, claro-escuro, multiplicação dos pontos de vista, figuração elíptica e simbólica, iluminação expressionista, introdução de tecos nos cenários, contrastes entre plano curto e plano longo, simultaneidade de acções no mesmo plano, «travellings» e angulações inverosímeis, banda-som radiofónica, etc., etc., — tudo serviu a Welles para lançar as bases daquilo a que chamava «cinema dinâmico», baseado na planificação e na montagem e expressão duma visão do mundo que ele próprio definiu como uma espécie de vertigem e incerteza, uma mistura de movimento e tensão.

Tal visão confirma-se e revela novos aspectos, acompanhados de recursos estilísticos surpreendentes, em filmes como **Macbeth** (Macbeth 1947-50) **A Dama de Xangai** (The Lady from Shanghai - 1948), **Relatório Confidencial** (Confidential Report/Mr. Arkadin - 1956), **A Sede do Mal**, **O Processo** (The Trial - 1962), **Badaladas da Mela-Noite** (Falstaff/Chimes at Midnight - 1966). Feitos entre os EUA e a Europa por entre dificuldades de toda a ordem, acusam por vezes sensíveis diferenças de valor, mas **A Dama de Xangai** e **A Sede do Mal** tornaram-se verdadeiros expoentes do «thriller».

Welles, obrigado a abandonar Hollywood em 1948 e 1958, não teve oportunidade de realizar mais do que quinze filmes em quarenta e cinco anos, mas a sua transbordante actividade não se ficou por aí. Escreveu dezenas de argumentos que nunca teve oportunidade de concretizar (é seu o argumento de «Mr. Verdoux», de Chaplin) e passou a sua extraordinária classe de actor não só em obras realizadas por si como ainda em mais de 60 filmes, alguns



dos quais assinados por cineastas tão diferentes como John Houston e Carol Reed, Sacha Guitry e Martin Ritt, Richard Fleisher e Abel Gance, Pasolini e Tony Richardson, Fred Zinnemann e Serguei Bondartchuck. Já faziam parte da lenda os filmes que começava e não acabava, por falta de dinheiro ou produtor interessado. Desde 1955 que tentava terminar **D. Quixote** e o seu último filme — **The Other Side of the Wind** (O Outro Lado do Vento) — era, em palavras suas, o retrato de um grande realizador numa mescla de John Ford, Hemingway e John Houston; **Filming Othello**, de 1979, teria sido uma espécie de testamento, enquanto que **For Fake** (O Mundo dos Falsários) foi em grande parte realizado pelo francês François Reichenbach.

Nos filmes de Welles existem algumas das personagens mais complexas da arte narrativa do século XX e, tal como o seu criador, vivem em permanente tensão entre o sentimento e a razão. Possuem um poder desmedido, são emanções típicas das sociedades classistas mas estão condenadas a cair do seu pedestal. Welles afirmava que fazia cinemascópio moral, isto é, dava a todas as personagens os melhores argumentos para se defenderem mesmo que

não estivesse de acordo com elas, o que produzia uma sensação de ambiguidade. E concluiu com lucidez: «as personagens são ambíguas, mas a obra não o é». O que unifica todos os temas dos principais filmes de Orson Welles, o tema maior, a abstracção que os sintetiza, é o do **desmoronamento/desintegração** de um mundo, de uma família, de um indivíduo, essa queda que se torna na alegoria da sociedade de classes, em primeiro lugar a capitalista, através da ascultação daquilo que os homens interiorizaram no mais esconso e profundo da sua consciência. Reside aqui o grande e autêntico testamento que Orson Welles — para lá de todas as contradições da sua concepção trágica do mundo e da sua personalidade dionisíaca e narcisista — legou à Humanidade.

Por mais de uma vez foi Orson Welles levado a tomar posição na luta democrática e antifascista. Em 1937, no Mercury Theater de Nova Iorque, quando na Europa o fascismo se encontrava na fase ascendente, interpretou Júlio César com o uniforme fascista, numa clara alusão a Hitler e Mussolini. Um ano antes fizera uma encenação **negra** de Macbeth, no **Negro Theater**. Durante os anos de

guerra, impedido que estava de fazer filmes, toma parte activa na campanha eleitoral de Roosevelt, combate o anti-semitismo e o segregacionismo e participa em campanhas de esclarecimento sobre a natureza do nazismo.

As suas concepções democráticas ficaram expostas em vários textos dispersos por jornais e revistas, tendo-se tornado célebre a sua afirmação de que, durante o período de «caça às bruxas» levada a cabo pelo senador anticomunista McCarthy, aqueles que traíram fizeram-no para salvar as suas piscinas.

Subiu aos mais altos cumes do universo artístico, mas não gostava de se ver isolado em torres de marfim. A sua obra, dizia, era uma luta pela dignidade do indivíduo, e acrescentava: «**Estou em completo desacordo com essas obras de arte, romances e filmes que, na nossa época, falam de desespero. Creio que um artista não pode adoptar como tema o desespero total: só se pode utilizar um tema desse género quando a vida é menos perigosa e mais claramente afirmativa**».

Com Orson Welles o cinema adquiriu definitivamente um estatuto de maioridade na tipologia das artes, através da **afirmação sistemática** da matéria linguística e estética que individualiza o meio expressivo e da função do cineasta como criador artístico. Nenhuma concepção estético-filosófica poderá ignorar ou subvalorizar a importância do **legado artístico** de Orson Welles, duma obra que ficará para sempre ligada à caracterização cultural do século XX. Particularmente referenciada a um mundo de valores materiais e ideológicos em processo de desaparecimento, nem por isso a arte de Orson Welles deixa de possuir uma dimensão de universalidade que ultrapassa as fronteiras do seu horizonte físico e temporal. Pertence à Humanidade.



Fotograma de **Citizen Kane** (**O Mundo a Seus Pés**) o filme que mudou a face do cinema. Contra ele se ergueram **Randolph Hearst**, magnate da imprensa visado no filme, a banca **Morgan** e **Louis B. Mayer**, patrão da **Metro**, oferecia centenas de milhares de dólares para destruir o negativo e as cópias existentes. Mas Orson Welles resistiu a isto e muito mais e passados poucos anos o filme adquiriu uma projecção mundial

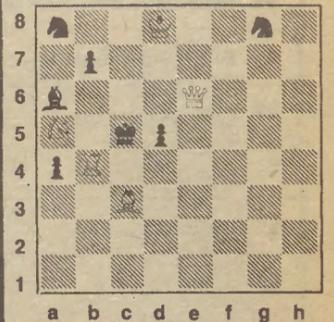
## Xadrez

XXIII — 24 de Outubro de 1985

PROPOSIÇÃO N.º 23  
Por R. Gevers  
«Die Rätsel», 1929

Pr. (7): Ps. a4, b7, d5-Cs. a8, g8-Ba6-Rc5

Br. (5): Ca5-Bc3-Tb4-De6-Rd8



Mate em 2 lances

\*\*\*  
JOGO N.º 23

Torneio Interzonal, Tunes/85

Br. A. Yussupov  
Pr. L. Portisch

1. d4, d5; 2. c4, dx4; 3. e4, Cf6; 4. e5, Cd5; 5. Bxc4, Cb6; 6. Bb3, Cc6; 7. Cf3, Bg4; 8. Bx7+, Rxf7; 9. Cg5+, Re8; 10. Dxc4, Dxd4; 11. De2, Dxe5; 12. Be3, Cd5; 13. Cf3, Df5; 14. O-O, e6; 15. Cc3, Td8; 16. Tfe1, Be7; 17. Cb5, Cxe3; 18. fxe3, a6; 19. Cxc7+, Rd7; 20. Cxa6, Ta8; 21. Ted1+, Rg8; 22. b4, Txa6; 23. b5, Ta3; 24. bxc6, b6; 25. Tab1, Bc5; 26. Tb3, Ta5; 27. Dc4, Txa2; 28. Txb6, Bxe3+; 29. Rh1, Bxb6; 30. Dxa2, Rg7; 31. Td7+, Rxc6; 32. Da4+, Rc5; 33. Cd2! (Impede Db1 e ameaça Cb3 mate!) e as Pr. abandonam.

\*\*\*  
SOLUÇÕES (XXIII — 24.X.85)

Chave: 1. Dd7! Bloqueio!; 1...., Ca ad lib.; 2. Dc7 ++; 1...., Bd5; 2.Dxd4 ++; 1...., B ad lib.; 2. Cxb7 ++; 1...., Bb5; 2. Txb5 ++; 1...., a3; 2.Cb3 ++; 1...., b ad lib.; 2. Dc6 ++; 1...., Cg ad lib.; 2. De7 ++.

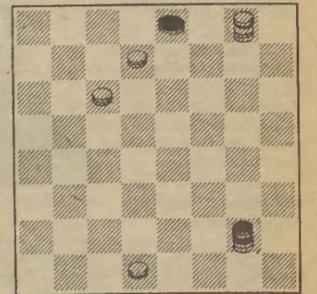
■ A. de M.M.

## Damas

XXIII — 24 de Outubro de 1985

PROPOSIÇÃO N.º 23

Por António dos Santos Matias  
«Revista Portuguesa de Damas» n.º  
5, 15.III.39  
Pr. (5)-30



Br. 3-23-27-(29)

Jogam as brancas e ganham

JOGO N.º 23

Br. H. Medalha — Pr. J. Ferreira  
Almada, 29 de Julho de 1972

1. 10-14, 23-19; 2. 14-23, 28-19; 3. 5-10, 32-28; 4. 11-15, 28-23; 5. 7-11, 23-20; 6. 12-16, 19-12; 7. 8-15, 22-19; 8. 16-23, 27-20; 9. 15-22, 26-19; 10. 11-14, 19-15; 11. 14-19, 20-16; 12. 19-23, 24-20; 13. 6-11, 15-7; 14. 2-11, 16-12; 15. 9-13, 29-26; 16. 10-14, 20-16; 17. 13-18, 12-7; 18. 3-12, 16-7; 19. 14-19 (perdentel), 21-14; 20. 11-18, 26-21 e G. Pr.

\*\*\*  
GOLPE N.º 23

Por Joaquim Nicolau, 1946

1. 10-14; 22-18; 2. 12-15, 23-20; 3. 6-10, 28-23; 4. 10-13, 27-22; 5. 13-17, 31-17; 6. 8-12, 20-16; 7. 3-7, 32-28; 8. 5-10!?? Golpe G. Pr. Br. 1-2-4-5-6-7-9-11-12-14-15-17. Pr. 16-18-21-22-23-24-25-26-27-28-29-30 J. Pr. G.)

\*\*\*  
SOLUÇÕES (24.X.85)

N.º 23 (A.S. Matias): 29-15, 5-32 (Se: 5-28; 15-24, 30-23; 28-31 +); 15-24, 30-24; 24-28 +.

GOLPE N.º 23 (J. Nicolau): 8. ...., 22-19; 9. 15-31, 18-13; 10. 9-18, 30-27; 11. 31-22, 26-19; 12. 17-26, 29-13; 13. 10-17, 19-3 = D G. Pr.

■ A. de M.M.